



Mirian Cristina dos Santos

PALESTRANDO DE MINAS GERAIS: A PRODUÇÃO PERIODÍSTICA DE ELISA LEMOS E MARIA EMILIA LEMOS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA

Dezembro de 2010





Mirian Cristina dos Santos

PALESTRANDO DE MINAS GERAIS: A PRODUÇÃO PERIODÍSTICA DE ELISA LEMOS E MARIA EMILIA LEMOS

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Teoria Literária e Crítica da Cultura

Linha de Pesquisa: Literatura e Memória Cultural

Orientador: Maria Ângela de Araújo Resende

PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS: TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA

Dezembro de 2010





MIRIAN CRISTINA DOS SANTOS

PALESTRANDO DE MINAS GERAIS: A PRODUÇÃO PERIODÍSTICA DE ELISA LEMOS E MARIA EMILIA LEMOS

Banca Examinadora

Profa. [ra. Maria Ång	ela de Araŭ	jo Resende	UPS Orienta	idora
		ur zart Zahidé Lupi	inacci Muzar	t – UFSC	
			Sapranoli		
	Profa. Dra	a. Adelaine	LaGuardia -	UFSJ	
	01			Elentu	

À minha mãe, que compartilhou comigo a ansiedade destes últimos anos!

Ao Vander, cúmplice!

AGRADECIMENTOS

À Profa. Maria Ângela, pela orientação recebida; Ao REUNI, pelo financiamento da pesquisa.

RESUMO

Diversas escritoras brasileiras do século XIX - dentre as quais Júlia Lopes de Almeida (1862- 1934), Cândida Fortes (1862-1922), Narcisa Amália (1852-1924), Anália Franco (1853-1919) –, que publicaram seus primeiros textos em periódicos, são atualmente reconhecidas por seu trabalho intelectual graças ao empenho arquivístico de historiadoras e críticas literárias feministas. Embora várias escritoras do período tenham-se debruçado sobre temas como cultura e educação, muitas não foram reconhecidas pela crítica literária e cultural de sua época e tampouco pela historiografia mais recente. Nesta pesquisa focalizamos a produção de Elisa Lemos e Maria Emilia Lemos - duas escritoras não mencionadas mesmo em dicionários e antologias de referência, como os organizados por Hollanda (1993), Muzart (2000; 2004; 2009) e Coelho (2002). Elisa Lemos e Maria Emilia Lemos foram escritoras residentes em Minas Gerais no final do século XIX. A primeira atuou no periódico são-joanense A Patria Mineira (1889-1894) e no jornal carioca A Família (1888-1898); já a segunda escreveu artigos para a revista paulistana A Mensageira (1897-1900). Mediante a análise da produção periodística de ambas, traçamos apontamentos acerca de suas biografias e das particularidades de sua escrita. Também refletimos, a partir dessas escritoras, sobre as principais reivindicações feministas do fin de siècle brasileiro.

Palavras-chave: Elisa Lemos; Maria Emilia Lemos, *A Patria Mineira*; *A Familia*; *A Mensageira*.

ABSTRACT

Several nineteenth-century Brazilian women writers – including Julia Lopes de Almeida (1862-1934), Candida Forte (1862-1922), Narcisa Amalia (1852-1924), Anália Franco (1853-1919) – who published their first texts in journals are now recognized for their intellectual work thanks to feminist historians' and literary critics' archivistic engagement. Although many writers of the period have been addressing issues such as culture and education, many of them were not recognized by their contemporary literary and cultural criticism, or by the most recent historiography. In this research we highlight Elisa Lemos' and Maria Emilia Lemos' productions – two women writers not mentioned even in referential dictionaries and anthologies such as those organized by Hollanda (1993), Muzart (2000; 2004; 2009), and Coelho (2002). Elisa Lemos and Maria Emilia Lemos were women writers who lived in Minas Gerais in the late nineteenth century. The former published in the periodicals A Patria Mineira (1889-1894), from São João del-Rei, and A Familia (1888-1898), from Rio de Janeiro, while the latter wrote articles for the feminist magazine A Mensageira (1897-1900), from São Paulo. By analysing both women's journalistic production, we write preliminary notes about their biographies and their writing particularities. We also reflect about major feminist concerns in Brazilian fin de siècle.

Keywords: Elisa Lemos; Maria Emilia Lemos; *A Patria Mineira; A Familia; A Mensageira*.

A poeira dos arquivos de que muita gente fala sem nunca a ter visto, surgindo tenuíssima de páginas que se esfacelaram ainda quando delicadamente folheadas, esta poeira clássica — adjetivemos com firmeza — que cai sobre tenazes investigadores ao investirem contra longas veredas do passado, levanto-a diariamente. E não tem sido improfícuo o meu esforço.

Euclides da Cunha, À Margem da história

SUMÁRIO

	Intro	odução	11		
1.0	Palestrando de S. João d'El Rey: A produção periodística de Elisa Lemos				
	1.1	Elisa Lemos: uma cronista de muitos gêneros	28		
	1.2	Confidencias electricas: e a educação dos nossos filhos?	31		
	1.3	O feminismo de Elisa Lemos	39		
	1.4	Uma nova aurora: educação feminina	41		
	1.5	Sobre o luxo: mulher e moda	44		
	1.6	Não me julguem vaidosa: o peso de uma foto	48		
	1.7	Qual é o dever de uma mulher?	53		
	1.8	Moralistas criteriosos e glorificadores da mulher	57		
	1.9	Bons companheiros para um espírito moço	59		
	1.10	A prosa poética de Elisa Lemos	64		
	1.11	Nos rastros de Elisa Lemos	67		
2.0	Con	ares de Chronica: A produção periodística de Maria Emilia Lemos	74		
	2.1	Um teto todo seu	75		
	2.2	Eu não quero e nem posso ir tão longe!: Política e emancipação feminina	78		
	2.3	O feminismo de Maria Emilia: nada de exaltações ! (?)	81		
	2.4	Artigos Com ares de chronica	85		
	2.5	Entre emoção e razão: a poesia e a <i>penna arida</i>	87		
	2.6	Falso encanto da rainha do lar: em defesa da mulher	93		
	2.7	Abolição da escravidão da mulher: responsabilidade social	99		
	2.8	Contra os defensores do lar: em busca de autonomia	106		
	2.9	Um exemplo de profissional liberal	109		
	2.10	Do mundo para o interior de Minas Gerais: Uma biografia impossível	115		

Considerações Finais	118
Bibliografia Geral	129
Anexos	135
Foto Elisa Lemos	136
Foto do jornal <i>A Familia</i>	137
Foto da revista <i>A Mensageira</i>	138
Foto do jornal <i>A Patria Mineira</i>	139
Textos Elisa Lemos publicados n'A Familia	140
Textos Elisa Lemos publicados n'A Patria Mineira	155
Textos Maria Emilia publicados n' <i>A Mensageira</i>	171

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XIX, sobretudo na segunda metade, diversos periódicos dirigidos por mulheres começaram a circular em diferentes regiões do país, divulgando crônicas sociais, poemas, artigos, além de comentários sobre moda dirigidos ao *bello sexo*. Também reivindicavam melhores condições para as mulheres, primordialmente o acesso à instrução formal e a direitos civis. Dentre tais periódicos, é possível citar *O Jornal das Senhoras* (1852)¹, o *Belo Sexo* (1862), *O Sexo Feminino* (1875), A *Familia* (1888) e *A Mensageira* (1897), os quais, mais do que representarem um espaço de afirmação identitária, consolidaram-se como instrumentos para o desenvolvimento da expressão estética e política de escritoras e cronistas, além de constituírem redes de apoio entre elas. O papel desses jornais incluía desde a "tentativa de realizar uma historiografia própria, até a de organizar circuitos de divulgação de trabalhos, de solidariedade ou de discussão e protesto sobre a condição feminina" (HOLLANDA, 1993, p. 17).

Diversas escritoras do século XIX – dentre as quais Júlia Lopes de Almeida (1862- 1934), Cândida Fortes (1862-1922), Narcisa Amália (1852-1924), Anália Franco (1853-1919) – que publicaram seus primeiros textos em periódicos são atualmente reconhecidas por seu trabalho intelectual, graças ao empenho de historiadoras e críticas literárias feministas. Embora várias escritoras do período tenham-se debruçado sobre temas como cultura e educação, muitas não foram reconhecidas pela crítica literária e cultural de sua época e tampouco pela historiografia mais recente. Nesta dissertação, focalizamos a produção de duas escritoras – Elisa Lemos e Maria Emilia Lemos – "esquecidas" mesmo por dicionários e antologias de referência, tais como os organizados por Hollanda (1993), Muzart (2000; 2004; 2009) e Coelho (2002). Elisa Lemos e Maria Emilia Lemos tiveram participação ativa na imprensa de Minas Gerais no *fin de siècle*. A primeira atuou no

_

¹ As datas se referem ao início das atividades de cada periódico.

periódico são-joanense A Patria Mineira, órgam da Idea Republicana (1889-1894)², e n'A Família, Jornal Literário dedicado a educação da Mãe de família (1888-1898). Já a segunda escreveu artigos para a revista paulistana A Mensageira, Revista literária dedicada á mulher brazileira (1897-1900).

Filiando-nos à linha de pesquisa "Literatura e Memória Cultural", vinculada ao Mestrado em Letras da UFSJ, o qual tem como área de atuação a conjunção entre "Teoria Literária e Crítica da Cultura", realizamos uma possível releitura da história e memória cultural brasileira, enfatizando a contribuição de duas mulheres letradas para a luta pela emancipação feminina no final do século XIX. Para tanto, tomamos como objeto de investigação as publicações de Elisa Lemos e Maria Emília Lemos nos periódicos *A Família, A Patria Mineira e A Mensageira*. Mediante uma análise comparativa entre os artigos dessas escritoras e os respectivos periódicos em que publicaram, "pode-se avaliar o grau de radicalidade de determinada escrita, comparar sua linguagem e estilo com as outras linguagens do todo em que se insere, perceber seu caráter de inovação ou conservadorismo" (CURY, 1998, p.25). Nesse sentido, para não considerar os textos isolados de suas condições específicas de produção, publicação e circulação, o *corpus* abrangerá também os respectivos periódicos.

O corpus constitui-se de dezoito publicações de Elisa Lemos e onze de Maria Emilia Lemos. Os textos de Elisa Lemos publicados em *A Familia* são: "Palestrando de J. João del Rey" (5 textos), "Um Convertido", "Requisitos para um bom esposo" (tradução), "Uma Historia Verdadeira", "Onde está a felicidade?", "A esperança", "O anjo da guarda", "Confidencia", "A vida", "No Bosque" e "O Crepúsculo". Já aqueles publicados em *A Patria Mineira* são: "Confidencias Electricas", "Palestrando em J. João del Rey" (2 textos transcritos de *A Família*), "Encontro Feliz", "Suspiros", "Onde está a felicidade?", "Uma Historia Verdadeira" e "Confidencia". Quanto a Maria Emilia Lemos, tomamos os seguintes textos publicados em *A Mensageira*: "Falso Encanto",

² As datas se referem ao período de circulação de cada periódico.

"Com ares de Chronica" (9 textos, dos quais 8 são crônicas e um editorial), e "A Influencia do lar".

Elisa Lemos, jovem residente em São João del-Rei, colaborou em periódicos como *A Família* e *A Patria Mineira*. Apesar de contar apenas 21 anos quando começou a escrever nesses periódicos, seus textos já possibilitavam entrever uma percepção crítica acerca do papel ocupado pela mulher na sociedade brasileira no final do século XIX. Em *A Patria Mineira*, após algumas publicações, conquistou uma coluna intitulada "Palestrando de S. João del Rey", em que lutava pela emancipação feminina. Todos os seus textos n'*A Patria Mineira* ocupam a página dois do periódico republicano. Já os textos publicados n'*A Familia* não possuem um espaço fixo.

Os textos da cronista podem ser divididos em dois grupos: o primeiro contempla artigos que trazem reivindicações feministas como tema; já o segundo se restringe a prosas poéticas nas quais o amor e a natureza são o foco central. Neste último grupo, a escritora se vale de uma linguagem figurativa, recorrendo a simbologias para "transmitir" ensinamentos a suas leitoras.

Em relação a Maria Emilia – nome pelo qual era identificada nas páginas de *A Mensageira* – pouco se sabe até o presente momento. A escritora foi incluída por Presciliana Duarte de Almeida entre as principais escritoras brasileiras do *fin de siècle*, mesmo antes de publicar seus artigos em *A Mensageira*. Contudo, não há informações biográficas ou bibliográficas a seu respeito. Sabemos apenas que seu lugar de enunciação é Minas Gerais graças a uma nota da própria Maria Emilia, publicada no número 3 da revista, para retificar uma informação divulgada por Almeida, que confundira seu sobrenome: "entre as brazileiras mencionadas no seu artigo de apresentação teve a generosidade de collocar-me. Houve, porém, ligeiro engano quanto ao meu ultimo nome, que raramente assigno e é Lemos.(...) Minas, Novembro 97" (MARIA EMILIA⁴. *A Mensageira*, N.3, 15 de Novembro 1897, p. 43).

³ Optamos por manter a grafia original em todas as transcrições.

Portadora de uma "penna arida", conforme ela própria se definia, Maria Emilia estimulava as mulheres, através de seus artigos, a lutarem pela emancipação, pelo trabalho e participação na vida pública. Em seus artigos, que não possuíam uma localização fixa dentro da revista, a escritora trazia a público os anseios e necessidades comuns às mulheres de seu tempo, contribuindo, assim para a luta feminista. Dessa forma, eram recorrentemente levantados temas como educação, emancipação, liberdade, trabalho e profissões liberais, sobretudo em sua coluna "Com ares de chronica".

Elisa Lemos colaborou em dois periódicos: *A Patria Mineira* e *A Família*. O primeiro, editado semanalmente em São João del-Rei, disseminou ideais republicanos através de seus editoriais, artigos de opinião, contos históricos e romances. Fundado e editado por Sebastião Sette Câmara⁵, esse jornal, além de artigos e textos de autoria masculina, ocupou-se, também, da educação de mulheres por meio da seção "Folhetim" e de outros espaços de escrita. Assim, a participação das mulheres no periódico funcionava, também, como formas de incentivo para que outras mulheres escrevessem.

Esse periódico, que circulou semanalmente entre 1889 e 1894, possuía quatro páginas, cinco colunas e uma última folha com diversos anúncios, como era habitual em jornais oitocentistas⁶. Além de longos editoriais escritos pelo editor Sebastião Sette, em quase todos os números a seção "Folhetim" se fez presente, bem como as seções "Pêndula", "Notas e impressões", "Notas alegres" e alguns poemas quase sempre escritos por homens.

-

⁴ Optamos por fazer referêcia a Elisa Lemos e Maria Emilia Lemos pelos dois primeiros nomes em virtude do sobrenome comum das escritoras.

⁵ Sebastião Sette nasceu na Comarca de Caeté, em 1844. Ainda menino, mudou-se com a família para as proximidades de Santa Cruz do Escalvado, distrito de Ponte Nova. Conhecia quatro línguas estrangeiras: espanhol, italiano, francês e inglês. Mudou-se para São João del-Rei em 1886, com seu filho Altivo Sette, onde veio a lecionar inglês e francês na Escola Normal da cidade.

⁶ Acerca da caracterização d'A Patria Miniera, Cf. Resende 2005.

Já o jornal *A Família* testemunhou momentos decisivos da história brasileira e das investiduras das mulheres de letras na luta por direitos, sobretudo a libertação da tutela masculina (DUARTE, *apud* RESENDE, 2005). O periódico foi considerado por Sebastião Sette como "o unico existente no Brasil dedicado aos interesses do bello sexo" (*A Patria Mineira*, N. 220, 28 de dezembro 1893, p.3, col. 4). A primeira causa defendida pelo jornal em prol da elevação do *status* das mulheres na sociedade brasileira foi a instrução. A editora, Josephina Alvares de Azevedo, reivindicava para o *bello sexo* uma educação muito além daquela voltada para o aprendizado de prendas domésticas. Josephina também discutia questões como o sufrágio feminino e o casamento, criticando a incoerência da lei do casamento civil que proibia o divórcio.

A Família circulou entre 1888 e 1898⁷, sendo que, de novembro de 1888 a abril do ano seguinte, foi publicado em São Paulo, sendo posteriormente transferido para o Rio de Janeiro, então capital da República. Apesar das constantes mudanças no *layout* do jornal⁸, sobretudo no tocante ao tipo de letra do cabeçalho, o periódico trazia como lema a frase "Veneremos a mulher! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a!", de Victor Hugo, em todos os seus números. O jornal tinha periodicidade semanal, e geralmente continha oito páginas, três colunas e a maioria de suas edições não possuía propagandas. Porém, em algumas edições, o periódico chegou a oscilar entre o formato jornal e revista. Em maio de 1890, por exemplo, a editora comentava a mudança de formato de revista para jornal. Doravante o periódico passaria a ter quatro páginas, a última composta por propagandas, e cinco colunas – formato semelhante aos outros jornais da época. Em fevereiro de 1891, *A Familia* voltava ao seu formato original, atendendo a pedidos de assinantes: "muitas pessoas que

-

⁷ Apesar do esforço de Josephina Álvares de Azevedo, que lançou mão de todos os recursos para a manutenção do periódico (Cf. *A Familia*, 1891), em abril de 1891 o periódico passou a ser administrado, também, pela Companhia Imprensa Familiar, dirigida por Ignez Sabino. Embora o jornal fosse administrado pela Companhia, Azevedo permaneceu na direção e redação do periódico. Essa situação não perduraria por muito tempo, pois, apesar de não encontrarmos dados no jornal acerca desse assunto, no ano posterior *A Familia* não trazia mais o nome da Companhia.

⁸ Somente no primeiro ano do periódico o título *A Familia* veio acompanhado do subtítulo, *Jornal Literario dedicado a educação das mães de família*.

coleccionam esta folha e para estas a revista é sem duvida muito mais commoda, tanto assim é que reiteradas tem sido as solicitações para a mudança feita" (*A Familia*, N. 96, 26 de fevereiro 1891, p. 1, col. 1).

As seções mais recorrentes n'A Familia eram: "Como nos tratam", "Secção alegre", "Receitas domésticas" e "Novidades". O periódico sempre trazia na primeira página um longo editorial escrito, na maioria das vezes, pela editora. Durante os dez anos de publicação, o jornal exibiu apenas um "Folhetim", a comédia O Voto Feminino, escrita pela própria editora do jornal. Como indicado no título, as cenas dessa comédia centralizam as discussões vigentes em torno do sufrágio feminino. Apesar da boa aceitação do público, a peça foi encenada uma única vez no teatro "Recreio Dramático", em maio de 1890 (SOUTO-MAIOR, 2001).

Quanto a Josephina Alvares de Azevedo, reconhecemos que mereça destaque em virtude do seu pioneirismo na história do feminismo brasileiro, ao lado de Nísia Floresta (1810-1885) (op. cit.). Josephina é mais conhecida por sua atuação profissional em periódicos, principalmente como editora do jornal A Família. As informações acerca de sua vida pessoal, inclusive sobre o local de nascimento e sua filiação, são muitas vezes divergentes. Também não há dados precisos quanto a sua carreira acadêmica; tampouco em relação à data e local de sua morte. Pela leitura do jornal sabemos, sem riqueza de detalhes, que Azevedo era natural do Recife, que era casada e tinha filho(s), além de ser prima do poeta Álvares de Azevedo. Tais informações, de acordo com Souto-Maior (Op. Cit.), aparecem de formas divergentes em dicionários biobliográficos, pois em cada tentativa de biografia os dados apresentados são diferentes. Ainda segundo Souto-Maior, a última notícia divulgada a respeito de Josephina foi uma nota publicada em 1898, na revista A Mensageira, acerca da nova fase de A Familia. Em dezembro de 1899, a mesma revista trazia um artigo de Potonié Pierre, traduzido por Josephina. Contudo, mesmo com escassos dados sobre sua vida pessoal, a leitura de sua obra literária e jornalística possibilita a pesquisadores traçar o perfil de uma intelectual consciente do papel marginal ocupado pela mulher na sociedade brasileira no século XIX.

Já *A Mensageira*, para a qual Maria Emilia Lemos colaborou, era editada por Presciliana Duarte de Almeida. Conforme definia Julia Lopes de Almeida, uma das principais colaboradoras da revista, no número de estréia,

esta revista, dedicada ás mulheres, parece-me dever dirigir-se especialmente ás mulheres, incitando-as ao progresso, ao estudo, á reflexão, ao trabalho (...) será para as mulheres um apoio forte e um conselho generoso e bom. (ALMEIDA, Julia Lopes de. *A Mensageira*, N. 1, 15 de outubro 1897, p.4)

A revista incentivava a participação das mulheres no espaço público, em nível social, cultural e profissional, a fim de proporcionar a elevação intelectual da mulher e "estabelecer entre as brazileiras uma sympathia espiritual" (ALMEIDA, Presciliana Duarte de. *A Mensageira*, N. 1, 15 de outubro 1897, p. 1). As palavras de Presciliana ratificam a consciência da cronista sobre o papel da imprensa e apontam para uma possível *comunidade imaginada*, nos termos de Anderson (1989). Atenta ao "espírito do seu tempo", Presciliana convoca suas leitoras, a partir do local, para o exercício de uma "simpatia espiritual", que seria mediada pelo acesso à leitura e à escrita difundida pela revista.

Diferentemente dos dois outros jornais a que tivemos acesso em versão microfilmada cedida pela Biblioteca da UFSJ e pela Fundação Biblioteca Nacional, a revista *A Mensageira* foi consultada em uma edição fac-similar, editada em 1987 – portanto, noventa anos após a publicação do primeiro número da revista – pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. *A Mensageira* foi publicada de outubro de 1897 a janeiro de 1900. No primeiro ano de circulação, a revista possuía periodicidade quinzenal e, no segundo ano, passou a ter uma circulação mensal. O número de páginas no primeiro ano foi constante (16 por edição), enquanto no segundo variou entre 16 e 24 páginas, sem financiamento por anúncios publicitários. As seções mais recorrentes eram: "Carta do Rio", "Selecção", "Notas pequenas", "A Mensageira" e "Com ares de Chronica".

Presciliana Duarte de Almeida, editora da revista, nasceu em Pouso Alegre em 1867. Casada com o poeta e filósofo Sílvio de Almeida, já era conhecida no meio

literário antes do surgimento da revista paulistana. Além de ter colaborado em periódicos da época, Presciliana publicou os seguintes livros de poesia: *Rumorejos* (1890), *Sombras* (1906), *Páginas Infantis* (1908) e *Vetiver* (1939). Em *A Mensageira,* Presciliana publicou artigos, editoriais e poemas; além de poemas, artigos, biografias e crítica literária sob o pseudônimo "Perpétua do Valle". Em 1909, a poeta colaborou na fundação da Academia Paulista de Letras, tornando-se membro em 1910. Presciliana morreu em 13 de junho de 1944, aos 80 anos, na cidade de Campinas⁹.

Ao traçar as perspectivas dos estudos feministas contemporâneos, Hollanda (1993) discute possíveis abordagens críticas, entre as quais tomamos como referência aquela referente à questão da "escrita de mulheres". Na releitura da produção de mulheres em livros, periódicos e suplementos literários, tal vertente atenta para a produção textual de mulheres em um trabalho investigativo e interpretativo que busca "resgatar" uma produção significativa de textos "esquecidos" ou apagados por uma crítica cultural androcêntrica.

De acordo com Piscitelli (2005), "a dominação masculina excluíra as mulheres da história, da política, da teoria e das explicações prevalecentes da realidade" (p. 48). Mary Del Priore (1998), em *História das Mulheres*, argumenta que o "apagamento" da voz feminina foi recorrente ao longo da história. Ao tratar do silenciamento imposto às mulheres, a autora ressalta que estas foram duplamente excluídas: primeiramente, pela dominação efetiva do poder masculino, e, mais tarde, pela memória cultural – coletiva e política – que as manteve à sombra da atuação masculina.

De fato, alguns trabalhos foram produzidos por mulheres de letras, ainda no século XIX, com o intuito de "resgatar" outras escritoras. Destes, destacamos o trabalho de duas: *Galleria Illustre* (Mulheres Celebres) (1897), de Josephina Alvares de Azevedo, e *Mulheres Ilustres do Brasil* (1899), de Ignez Sabino. Josephina, com o

⁹ Acerca da caracterização da revista e dados biográficos de Presciliana Duarte de Almeida Cf. Vasconcellos, 2004 e Resende, 2006.

intuito de propagar a emancipação feminina, também reproduziu biografias de mulheres mundialmente conhecidas (Cf. SOUTO-MAIOR, 2001). Já Sabino expunha em seu livro um levantamento de dados sobre algumas escritoras. No prefácio de seu dicionário de mulheres ilustres, afirmava que encontrara grandes dificuldades para realizar seu trabalho, mas que o desejo de "resuscitar, no presente, as mulheres do passado que jazem obscuras" (SABINO, 1899, p. IX) foi mais forte.

Apesar desses trabalhos iniciais que privilegiaram mulheres e destacaram seu silenciamento, ainda hoje se faz necessário o resgate de biografias e bibliografias de mulheres. Os objetivos de pesquisas contemporâneas de resgate são próximos daqueles traçados pelos primeiros dicionários e antologias, pois muitas mulheres que fizeram parte daquele efervescente momento de produção cultural ainda permanecem silenciadas. O trabalho de resgate dessas produções esquecidas tornase importante, ainda neste momento, porque possibilita uma revisão do processo de constituição do cânone literário brasileiro, que através de uma narrativa totalizante e silenciadora, privilegiou apenas produções escritas por homens. Esse resgate permite questionar, também, o papel "natural" das mulheres como vinculadas, estritamente, ao "confinamento à vida doméstica" (MUZART, 1999, p. 19), pois demonstra como diversas mulheres participaram ativamente no espaço público.

Nessa mesma perspectiva, Gotlib (2009) observa que, nas últimas décadas do século XIX, o pensamento feminista no Brasil foi marcado pelo fortalecimento da imprensa feminina, pela luta em prol da educação e do trabalho para as mulheres, sobretudo em profissões liberais. A maioria das escritoras oitocentistas, além de preconizar a atuação da mulher como mãe e esposa, procurava educar outras mulheres, com vistas a capacitá-las como educadoras dos filhos e da família (MAGALDI, 2007). Elisa Lemos e Maria Emilia constituem dois exemplos dessas propagandistas, na medida em que publicaram artigos refletindo acerca da condição feminina com vistas à melhoria na situação social e intelectual da mulher no *fin de siècle*.

É importante lembrar que já no final do século XIX o feminismo não compunha um movimento coeso; ao contrário, havia diversas vertentes por vezes antagônicas, a exemplo do feminismo libertário e do feminismo liberal. Para as libertárias, o trabalho tinha um papel fundamental, pois garantiria à mulher uma libertação plena das amarras masculinas. Já as feministas liberais defendiam o *status* da mulher moderna, burguesa, atenta aos valores de seu tempo. Nessa última vertente, não haveria uma contestação radical à ordem social vigente, sendo que a maternidade era o foco principal (MARSON, 2010). As escritoras Elisa Lemos e Maria Emilia Lemos, apesar de seu apelo contínuo pela emancipação feminina, faziam parte da vertente feminista liberal. Nesse sentido, seus apelos por mudanças eram mais moderados, e essa moderação estaria associada, principalmente, a uma questão de atuação estratégica e negociada, um "feminismo possível" (DeLUCA, 2010).

A análise da produção periodística de Elisa Lemos e Maria Emilia Lemos dá continuidade a estudos, em nível de Iniciação Científica, que desenvolvemos entre 2006 e 2008¹⁰. Vinculados ao Grupo de Estudos Interdisciplinares de Gênero e Sexualidade (GEIGS), idealizado pelas professoras Adelaine LaGuardia e Maria Ângela Resende, do departamento de Letras, Artes e Cultura da UFSJ, analisamos no periódico *A Patria Mineira* a participação de mulheres escritoras na construção do sonho de nação republicana brasileira. Ao final da pesquisa, confeccionamos um banco de dados com os nomes de escritoras que publicaram no jornal e, a partir da análise desses dados, observamos que dos dezessete textos escritos por mulheres n'*A Pátria Mineira* sete eram assinados por Elisa Lemos.

Na busca de informações acerca da escritora, percebemos que Elisa Lemos não estava relacionada em compêndios acerca de ensaístas e pensadore(a)s brasileiro(a)s. Devido a tal ausência, pretendíamos elaborar um levantamento inicial n'*A Patria Mineira* e n'*A Familia* de sua produção escrita, com o objetivo de traçar um

¹⁰ A primeira pesquisa (2006-2007), intitulada "As Mulheres Escrevem a Pátria: gênero e nação em *A Patria Mineira*", foi realizada voluntariamente, ao passo que a segunda (2007-2008), continuação da primeira, recebeu financiamento da FAPEMIG.

perfil da escritora, principalmente no que se referia a sua produção literária. A partir dessas buscas e de leituras em outros periódicos oitocentistas, deparamo-nos com outra escritora do mesmo período, sobre a qual também não encontramos referências em dicionários ou antologias: Maria Emilia Lemos, escritora de *A Mensageira*. Contemporâneas e portadoras do mesmo sobrenome – embora sem parentesco estabelecido – Elisa e Maria Emilia não foram consideradas pela historiografia e pela crítica literária e cultural, embora tivessem produzido reflexões perspicazes acerca da condição da mulher brasileira no *fin de siècle*.

Assim, a relevância de se estudar essas escritoras advém da necessidade de produzir uma reflexão acerca de suas produções periodísticas, pois não há, até o momento, fortuna crítica em relação a nenhuma delas. Elisa Lemos foi aquela que mais publicou n'*A Pátria Mineira*, já Maria Emilia Lemos foi uma das escritoras que mais publicou artigos em *A Mensageira*¹¹.

Mas por que trabalhar com fontes primárias e arquivos? "O estudo em fontes tem o propósito de compreender as marcas de identidade e alteridade de nosso tempo" (RESENDE, 2005, p. 13). Para Cury (1998), o estudo em fontes, motivado pela necessidade de respostas, contribui para "redefinir concepções já estabelecidas" (p. 25). Nesse sentido, para pensar a contribuição de Elisa Lemos e Maria Emilia Lemos no combate à desigualdade de gênero no *fin de siècle* brasileiro, recorreremos aos estudos de fontes primárias, que permitem indagar por que textos escritos por mulheres foram esquecidos na narrativa da História oficial e da historiografia literária brasileira do século XIX; e como essas mulheres contribuíram de forma consistente, naquele momento, para a emancipação feminina.

Ao seguirmos o rastro de escritoras e cronistas oitocentistas, optando, sobretudo, pela pesquisa em fontes, algumas dificuldades se apresentam: problemas na leitura dos periódicos microfilmados que impossibilitam uma visão completa do

¹¹ Maria Clara da Cunha Santos foi a escritora que mais publicou textos na revista, tendo sido objeto de análise em dissertação de mestrado por Maria Alciene Neves nesta mesma Universidade em 2009.

objeto pesquisado; ausência de algumas edições do jornal e/ou periódico, já que alguns números se perderam nos arquivos ou não foram catalogados; dificuldades em levantar dados sobre a vida pessoal das autoras, já que informações foram perdidas no tempo e nos arquivos familiares. Muitas vezes, esses obstáculos ocorrem ao mesmo tempo, haja vista a perda da biografia de Elisa Lemos, que, de acordo com informação publicada em *A Patria Mineira e A Família*, fora publicada em uma das edições deste último jornal. No entanto, esse número do jornal não foi encontrado, como pudemos comprovar em visita à Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Esses empecilhos são peculiares à pesquisa arquivística, pois Duarte (2007) expõe as peripécias envolvidas em pesquisas que propõem resgatar escritoras do passado:

Para começar, os acervos estavam dispersos em antigas bibliotecas, fragmentados em jornais carcomidos por traças e pelo descaso oficial. Buscar a memória cultural em um país que não cultua a memória, não é fácil. Um verdadeiro *puzzle* precisava ser montado, e peças fundamentais — como os próprios livros escritos pelas mulheres — custavam a aparecer. Após a descoberta de um título, tinha início a batalha por sua localização, verdadeiro trabalho de arqueologia literária, tão caro a crítica feminista, quando então todos os recursos eram acionados (...) (DUARTE, 2007, p. 65).

Um dos exemplos citados por Duarte é a pesquisa empreendida pela professora Eliane Vasconcellos acerca da pernambucana Rita Joana de Sousa (1696-1718). Foi levantada uma extensa bibliografia, mas não foi possível localizar nenhum dado sobre a vida da autora. Outra escritora conhecida por suas obras e suas atividades jornalísticas e sobre quem praticamente não há informações biográficas é a própria Josephina Alvares de Azevedo, conforme já mencionado. Embora haja inúmeras pesquisas sobre sua militância em favor da elevação do *status* da mulher, quase não temos dados sobre sua vida, a não ser o pouco que foi divulgado no periódico que editava. Quanto a Maria Josefa Barreto, que nasceu em 1786, ocorreu um processo diferente: "ela é citada em inúmeros artigos e verbetes

de dicionários biobibliográficos, como respeitada poetisa, mas só foi possível, até hoje, localizar um único poema de sua autoria" (DUARTE, Op. Cit., p. 68).

Tais exemplos são sintomáticos das dificuldades comumente encontradas na pesquisa em fontes primárias. Surgem indagações que, muitas vezes, demandam meses de árduas pesquisas para se conseguir pormenores como o nome da cidade na qual uma escritora nasceu ou morreu. Porém, entre encontros e desencontros, novas escritoras, livros e periódicos são localizados todos os dias, graças ao trabalho persistente de pesquisadore(a)s que se recusam a deixar no silêncio mulheres que enfrentaram inúmeras obstáculos sociais e culturais para escrever.

A pesquisa em fontes primárias, ao se voltar para documentos constituintes da matéria histórica e também literária, exige um esforço e posicionamento críticos que devem ser constantemente repensados, uma vez que estamos diante de alguns impasses, tais como: a exigência, no trabalho documental, de um aparato metodológico que o diferencie de outros objetos de investigação – já que a materialidade textual impressa traz marcas do tempo e silêncios impostos por rasuras; a leitura do passado não como ilusão de resgate do passado em sua totalidade – tarefa impossível –, mas como forma de re-pensar as práticas de uma dada comunidade de leitores, a partir do olhar do presente.

Levando em consideração essas especificidades da pesquisa em fontes primárias, nossa investigação parte de uma perspectiva histórico-literária para realizar a interpretação de fontes específicas — os periódicos *A Patria Mineira e A Família*, e a revista *A Mensageira*, — que constituem material propício para uma nova narrativa histórica, a partir de documentos que possibilitam rearticular e reinterpretar o passado. Nesse sentido, o desejo pela memória e pelo arquivo possui a marca de uma construção textual que se apresenta com vistas para o futuro, não se fechando nos limites do decorrido (DERRIDA, *apud* SOUZA, 1998).

Desse modo, a proposta de uma leitura do passado exige uma atenção específica ao contexto em que tais textos foram produzidos. Contudo, ainda que o pesquisador atente para o contexto histórico, a distância e as rasuras do tempo deixam lacunas que jamais serão preenchidas. Embora o não reconhecimento da participação pública de mulheres letradas em seu contexto de atuação seja uma dessas lacunas, não podemos deixar que tais exclusões se perpetuem no tempo e nos arquivos. Nesse sentido, a pesquisa em fontes primárias permite desmitificar a pressuposição de que no Brasil oitocentista as mulheres atuavam exclusivamente na esfera doméstica. Também possibilita fazer justiça ao trabalho intelectual de mulheres de letras, de modo que nosso objetivo geral é resgatar a produção periodística de Elisa Lemos e Maria Emilia Lemos, a partir da leitura dos periódicos *A Família* (1888-1898), *A Patria Mineira* (1889-1894) e *A Mensageira* (1897-1900).

As escritoras do século XIX foram, muitas vezes, apontadas como aquelas que se rebelaram em relação ao papel natural imposto às mulheres, como mães zelosas e esposas exemplares. Não há dúvida de que Elisa Lemos e Maria Emilia reivindicaram melhores condições para si e para outras mulheres; contudo, nossa hipótese é de que ambas não conseguiram escapar ao discurso patriarcal vigente, pois preconizavam a educação dos filhos e o bem-estar da família como motes norteadores de seus enunciados.

Mediante o levantamento dos textos das escritoras, observamos os principais temas presentes nos artigos. A partir do levantamento inicial, analisamos os textos de Elisa e Maria Emilia, comparando seus posicionamentos com aqueles de outras mulheres letradas – tais como Julia Lopes de Almeida, Josephina Alvares de Azevedo, Maria Clara da Cunha Santos e Maria Amália Vaz de Carvalho – publicados em diferentes espaços editoriais dos periódicos, com o objetivo de interpretar possíveis relações de convergência ou divergência acerca de uma mesma temática. Nessas análises, a crítica feminista contemporânea nos proveu, mesmo que por vezes de modo implícito, um relevante suporte teórico para refletirmos acerca das principais questões e reivindicações feministas no Oitocentos.

No primeiro capítulo, intitulado "Palestrando de S. João d'El Rey: A produção periodística de Elisa Lemos", analisamos os textos de Elisa Lemos publicados nos periódicos A Patria Mineira e A Família, observando as principais reivindicações da escritora em prol da melhoria da condição feminina no final do século XIX. Procuramos também observar a forma como a escritora fazia tais reivindicações, observando se haveria diferenças entres os textos publicados em ambos os jornais. Também optamos por uma análise contrastiva entre os textos de Elisa Lemos e aqueles de outras escritoras, de forma a identificar não apenas a vertente feminista em que ela se enquadraria, mas também observar as estratégias enunciativas utilizadas em seus textos. Para isso, também recorremos a pequenas notas publicadas n'A Patria Mineira referentes a acontecimentos da vida pessoal da escritora. Assim, pela análise dos textos e coleta de dados pessoais, também tecemos breves considerações acerca da vida pessoal da escritora.

No segundo capítulo, "Com ares de chronica: A produção periodística de Maria Emilia Lemos", apresentamos inicialmente um estudo sobre a produção de Maria Emilia Lemos, considerando as particularidades dos seus textos em relação à linha editorial da revista A Mensageira. Como Maria Emilia utilizava informações históricas para fundamentar diversas de suas argumentações, fazemos, ao longo do texto, breves considerações acerca de diferentes personagens históricos que perpassaram os artigos da escritora. Além do levantamento temático com vistas a identificar as principais reivindicações da escritora, comparamos a forma da escrita de Maria Emilia com outras escritoras que publicaram na mesma revista. Como não tivemos acesso a dados pessoais da escritora, procuramos identificar nos textos, e também em outros espaços da revista, traços referentes à sua biografia.

Devido à variedade de temas e as dificuldades impostas pela pesquisa arquivística (tais como deslocamentos, disponibilidade de tempo e paciência para esperar respostas dos acervos, bibliotecas e familiares), não pretendemos esgotar o assunto pesquisado. Nossa pretensão é sublinhar o trabalho dessas mulheres que

reivindicaram melhores condições sociais e intelectuais para o gênero feminino ao final do século XIX e, assim, retirar essas escritoras do esquecimento.

1. Palestrando de S. João d'El Rey: A produção periodística de Elisa Lemos

[Q]uando sentimos o fogo da mocidade circular em nossas veias, devemos trabalhar infatigavelmente a bem do gênero humano. Pela minha parte, contribuo e contribuirei com toda actividade e acrisolado amor de que sinto capaz, afim de gravar em todos os espíritos o nosso elevado idéal – a emancipação feminina.

Elisa Lemos, *Palestrando de S. João d'El Rey*

1.1 Elisa Lemos: uma cronista de muitos gêneros

Inicialmente, é necessário localizar Elisa Lemos no contexto jornalístico oitocentista, bem como a circulação de sua produção. Além do jornal *A Família*, a cronista publicou artigos e crônicas n'*A Patria Mineira*. Nesses periódicos, tivemos acesso a dezoito publicações de Elisa Lemos: uma carta, cinco artigos que compõem a coluna *Palestrando de S. João del Rey*¹² e doze textos em que poesia e prosa se misturam.

A leitura dos textos de Elisa Lemos requer do leitor/pesquisador uma atenção redobrada. Embora a escritora tenha mantido, durante um curto espaço de tempo – 1992 e 1993 –, uma coluna específica no jornal republicano, vale lembrar que estamos diante de um jornal reconhecido por Sodré (1966) como o maior órgão de propaganda republicana do interior do país. Essas informações, apresentadas por Resende (2005) ratificam o papel que a mulher ocupou no referido periódico, ora como tema, como autora e também como leitora, na medida em que o editor-chefe, Sebastião Sette, "convocava" as mulheres para uma militância republicana em que deveriam se circunscrever, a princípio, à esfera privada. Sob tais condições, era pela mediação masculino que se instaurava a publicação tímida, mas significativa, de textos escritos por mulheres. Seja através de transcrições, de contos escritos por mulheres de jornais do Rio de Janeiro, seja pela necessidade de convocar as leitoras para as histórias em "Folhetim". De qualquer modo, esses dados apontam a importância da "mulher letrada" que se faz ler por uma comunidade, a partir de um iornal interiorano que alcancou diversas partes do país. 13

Na maioria dos textos assinados por Elisa Lemos a condição feminina no final do século XIX é colocada em cena. E por meio de uma escrita que, na maioria das

_

¹² No periódico *A Familia* o título da coluna de Elisa Lemos era *Palestrando*, de *S. João d'El Rey* e n'*A Patria Mineira* era *Palestrando*, de *S. João del Rey*.

¹³ Na tese de doutorado "A República em Folhetim: A Pátria Mineira formando almas", Resende (2005) destaca a circulação do periódico em diversas regiões, evidenciando como este mantinha diálogo com leitores e militantes republicanos.

vezes, mostra-se cautelosa e cheia de ziguezagues, a cronista conversa com suas leitoras. Há artigos cujo início propõe um tema e cujo desfecho parece discutir outro. Há textos em que a autora parece perder o fio da meada, mas reencontra um caminho; há prosas em que Elisa se pretende poeta. Algumas vezes o tom sutil (ou estratégico?) exige uma leitura nas entrelinhas; já em outras, Elisa Lemos é direta e incisiva em suas observações. Assim nos surge o texto de Elisa, misturado a um repertório notadamente masculino, voltado para o catecismo republicano: artigos de opinião, charadas, poemas escritos por jovens estudantes, transcrições de textos de jornais que circulavam no Rio e em São Paulo, notícias da Europa, cartas dos Clubs Republicanos, notícias de falecimentos e abaixo-assinados. Enfim, a escritora se dilui e também se mostra - em uma escrita fortemente marcada pela dicção masculina. Não se trata aqui de reduzir o discurso do jornal A Patria Mineira ao binômio homemmulher, de forma acrítica. O que constatamos é que mesmo em uma sociedade marcada pela voz do "pai", a voz da esposa, irmã ou filha aparece, seja para ratificar essa voz, seja para revelar novas possibilidades de posturas e leituras. A imagem da voz do "pai" pode ser verificada nos vários artigos e editoriais, alguns do próprio punho do editor-chefe, outros de colaboradores de São João del-Rei e de várias partes do país. Neles a "missão" de educar, de formar seguidores(as) e também de controlar configuram o intelectual do Oitocentos (RESENDE, 2005).

Nas chamadas prosas poéticas, Elisa Lemos aborda temas como amor, natureza e relações familiares. Em alguns textos, a cronista apresenta ensinamentos, diluídos ao longo da escrita, relacionados à cena familiar, ao tratamento adequado aos filhos, ao homem ideal para o casamento e às virtudes da maternidade. Porém, a maioria desses textos se limita a descrever o amor e a natureza, fornecendo subsídios para traçarmos algumas considerações acerca da biografia de sua autora.

Os textos que compõem a coluna *Palestrando de S. João Del Rey* são mais engajados em relação à temática feminista. A escolha desse título para cinco textos nos periódicos *A Familia* e n'*A Patria Mineira* poderia ensejar uma possível

identificação das leitoras com o sujeito enunciador. Para refletirmos acerca do título da coluna de Elisa recorremos a Resende:

(...) o verbo "palestrando" aponta uma dicção específica de um sujeito da enunciação que tem consciência de seus poderes (...). Reforçando os códigos de moral da época, com o intuito de preservar a pureza das jovens incautas, chama para si o lugar de "esposa, mãe e mulher educadora", que, através da palavra, estabelece um contrato com suas leitoras. Através delas - as mães - a moral da família estaria assegurada. (RESENDE, op. Cit., p.199).

Nesse sentido, é possível refletir como Elisa Lemos se percebia nesse circuito de escritoras: alguém que chamava para si a responsabilidade de educar, ou seja, buscava direcionar suas leitoras, através de uma pedagogia que pretendia "modelar" o seu público através do catecismo da moral e dos bons costumes, sem se esquecer, também, de temas como a emancipação feminina. As questões morais e educacionais que marcam sua escrita ratificam também uma tradição que se consolida desde os tempos do Brasil Colônia. Ao investigar a condição das mulheres nas Minas Gerais do século XVIII, Figueiredo (2004) apresenta aspectos da política familiar em Minas e o esforço "disciplinar" dos poderes institucionais frente a estruturas familiares pautadas nos compromissos informais entre as partes e as mais variadas formas de relacionamento entre casais.

Embora a análise de Figueiredo se volte especificamente para o século XVIII, suas observações apontam para a necessidade de justificar, também, esse caráter "disciplinar" da família que se observa na imprensa no Brasil Imperial e na República. A disciplina, a definição de papéis, a austeridade e a tolerância subjacentes ao modelo cristão de organização familiar tornavam-se elementos que justificavam os esforços da ordem temporal e espiritual. Cabia disciplinar não apenas os papéis sociais, mas também os afetos e o uso do corpo.

É necessário enfatizar que nos textos da coluna *Palestrando de São João del Rey* Elisa é mais direta em suas pontuações acerca da condição da mulher do *fin de siècle*. Aqui, de forma contundente, a escritora chama a atenção das mulheres para a

educação dos filhos, indica leituras adequadas para as moças, condena os casamentos arranjados por interesse e, entre outros assuntos, focaliza a educação e emancipação feminina.

A única carta presente no repertório da cronista, intitulada "Confissões Electricas", apresenta a correspondência de duas amigas. Uma, extremamente romântica, conta à outra as alegrias da maternidade e do casamento. Seu relato, para a amiga distante, dos acontecimentos dos últimos anos é regado com uma boa dose de idealismo. Através dessa carta, tomamos conhecimento dos gostos literários, da alegria da maternidade e dos cuidados que Flora dispensava à casa e ao marido. Nessa carta ficcional, Elisa Lemos apresenta para as leitoras de *A Patria Mineira* e *A Familia* um modelo ideal de mulher, seguindo os princípios da organização familiar citados por Figueiredo (2004).

1.2 Confidencias electricas: e a educação dos nossos filhos?

O gênero epistolar foi bastante explorado pela imprensa do final do século XIX. Tanto os jornais *A Familia e A Patria Mineira* quanto a revista *A Mensageira* editavam cartas recebidas de seus leitores com comentários acerca de textos publicados em edições anteriores. Entre esses, destaco o periódico *A Patria Mineira*, que, além de apresentar cartas de natureza diversa, publicou, em seu primeiro ano de circulação, seis cartas ficcionais na seção "Folhetim". Essas cartas reproduziam o diálogo entre dois compadres, Felipe e Silvestre. O primeiro tentava convencer o segundo acerca dos benefícios do regime republicano, em comparação com o monárquico. Isso indica que o discurso epistolar n'*A Patria Mineira* tinha a função pedagógica de inserir a população menos letrada na discussão a respeito de República (cf. RESENDE, 2005). Na carta de 13 de junho de 1889, o editor do periódico utiliza, também, personagens do gênero feminino, a fim de direcionar a leitura das mulheres para os aspectos

"positivos" da república. A carta, que possui como mote a participação da mulher na formação da república, reforça o binarismo dos papéis do gênero.

Ao comentar a matéria, Resende (op. Cit.) esclarece: "a questão feminina posta em discussão na carta evidencia a necessidade de que as mulheres passassem a ter voz e lugar no processo republicano" (p.111). Considerando-se o fato de que o "Folhetim" era tido como um espaço literário voltado para o público feminino, Sebastião Sette, ao publicar discussões a respeito de política nessa seção, convidava as mulheres a aderirem ao imaginário republicano. Mediante enunciados como cartas, as mulheres poderiam se reconhecer em personagens comuns: mulheres que bordavam, criavam seus filhos e também discutiam política¹⁴.

Apesar de não inserido na seção "Folhetim", o texto "Confidencias Electricas", de Elisa Lemos, consistia em um conjunto de cartas trocadas entre as personagens Flora e Evangelista e possuía a mesma função pedagógica das cartas de Sebastião Sette. Assim como estas dialogavam com os vários editoriais d'*A Patria Mineira* e expressavam um ideal de cidadão republicano, aquelas interagiam com outros textos do periódico, focalizando um ideal de mulher e de educação feminina. No mesmo

_

¹⁴ Apesar desse empenho dos jornais republicanos em inserir as mulheres letradas na discussão a respeito da república, os jornais feministas mostravam-se, ainda, bastante vinculados às idéias do imperador. O periódico A Familia, por exemplo, trazia no número 154, de 20 de janeiro de 1893, a foto de D. Pedro II seguida de um texto em sua homenagem, o qual o enaltecia como o verdadeiro republicano. Essa aproximação de algumas feministas com o imperador pode ser explicada por ter sido durante o Império que as mulheres alcançaram grandes conquistas. Segundo o primeiro recenseamento realizado no Brasil, em 1872, as mulheres representavam 45,5% da força de trabalho efetiva da nação; já em 1920 houve uma redução de 15,3% da participação de mulheres nas atividades econômicas. De acordo com os dados do Ministério do Trabalho, somente a partir de 1950 a participação feminina começa novamente a crescer (BRASIL, 1976). No início da república parece acontecer um "retrocesso conservador" e as mulheres são confinadas de volta ao lar para educarem os filhos da pátria. É certo que Josephina Álvares de Azevedo, bastante engajada em suas conviçções, já tivesse percebido, em 1893, que a tão sonhada república não proporcionaria as conquistas almejadas pelas mulheres. Na mesma vertente das idéias de Josephina, Francisca Senhorinha da Mota Diniz, editora do periódico feminista O Sexo Feminino, Semanario Dedicado aos Interesses da Mulher (1873-1889), já em 1873 mostrava-se descrente com as mudanças que diferentes formas de governo poderiam trazer para as mulheres. Assim como Azevedo, Diniz também chegou a publicar em sua folha um poema em homenagem ao imperador. Sendo criticada por um jornal republicano por este ato, a redatora recorreu como defesa à sua posição profissional: na qualidade de professora da Escola Normal não poderia deixar de saudar o imperador "que é tido e havido como protector das letras, e seu mais acérrimo propagador (...)" (DINIZ, 1873).

número das "Confidencias Electricas" temos notas acerca da instrução privada, da educação pública e da formatura de normalistas. Especificamente quanto à *Instrucção pública*, Sebastião Sette declarava: "Está em muito atrazo este serviço. Há poucas escolas com relação a população" (*A Patria Mineira*, N. 185, 29 de dezembro de 1892, p. 1, col. 4). ¹⁵

Nas "Confidências..." temos, de um lado, uma mãe e esposa extremamente amorosa que escreve a uma amiga sobre "as alegrias de noiva e mãe" (ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 185, op. Cit.); e de outro a resposta de "uma desiludida da vida, conhecedora da *lei que rege a humanidade* e cujo coração *spleenetico* tem sido golpeado pelos estiletes da ingratidão" (ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 185, op. Cit.). A remetente Flora, portadora da delicadeza das flores, como o próprio nome indica, relata à amiga detalhes de sua vida de casada, minuciosas características de sua casa, do marido amoroso e dos encantos da maternidade. Já a destinatária Evangelista responde às boas novas da amiga relembrando os tempos de infância. Apesar da longa e detalhada carta de Flora, a resposta de Evangelista é fria e direta, e chama a idealista Flora à realidade:

Das duas uma (permitte-me a franqueza arrebatadora) — ou realmente teu marido é o sporado de que já falei, e nesse caso podes te suppor uma privilegiada, ou então, seguindo a *marcha commum*, quer mostrar-te a apparencia desses edifícios sumptuosos e elegantes que parecem plantados para um seculo e que com o soprar do norte desmoronam-se, fazendo-se em ruinas: - as peiores catastrophes são as inesperadas — cinco minutos de um terremoto produzem mais estragos do que uma bellicosa batalha de titans.

-

Vale ressaltar que, com a transferência da família real para o Brasil, houve transformações significativas relacionadas ao ensino público, ainda que a instrução fosse restrita a poucas áreas de conhecimento e objetivasse preparo de pessoal para atividades ligadas à presença da Corte portuguesa no Brasil. Para se ter uma idéia, em 1873 havia um total de apenas 5.077 escolas primárias, públicas e particulares no país, atendendo a um total de 114.014 alunos e 46.246 alunas (cf. HAHNER, 1981). As crianças de classe alta, na maioria das vezes, eram educadas em casa. Nesse momento, apesar de já ter sido aprovada a Lei de 1827, relativa à educação primária no Brasil, a instrução feminina continuava atrasada em relação à dos meninos. As meninas ricas, além de aprenderem as prendas domésticas, começaram também a ter acesso à instrução formal, "de modo que proporcionassem companhia mais agradável e atraente em ocasiões sociais." (HAHNER, 1981, p. 32). Já quanto as que dependiam do ensino público, tinham que se contentar com a pouca oferta de escolas públicas para meninas e a ausência de formação adequada das professoras, que ganhavam salários inferiores aos dos homens.

O nome escolhido para essa personagem não poderia ser mais adequado. "Evangelizar" é a sua missão pública. Pode parecer um paradoxo, uma vez que cartas são trocadas entre duas pessoas, o que justifica, inclusive o título da Coluna. Entretanto, deslocadas de seu caráter "factual", as cartas deslizam das confidências femininas para uma reflexão sobre a condição da mulher oitocentista e para a possibilidade de suscitar dúvida em sua interlocutora sobre uma instituição cristalizada como o casamento.

A mensagem de Evangelista deixa transparecer sua desilusão com o amor. A hipótese do marido de Flora estar seguindo a "marcha commum" sugere que todos os homens enganariam suas mulheres por meio da aparência, como se a alertante já tivesse sido enganada. O posicionamento de Evangelista é relevante para pensarmos o título do texto, "Confidencias Electricas", indicativo de que as cartas traziam revelações que surpreenderiam a destinatária. No entando, Evangelista não se surpreendia com as revelações de Flora e ainda criticava a idealização amorosa da amiga: "ainda possues aquella poesia idealista que te era tão peculiar nos dias da tua adolescência" (ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 186, op.Cit). "Electricas" talvez fossem as dúvidas lançadas acerca da extrema bondade do marido de Flora, que poderiam retirá-la de seu "conforto". Antecipando uma reação contrária da amiga ao pessimismo demonstrado em relação aos homens, Evangelista justificava sua posição identificando-se como "desiludida da vida".

Em contraposição, Flora é representada como repleta de lirismo. Isso pode ser percebido na descrição das paredes do seu quarto de dormir:

^(...) na parede, oleada de branco e com frisos dourado guarnecendo o tecto e canto, sobressahem paysagens ligadas á *celebridades*, como por exemplo, a scena da escada do Romeu, Ophelia engrinaldada de flores, *mirando o lago*, Raphael conduzindo Julia e guiando o barco na volta do Houte-Combe e muitas outras maravilhas que o pincel immortalisa (...) (*A Patria Mineira*, N. 185, 29 de dezembro de 1892, p. 1, col. 4).

As cenas de personagens clássicos da literatura – *Romeu e Julieta* e *Hamlet*, de Shakespeare, e *Rafael*, de Lamartine – em momentos de êxtase romântico expõem Flora como uma mulher extremamente sensível, que busca na literatura e na pintura subsídios para expressar seus sentimentos de felicidade e completude como esposa e mãe. Através do tom lírico e de imagens que levam o leitor a lugares singelos, a autora procura sensibilizar suas leitoras para as felicidades do casamento e da maternidade.

Há ainda, nas "Confidencias...", uma apresentação mais detalhada de Flora, que, além de ser apresentada como leitora de clássicos românticos, é extremamente apaixonada pelo marido e encantada pela maternidade. Esse encantamento materno é um dos motes da carta. Se Flora inicia sua correspondência descrevendo para a amiga suas alegrias de noiva e mãe, são os cuidados direcionados ao pequeno filho, o qual ainda amamentava, que ocupam a maior parte da carta:

Tive pessoas que me aconselharam não amamentar meu filho, pelo facto de ser fraca, e o que mais me espantou foi o próprio medico, que não ignora os incovenientes da amamentação por uma *extranha*, dizer-me que não devia por forma alguma enfraquecer-me com a amamentação de meu filho! Não! Isso nunca! Pois eu hei de poupar-me, não querendo passar noites velando a cabeceira de meu filho, ter vaidades do não parecer mais desbotada, sacrificando a vida do meu querido entesinho?! (*A Patria Mineira*, N. 185, 29 de dezembro de 1892, p. 1, col. 4)

Aqui Elisa Lemos enfatiza a necessidade de a própria mãe cuidar dos filhos, principalmente no que concernisse à amamentação. Nota-se que a autora profere um discurso ligado a concepções positivistas, que procuravam redefinir os comportamentos da sociedade da época em um processo disciplinador e civilizatório. O aumento da preocupação dos adultos com a infância desde os meados do século XVII, ocasião em que as mulheres burguesas foram interpeladas a se responsabilizarem pela educação dos filhos, estava presente ainda no *fin de siècle* em discursos políticos, científicos, religiosos, sanitários e intelectuais:

O imaginário social valorizava a mulher como mãe e esposa *abnegada*, para quem o lar era o altar no qual depositava sua esperança de felicidade, sendo o casamento e a maternidade suas únicas aspirações. Era ela também a primeira educadora da infância, sustentáculo da família e da Pátria. A procriação seria o objetivo de sua vida e para esse fim eram educadas desde a infância: conceber, parir e cuidar. Na reconfiguração da sociedade que se desejava progressista e esclarecida, com o potencial de regeneração nacional, havia a crença na maternidade e sua função domesticadora: a mãe cuida, ampara, protege, ama e educa. (ALMEIDA, 2010, p. 4).

Elisa Lemos discute a necessidade da educação para mulheres nessa mesma linha argumentativa. Assim, em vez das mães recorrerem às amas de leite para cuidar de seus filhos, elas mesmas deveriam vigiar a educação da prole desde a mais tenra infância: "no período de sua infância, porque nesse só os affectos e cuidados de mãe poderão guial-o. Ah!.. e é nesse período que depende o proceder do futuro – o que se bebe na infância jamais se esquece!" (*A Patria Mineira*, N. 185, 29 de dezembro de 1892, p. 1, col. 4). Nesse sentido, as escritoras periodistas pregavam a idéia de que a saúde da criança era mais importante que o excesso de cuidados com o luxo, a vaidade ou a carreira profissional. Com a idéia de que as lições aprendidas na infância valeriam para toda a vida, a cronista convocava as mulheres, mais uma vez, a se responsabilizarem pelos filhos. A mãe teria a função de guiar e encaminhar o infante para uma vida de utilidade e sucesso, norteada também a ensinamentos morais. Daí as primeiras alegrias de Flora serem narradas com riqueza de detalhes:

Possuida de todo amor de mãe que é possível sentir-se em divino transporte, agarrei o meu entesinho e beijei-o a ponto de poder suffocal-o, e depois desse dia senti que sobre mim pesava maior somma de responsabilidades e foi quando me julguei mulher completa – a maternidade é o complemento do amor. (ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 185, op. Cit.).

(ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 185, op. Cit.).

A afirmativa de que a mulher só estaria completa após a maternidade aparecia com freqüência nos artigos de Lemos e também de outras escritoras da época. Ao final do século XIX, escritoras de renome no Brasil, como Julia Lopes de Almeida, e também a portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho, passaram a expressar apelos

por uma educação feminina direcionada para a família e para a educação dos filhos e, sobretudo, filhas. Tais mulheres eram influenciadas também por escritores, sobretudo, franceses que através do discurso em prol da educação feminina supervalorizavam mães e esposas.

Outra questão levantada de modo sutil, mas não desenvolvida, era a necessidade de Flora trabalhar: "e quando chegar nessa época, que trabalho, de que actividade precisarei revertir-me! Mas tenho certeza que serei forte e ainda mais, lançarei mão, em occasião opportuna, do auxilio de Nelson" (*A Patria Mineira*, N. 185, 29 de dezembro de 1892, p. 1, col. 4). Para colaborar no orçamento familiar, Flora se propunha a trabalhar. Contudo, isso só seria possível com o auxílio do marido, principalmente no cuidado com a criança.

O fato de as mulheres serem criadas para a procriação dificultava sua inserção no mercado de trabalho; afinal, os diferentes papéis desempenhados por homens e mulheres – a mãe como reprodutora e o homem como provedor – foram apontados pelas feministas como uma das causas da subordinação feminina. Essas feministas consideravam que o longo período de amamentação dos filhos mantinha as mulheres dependentes dos respectivos maridos, de modo que as mulheres só conseguiriam a sonhada liberdade quando tivessem controle sobre a reprodução (PISCITELLI, 2005). O longo período de dependência da criança em relação aos adultos, sobretudo à mãe, e a conseqüente necessidade desta se submeter ao marido provedor "torna as mulheres prisioneiras da biologia, forçando-as depender dos homens" (PISCITELLI, op. Cit., p. 46).

Além da maternidade como razão de existência da mulher, o amor materno também era tido como um sentimento nato:

Repito que nunca! Deus me livre dessas *mães* que não se querem sacrificar por amor dos filhos e que bradam em altas vozes, que não nasceram para ouvir choro e tagarellice de criança — ignorantes, coitadas!... não comprehendem que uma das cousas mais sublimes da vida é o sacrifício materno! Quase sempre este erro é o resultado de uma educação defeituosa (...) (ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 185, op. Cit.)

Em *O Mito do amor materno*, Badinter (1985) discorda que o instinto materno seria algo natural ao enfatizar o processo de construção social e cultural do *amor materno*. Considerar esse amor como essência nata da mulher significa restringi-la ao espaço doméstico, de forma que a identidade da mulher seria estabelecida a partir da biologia. Assim, a maternidade se constituiria como o "destino natural" da mulher. A não aceitação de tal "verdade" seria fruto de uma educação defeituosa. Tal concepção, expressa por Flora, permeia grande parte dos textos de Elisa Lemos.

Ao se referir às mães que não se sacrificavam por seus filhos, Lemos colocava o substantivo mães em destaque. Infere-se que, para a autora, as mulheres que não cuidavam dos seus filhos não mereciam ser nem mesmo denominadas como mães. Vemos isso como uma estratégia punitiva, que almeja sensibilizar aquelas que não se comportavam de "maneira adequada". Assim, o sacrifício materno seria algo compensador, a partir do qual a mãe garantiria sua condição de mulher, além de um futuro promissor para o filho. A própria necessidade de interpelar mulheres a ocupar um lugar como mães, e punir aquelas que não se comportassem de modo "apropriado" demonstra que, como afirma Badinter (op. Cit.), o instinto materno seria construído mediante um processo civilizatório constante de disciplinarização das mulheres.

Assim, enquanto Evangelista é construída como uma mulher "desiludida", que questionaria os papéis e modelos de gênero usuais, o perfil de Flora é traçado minuciosamente, fazendo desta uma mulher realizada, um exemplo a ser seguido por outras mulheres, sobretudo jovens mães, ou seja, a narrativa sancionava a perfomance de gênero que produzia a mulher maternal e protetora como medida de fecicidade feminina e modelo ideal de gênero. Desse modo, "Confidencias Electricas" induz as leitoras a uma identificação com a personagem Flora, um exemplo de "mulher realizada".

Fazendo uso do gênero epistolar, a escritora chama a atenção de suas leitoras, entre outros aspectos, para os cuidados das mães para com os filhos. Desse modo, as cartas ficcionais de Flora e de Evangelista nos possibilitam entrever algumas das principais questões que serão consideradas ao longo dos textos de Elisa Lemos: educação, casamento e maternidade.

1.3 - O feminismo de Elisa Lemos

Uma das preocupações mais recorrentes nos textos produzidos por mulheres de letras ao final do século XIX foi a própria condição feminina. Tal inquietação também está presente nas crônicas de Elisa Lemos. Na maioria de seus textos, a autora conclamava suas contemporâneas a lutar pela educação e pela emancipação. Em uma de suas primeiras crônicas, publicada em *A Familia*, Lemos apresentava seu objetivo:

quando sentimos o fogo da mocidade circular em nossas veias, devemos trabalhar infatigavelmente a bem do gênero humano. Pela minha parte, contribuo e contribuirei com toda actividade e acrisolado amor de que me sinto capaz, afim de gravar em todos os espíritos o nosso elevado idéal – a emancipação feminina.

Embora acarrete odiosidades egoístas, despeitos de todo quilate, sustentarei firme a minha opinião, proclamando a nossa liberdade. Terei de despertar innumeros dissabores, aos quaes me sujeitarei da melhor vontade, desde que assista a ascensão gloriosa da nossa alevantada causa.

(ELISA LEMOS. A Familia, N. 155, 02 de fevereiro de 1893, p. 3, col. 1).

Aqui, nota-se uma pessoa empenhada em lutar pela causa feminista. Diferentemente de algumas feministas mais radicais, Elisa Lemos trazia de forma sutil temas e reivindicações presentes nos enunciados de suas contemporâneas. Mesmo consciente de que haveria uma forte resistência aos ideais de emancipação feminina por variados grupos – que incluíam até mesmo outras mulheres –, Lemos se mostrava disposta a batalhar pelo fim de preconceitos arraigados:

(...) desgraçadamente as mulheres, que deveriam auxiliar-nos nesta santa empreza, porque é em prol delas que hypotecamos o nosso amor e os dias mais esperançosos de nossa juventude, são as primeiras a atirarem-se á douda voragem, tornando-se nossas adversárias. Que fazer! (ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 196, 06 de abril de 1893, p.2, col. 5).

Na época, tanto homens quanto mulheres tradicionalistas resistiam aos discursos que defendiam a emancipação feminina. A oposição masculina explícita centrava-se na defesa do lar e na suposta inferioridade intelectual da mulher em relação ao homem. Implicitamente podemos considerar que havia a defesa de profissões historicamente demarcadas como masculinas. Já mulheres contrárias às mudanças sociais estavam acomodadas em sua condição e temiam possíveis conseqüências da perda de seu *status* de "rainha do lar". Tal oposição, sobretudo quando manifesta por mulheres, causava intensa inquietação em Lemos, que se empenhava na luta em prol da emancipação das mulheres e nem sempre obtinha o apoio desejado.

A autora era consciente de que as lutas feministas exigiriam "grandes batalhas" que certamente demandariam anos, ou décadas, para serem vencidas: "Se, porém, não for para meus dias tamanho progresso, transporei as barreiras da eternidade com a alma satisfeita por ter ajudado a assentar os alicerces do grande edifício que tentamos soerguer" (ELISA LEMOS. *A Familia*, N. 155, 02 de fevereiro de 1893, p. 3, col. 1). Assim, Lemos mostrava-se satisfeita por ser capaz de contribuir para mudar a sociedade em que vivia.

Na luta pelos direitos das mulheres, a atuação da cronista nos possibilita entrever uma mulher que não se abstinha de adentrar na esfera pública e expressar posicionamentos políticos que destoavam dos lugares-comuns e dos preconceitos em relação às mulheres. A autora, inclusive, não se furtava de confrontar aqueles e aquelas que não compartilhavam do ideário feminista.

Os vários chamamentos para a melhoria das condições para as mulheres acabavam por constituir um alicerce para mudanças. Nesse sentido, o

comprometimento com a geração futura adviria da preocupação que as mulheres de letras da época tinham com a situação de outras mulheres. A consciência de Elisa Lemos de que as alterações sociais seriam lentas e gradativas a inscreviam como um sujeito social que, mesmo consciente das dificuldades advindas de seus anseios, persistia em seu questionamento da injunção social em que vivia.

1.4 Uma nova aurora: educação feminina

Em março de 1893, Elisa Lemos publica em *A Familia* um artigo na coluna "Palestrando, de S. João d'El-Rey" ¹⁶, adotando como subtítulo o aforismo de Rousseau "Os homens serão para sempre o que as mulheres quizerem que eles sejam". O enunciado aponta para o poder da mulher de conduzir os homens para os caminhos desejados. No entanto, o enunciado é ambíguo na medida em que sugere não apenas a mulher emancipada, que conduz a família para o caminho "certo", mas também a "mulher maliciosa" e interesseira, que levaria homens à ruína. Diante dessas possibilidades, a cronista elaborará seu discurso em favor da mulher do lar, mãe educadora e companheira "resoluta e forte".

A educação dos filhos e o zelo pela manutenção da família corresponderiam àquilo pelo qual seria mister lutar. No artigo, Lemos reproduzia o discurso que imputava às mulheres o zelo pela harmonia da família, questionando: "E a educação de nossos filhos?!" (ELISA LEMOS. *A Familia*, N. 157, 04 de março de 1893, p.3 col. 3). O uso do pronome possessivo "nossos" sugere o apelo de uma mãe inquieta. Contudo, essa construção pode ser percebida como uma estratégia retórica, visto que naquele momento Elisa Lemos ainda não era mãe. Portanto, tal indagação consistia

.

¹⁶ O periódico *A Patria Mineira*, na nota de despedida de Elisa Lemos, que se mudava para o Rio de Janeiro, apresentava o "Palestrando de S. João del Rey..." como sendo uma coluna fixa. Contudo, em todo o período de cinco anos de publicação do jornal, identificamos apenas dois artigos com esse título. As outras crônicas de Lemos possuíam títulos diferenciados, embora ocupassem o mesmo espaço editorial que os artigos da coluna citada. Já o periódico *A Familia*, apesar de trazer cinco publicações de Lemos com o mesmo título, "Palestrando, de S. João d'El-Rey", não explica se esses textos constituem, ou não, uma coluna fixa.

em uma convocação para a responsabilidade que deveria ser compartilhada por todas as mulheres. O questionamento permite entrever, assim, a reprodução de um discurso hegemônico, presente de forma homogênea nos textos de escritoras do final do século XIX.

Elisa Lemos utilizava o espaço de que dispunha na imprensa para chamar para si a responsabilidade de aconselhar e educar outras mulheres, sobretudo mães e jovens casadoiras: "Geralmente, a moça brazileira, mesmo a que se diz de educação completa não tem a menor noção dos mais simples deveres de esposa e mãe" (ELISA LEMOS. *A Familia*, N. 157, 04 de março de 1893, p.3 col. 3). De acordo com a cronista, a mulher deveria ser educada, sobretudo, para o bem-estar da família, pois uma mãe devidamente instruída ensinaria às moças o "verdadeiro valor" da família. Para a escritora, mesmo as moças "bem educadas" não estavam, muitas vezes, preparadas para assumir a responsabilidade de uma família e menos ainda da maternidade. Dessa forma, a autora apelava para que as mães fornecessem não somente uma "educação para o lar", mas também uma "educação intelectual". A seu ver, a educação feminina auxiliaria no progresso e desenvolvimento da nação, pois, por meio da instrução, as jovens se tornariam cidadãs autônomas e responsáveis:

Reforme-se a educação, tornando-a mais ampla, e mais sólida, instruam-se as mães, illustre-se a mulher, que, de súbito, clareará uma nova aurora de felicidade e progresso, surgindo uma mocidade forte, pensadora, responsável por si e preparada para casar. (ELISA LEMOS. A Familia, N. 157, op. Cit.).

Nessa perspectiva, as mulheres, como mães, deveriam ser educadas para colaborarem pelo bem da pátria, principalmente em momentos de transição política, como na Proclamação da República. Para tanto, seria essencial que as mães também fossem "bem educadas" para fornecer uma instrução adequada aos filhos, pois, caso contrário, o projeto de desenvolvimento nacional não poderia ser cumprido. Sua posição estava em consonância com aquela adotada pela editora d'*A Familia*, que considerava a falta de instrução da mulher como preponderante para o "atraso" no desenvolvimento do Brasil.

Elisa Lemos acreditava que a mulher deveria ser instruída para educar os filhos e ajudar o marido nos momentos difíceis, pois "desde que o casamento não seja um negocio, a mulher emancipada trabalhará, ajudará o marido a sustentar o peso doméstico e terá posição definida na sociedade" (ELISA LEMOS. *A Familia*, N. 157, op. Cit.). Expressando uma visão romantizada, a feminista postulava que apenas o casal que trabalhasse junto em prol do bem-estar da família conseguiria ter uma "vida confortável", alcançando o *status* social condizente com tal esforço. Nesse sentido, a escritora criticava os "casamentos por interesse", pois as mulheres que percebiam o casamento como "um negócio" não trabalhariam ao lado do marido para prover o sustento da família.

Lemos se limitava a culpar as mães pelos casamentos por interesse: "as únicas culpadas deste procedimento são as mães" (ELISA LEMOS. A Familia, N. 157, op. Cit.). Maria Amália Vaz de Carvalho, outra escritora do fin de siècle, problematizava, em artigo intitulado "A Mulher do Futuro", a mesma questão: "Como oppor a esta aspiração justa da mulher que quer ter o seu lugar ao sol, considerações cuja origem se vá buscar á esthetica, á elegância moral, ás tradições e aos preconceitos do passado?" (CARVALHO, Maria Amália Vaz de. A Mensageira, N. 31, 31 de agosto de 1899, p. 133). Apesar de se contrapor ao casamento por interesse socioeconômico e o considerar uma forma de "escravidão moral", a escritora portuguesa compreendia essa forma de matrimônio como uma alternativa por vezes necessária em situações de dificuldade financeira. Nesse artigo, Vaz de Carvalho relembrava os diversos preconceitos a que eram submetidas mulheres de classes subalternas, como aqueles relativos à falta de instrução. A escritora sublinhava também a dificuldade que moças casadoiras enfrentavam para conseguir um marido "adequado", de posses, devido à inadequação a padrões estéticos vigentes, tanto em relação ao vestuário quanto à cultura.

Diferentemente de Vaz de Carvalho, Elisa criticava as mulheres de classe subalterna que viam no casamento uma forma de ascensão social: "Tenho ouvido moças distituidas de fortuna (...) dizer que aspiram o casamento como meio de

descanso, digo eu, é um disfarce que só serve para desenvolver a preguiça incubada: mesquinha ignorância!" (ELISA LEMOS. *A Familia*, N. 157, 04 de março de 1893, p.3 col. 3). A codificação dessas moças como preguiçosas, interesseiras e ignorantes nos remete a um sujeito educador que desejava punir um comportamento tido como inadequado. O espaço enunciativo privilegiado conferia à cronista o poder de indicar às suas leitoras formas de conduta que julgava que lhes favoreceriam. O tom duro e franco com que a escritora se referia às moças de seu tempo indica sua postura ideológica, que aponta para um questionamento do papel submisso da mulher, defendendo uma instrução que possibilitaria a emancipação intelectual das mulheres.

1.5 Sobre o luxo: mulher e moda

Uma das preocupações da maioria das escritoras do fim do século XIX era olhar a moda e a ostentação a partir de um olhar crítico. Elisa Lemos não se abstinha de discutir essa questão candente. Ao dissociar a mulher emancipada da coquete, Lemos enfatizava que as mulheres deveriam ser consideradas por sua capacidade intelectual e de trabalho, e não julgadas a partir dos adereços que utilizavam e dos comportamentos fúteis que demonstravam em público.

Para pensarmos acerca do posicionamento de Lemos sobre o "luxo", é necessário contextualizar a difusão da moda no Brasil. Desde a vinda da Família Real em 1812 até a modernização das grandes cidades, houve, especialmentente no Rio de Janeiro, uma "europeização dos costumes" (RAINHO, 2002) ¹⁷ na media em que as brasileiras que viviam na Corte começaram a seguir um padrão estético europeu¹⁸. Agora, além de ir à igreja, as mulheres também frenquentariam o teatro e as festas.

.

¹⁷Segundo Rainho (2002) essa "europeização dos costumes" abrangia desde a mudança em padrões estéticos da população (trajes, higiene para com o corpo, utilização de utensílios adequados para a alimentação, o próprio conforto da casa) até o alargamento das ruas e limpeza das cidades.

¹⁸Torna-se importante lembrar que todo este processo de civilização e de difusão da moda estava acontecendo nos "grandes centros". No interior do país a população permanecia praticamente com os mesmos hábitos.

As intervenções higienistas enfatizavam desde o asseio corporal até a higiene doméstica. Dessa forma, "era preciso que a *boa sociedade* adotasse valores e modos europeus, civilizando os costumes, eliminando os ares coloniais" (Op. Cit). Iniciado na década de 1850, o processo de modernização do Rio de Janeiro consistiu em uma espécie de "processo civilizatório" no qual os membros da elite brasileira viam a mudança de hábitos como uma forma de se diferenciar das outras camadas sociais. Dessa forma, a aquisição de objetos e roupas de luxo também sinalizava *status* social. Participando desse processo, os jornais da época divulgavam noções de etiqueta e padrões de moda a serem seguidos. Ainda no final do século, jornais continuariam anunciando produtos para "aperfeiçoar" a aparência, principalmente a feminina:

Para festa
Em casa de Gustava Campos & C.
chegou um variadissimo sortimento
de chapéos para senhoras, para homens
e meninos, luvas de varios preços, fazendas
das mais modernas, chapéo de sol, etc.
RUA DO COMMERCIO
S. João del Rey
(A Patria Mineira, N. 06, 13 de junho de 1889, p. 3, col. 5).

A Patria Mineira foi um desses jornais. Contudo, nos artigos de Lemos ali publicados notamos uma crítica à moda e ao luxo¹⁹, ou seja, à imposição de padrões estéticos. Isso porque esses padrões não possuiriam relação com o cotidiano de mulheres emancipadas. Sempre que possível, a autora recomendava às leitoras o uso de roupas simples nas crianças para evitar o desenvolvimento da vaidade. Compreendemos esse apelo à simplicidade não somente como uma "tendência" das feministas da época como também uma busca de aproximação com mulheres das classes menos privilegiadas. As mulheres letradas, apesar de dirigirem seus enunciados à camada média e alta — que comporiam o universo de leitores dos

¹⁹ Apesar do lugar de enunciação de Elisa Lemos ser o interior de Minas – São João del-Rei – a cronista era natural do Rio de Janeiro. Não sabemos precisamente a data em que a cronista veio para Minas.

periódicos –, esperavam que as lições alcançassem mulheres e famílias das classes subalternas (MAGALDI, 2007).

Valendo-se de sua previlegiada condição enunciativa, Lemos fazia recomendações morais e higienistas à suas leitoras:

O bom gosto, sim, esse fino tacto artístico que tem como nota característica – a simplicidade.

O gosto educa-se, por isso recommendo a todas as mães, a quem esses meus despretenciosos conselhos possam ser ouvidos sem desagrado, que evitem, quando possam, os vestidos de *crepe de soie e de faille* para seus filhinhos. Mães, primas pelas singelleza — o luxo é ante-hygienico e desenvolve a vaidade nessas creancinhas que tem phantasias de anjo. (ELISA LEMOS. *A Familia*, N. 154, 20 de janeiro de 1892, p.2, col. 1).

Nesse fragmento, a escritora expressa mais uma vez a consciência do seu papel enquanto cronista, dirigindo-se àquelas mães que não se aborreceriam com seus conselhos, já que buscariam a melhor educação para os filhos. Educação que não se limitava àquela instrução formal, mas também seria uma educação moral.

Outro fato que merece destaque é a relação que a cronista faz entre o luxo e a falta de higiene – "o luxo é ante-hygienico". O luxo estaria associado muito mais a uma deficiência moral do que física. Elisa Lemos, ao mesmo tempo em que defendia a higienização – um aspecto predominantemente moderno, assim como a reestruturação das cidades –, não coadunava com todo o discurso da modernidade, pois críticava a moda, os costumes e os comportamentos modernos. Sua proposta de educação moral estava diretamente associada a sua crítica à moda parisiense e ao luxo ostentador:

Acho-o encantador com o seu vestidinho branco e simples; sim, bem simples, por que não quero que elle se atufe entre rendas custosas de Bruxellas ou sedas de Lyon, não, faria muito mal ao seu physico, tolhendo os seus movimentos de criança, e ainda mais, inflamaria a vaidade naquelle coraçãosinho novo e puro; trajo-o sempre de uma simplicidade graciosa e saudável. (...) Já tenho em mente um plano traçado para futura educação. (ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 186, 06 de janeiro de 1893, p. 2, col. 3).

"Nada de toucas, nada de faixas, nada de cintas', ordenava Rousseau, que exige que se vista a criança com roupas soltas e largas que deixem seus membros em liberdade e não lhe dificultem os movimentos" (BADINTER, 1985, p.148). De acordo com outros filósofos que seguiam a mesma linha de Rosseau, as crianças se desenvolveriam mais rapidamente quando criadas com roupas leves. Lemos, consciente do seu papel como educadora — e apropriando-se do discurso desses pensadores —, repassava às mães normas para os cuidados com os filhos. Assim, a simplicidade se associaria ao asseio da mulher para consigo mesma, com a família e com a casa:

(...) ellas encaram o cargo de mães de família como um mistér torpe, entendem que para attingir-se a sua sublimidade é necessário que se renuncie ao aceio e conforto da vida; - engano completo! É quando devemos procurar revestir de maior aceio o nosso *ménage* (...). (*A Patria Mineira*, N. 185, 29 de dezembro de 1892, p. 1, col. 4).

É possível inferir que para Elisa Lemos e outras feministas, diferentemente do que pregavam os defensores do uso das roupas "mais modernas", a mulher, a partir de sua condição de mãe, deveria ser mais atenta à higiene da casa, do corpo e do espírito. A cronista também não deixava que as mães descuidassem da educação das moças donzellas. "As únicas culpadas, (...) são as mães, por que incutem no espírito das filhas theorias falsas, que ensinam-lhes a considerar a formosura e o luxo como principaes attractivos" (ELISA LEMOS. A Familia, N. 157, 04 de março de 1893, p.3 col. 3). A mãe deveria fornecer educação moral e intelectual para suas filhas, já que a supervalorização do belo e do luxo pelas moças seria um sintoma de uma educação falha. Em virtude da falta de orientação por parte das mães, "[a] moça não procura conhecer o desenvolvimento moral e intelectual do individuo, fascinando-se por tudo o que tem brilho apparente e illusorio" (ELISA LEMOS. A Familia, N. 157, Op. Cit.). Em contraposição, a mãe atenciosa deveria fornecer educação moral e intelectual para evitar idealizações e dissabores amorosos, bem como a desvalorização da família e dos valores morais.

Em consonância com a proposta do periódico *A Familia*, Elisa Lemos criticava o modismo francês de atenção ao luxo e à moda como "reinado da vaidade, da coquetterie e da ostentação" (ELISA LEMOS, *A Familia*, N. 154, 20 de janeiro de 1892, p.2, col. 1). Ao destacar a fascinação das mulheres brasileiras pelo luxo, a cronista pressupunha que a atenção excessiva pela moda seria resultante do precário sistema educacional brasileiro, que fornecia uma educação deficiente às mulheres:

Nós as mulheres, alem das muitas perseguições, temos a do luxo. É facto, que as nossas patrícias tendem para ostentação, embora os seus haveres sejam molestados. Mas o que também não podemos negar, é que esta inclinação dispensável, rejeitados como gênero de primeira necessidade, é apenas uma das variantes do nosso acanhado systema de educação. Por exemplo temos os países intellectual e moralmente mais adiantados: - Nos Estados Unidos do Norte, onde a soberania individual é garantida pelo meio, as mulheres tratam antes a illustrar-se do que de procurar adornos éclatants – ahi ellas são senhoras, tem capacidade necessária para guiar o seu destino: redigem jornaes, são banqueiras, dirigem casas comerciais e são respeitadas como merecem (ELISA LEMOS, A Familia, N. 154, op. Cit.).

Para a escritora, o luxo era inimigo da mulher instruída, que deveria seguir o exemplo das norte-americanas. Tomando as estadunidenses como exemplo, Elisa Lemos indicava às leitoras um caminho contrário àquele do *coquetismo* e da atenção ao luxo, relacionados à moda parisiense. Além de se sustentar por meio do trabalho, as mulheres seriam, então, respeitadas profissionalmente. Para a conquista da autonomia feminina seria necessário, portanto, lutar por uma melhor instrução. A sonhada "emancipação" só seria possível quando as brasileiras priorizassem a instrução em lugar da *coquetterie*.

1.6 Não me julguem vaidosa: o peso de uma foto

Em fevereiro de 1893, o periódico *A Familia* trazia estampada em sua primeira página uma fotografia de Elisa Lemos. Assim como outras mulheres letradas que tiveram esse mesmo privilégio, a cronista optou pela simplicidade ao posar para a

fotografia, – confome percebido na foto em anexo – uma vez que os retratos estampados no periódico atuariam como exemplos de comportamentos a serem seguidos pelas leitoras.

Alguns jornais e revistas oitocentistas se aproveitavam do desenvolvimento das técnicas fotográficas para trazer imagens de personagens-modelos para as páginas do jornal. Dessa forma, "nos periódicos para a mulher, as fotos de pessoas que possam ser individualizadas, seja a artista famosa ou a mãe de família, buscam documentar a realidade." (BUITONI, 1990). Como nesse período inicial do uso da fotografia se acreditava que a mesma possuía a capacidade de "reproduzir o real", a imprensa feminista explorava a credibilidade da fotografia para apontar às leitoras um caminho ideal a seguir: de sobriedade e simplicidade. Em contraposição, as revistas que expunham a última moda de Paris, como *A Estação*, enfatizavam o luxo e o *glamour* em suas fotografias.

Seguindo a mesma linha de outros periódicos feministas, *A Familia* expunha a suas leitoras fotografias e litografias de diversas personalidades²⁰. Na primeira imagem a que tivemos acesso no periódico, uma litografia²¹ de Josephina Alvares de Azevedo, a editora assim justificava a inserção de sua imagem no periódico:

Para que não me julguem vaidosa, declaro em tempo que o meu retrato hoje sahe lithographado na *Familia* jornal que redijo na Capital do Imperio, devido aos inúmeros pedidos de pessoas de minha amizade e admiradoras. Somente em vista disso é que em tal consenti. (AZEVEDO, Josephina Alvares de. *A Familia*, N. Especial, 1889, p.4).

Seu cuidado em enfatizar, explicitamente, que não seria uma questão de vaidade, mas uma resposta ao pedido de amigos e admiradores, evidenciava o

²¹ Imagem obtida pelo processo de litografia. De acordo com a enciclopédia Larousse (1995), a litografia seria "arte de reproduzir por impressão desenhos feitos com tinta ou lápis gorduroso em pedra calcário" (GRANDE, 1995, p. 3629, v. 15).

49

²⁰ Enquanto em um número especial as litografias vinham assinadas, em outros números do periódico havia certa dificuldade em definir se seria publicada uma fotografia ou litografia. Nesse sentido, consideramos ambas pelo mesmo viés de exposição de personagens-modelos que fazem uso da imagem como elemento de credibilidade.

caráter funcional da fotografia. Nesse sentido, sua imagem constituía um exemplo para as leitoras do periódico, tanto que a fotografia seria, possivelmente, arquivada por colecionadores d'*A Familia*.

Nesse mesmo número especial, além da foto e da justificativa da redatora, Josephina publicava, talvez como uma estratégia discursiva, outra litografia²², agora de Maria Amelia Queiroz, colaboradora d'*A Familia*. Junto com a imagem, o periódico exibia uma breve biografia da escritora, exaltando sua contribuição para o periódico e narrando os esforços de Queiroz em prol da abolição da escravatura. Esse formato – fotografia acompanhada de uma breve biografia – se repetiria em outros números do periódico.

Todavia, nem todos os retratos publicados n'*A Familia* vinham acompanhados de textos biográficos. Nos outros números do jornal temos os seguintes retratos: Actor Matos, Joanna D'Arc, George Sand, Maria de La Concepción Gimeno de Flaquer, Dr. Domingos Freire, Catalina II, Jose de Alencar, Bittencourt da Silva, Dr. Menezes Vieira, Conselheiro Correa, Inez Sabino, Commendador José Manoel Teixeira, Miss Florence Nightingale, Jose Levrero, Commendador Albino da Costa Lima Braga, Eugenio Oyanguren, Conde de Alto Mearim, Visconde de Santa Marinha, Joanna D'Arc, Commendador Alfredo Montanha Martim, Viscondessa de Leopoldina, Dr. Manoel Lavrador, Barão Paranápiacaba, Ramalho Ortigão, Commendador Albino da Costa Lima Braga, Luiz de Mattos, Dr. Kock, Dr. Acacio de Araujo, D. Pedro II, Elisa Lemos, Eugenio Oyauguren, professor Jose Levrero, Dr. Francisco Portella, Eduardo Brazão e D. Carlos I, Rei de Portugal²³.

²² Ambas as litografia são de L. Amaral. Não encontramos mais informações acerca do trabalho do autor. Além da fotografia de Azevedo e de Queiroz, o periódico *A Família* também chegara a exibir litografias de paisagens urbanas assinadas pelo mesmo litógrafo. O jornal *Gazeta de Noticias* (1875-1942), editado no Rio de Janeiro, em torno de 1900, também trazia uma litografia assinada por Amaral.

²³ Diante dessa multiplicidade de nomes não investigamos as biografias dos referidos personagens nem os critérios de seleção utilizados pela editora para a publicação destes personagens. Porém, é possível afirmar que a maioria dessas pessoas tiveram algum destaque social ou político.

Apesar de não termos acesso a todos os números da coleção do jornal *A Familia*²⁴ – já que alguns números se perderam –, notamos que algumas mulheres eram privilegiadas em terem sua fotografia publicada no jornal. Ao publicar a fotografia de Maria Amelia Queiroz, Josephina relatava que a princípio a escritora se "oppoz tenazmente á publicação do seu retrato" (AZEVEDO, Josephina Alvares de. *A Familia*, N. Especial, op. Cit.). Uma possível justificativa para essa relutância em aceitar a "homenagem" seria o fato de a fotografia ou litografia exporem sua imagem aos olhos de um público amplo.

A pedido de leitores, algumas fotografias foram publicadas duas vezes n'*A Familia*: Elisa Lemos, Josephina Alvares de Azevedo, Eugenio Oyauguren, Joanna D'Arc, José Levrero, entre outros. A segunda publicação da imagem de Josephina se justificava pela comemoração de seu aniversário. Junto à sua foto, o periódico exibia uma breve "biografia", escrita por Ignez Sabino:

Um retrato significa apreço; um retrato significa mérito; um retrato como este, ornando a pagina de honra da nossa revista traduz da parte da humilde collaboração d'A Familia o dever de gratidão para com a sua redactora-chefe Josephina Alvares de Azevedo.

Um retrato, pois significa muito, quando a expressão physionomica traduz as irradiações do talento, a força de vontade, da perseverança, do sacrifício, demonstrando assim a luta pela vida, o amor pelo trabalho, a idéa pela idéa, o futuro, o fim e o exemplo digno da admiração do nosso sexo (...). (SABINO, Ignez. *A Familia*, N. 103, 09 de maio de 1891, p. 1).

Esse fragmento exprime o significado da publicação dessas imagens no periódico: não apenas a foto de Azevedo era digna dessa leitura, mas também todas as outras. Assim, a imagem atuaria como um texto na medida em que séries de fotos construiriam verdadeiras "frases visuais" (BUITONI, 1990). Dessa forma, mesmo quando o periódico publicava retratos não seguidos de textos, as leitoras identificariam nos fotografados um "bom exemplo" a seguir.

-

²⁴ O microfilme do jornal *A Familia*, o qual tivemos acesso possui apenas os números publicados no período de 1888 a 1894 do jornal.

A publicação do retrato de Elisa Lemos parece ter tido a mesma motivação. Sua fotofrafia foi publicada em fevereiro de 1893, no mesmo ano em que ela se casaria com Sebastião Sette. Apesar de nessa data ainda não ser um exemplo de mãe e esposa virtuosa, Elisa Lemos já era reconhecida por suas crônicas. Na coluna "Como nos tratam", de edição posterior, Josephina reproduzia a crítica de três outros jornais acerca da publicação do retrato de Elisa Lemos:

"A Familia"

O numero de 18 do corrente da interessante revista fluminense, reproduz em sua primeira pagina o retrato da Exma. Sra. D. Elisa Lemos, uma de suas talentosas collaboradoras. (Do Minas Gerais)

D. Elisa Lemos

(...) Felicitamos D. Elisa Lemos, de cuja collaboração também nós já tivemos a honra, pela justa homenagem que de modo tão insuspeito acaba de lhe ser conferida. (D'A Patria Mineira)

"A Familia"

(...) O seu n. 156, que ora temos a vista, além de bem elaborados artigos sobre assumptos de elevado interesse, apresenta em sua primeira pagina o retrato da intelligente litterata brazileira D. Elisa Lemos (...). (Do Noticiarista) (*A Familia*, N. 158, 25 de março de 1893).

A publicação da foto da cronista em dois números do periódico e as felicitações de outros jornais exaltando sua inteligência e talento demonstram certo prestígio da cronista no meio jornalístico. É importante ressaltar que os elogios feitos a ela eram voltados para a exaltação de sua capacidade intelectual. Ou seja, havia um empenho em não associar a imagem da mulher de letras à futilidade – haja vista a preocupação de Josephina, quando da publicação de sua fotografia, em não ser compreendida como exemplo de *coquetterie*.

Geralmente, as mulheres letradas do final do século XIX provinham da classe burguesa, de modo que dispunham de certa condição financeira e prestígio para investir na educação por meio de aquisição de livros, assinaturas de jornais e revistas, aulas de línguas e de músicas, entre outros investimentos. Embora a mulher burguesa do final do século fosse associada ao *glamour* da moda francesa, o que

vemos nas "frases visuais" e nos textos-imagens do jornal de Josephina Alvares de Azevedo é uma aversão ao "coquetismo parisiense" expressa no apelo à simplicidade, à manutenção de um vestuário caracterizado por golas altas e decotes fechados, além de penteados simples e naturais.

A posição de Lemos não era diferente. Apesar de ter apenas 20 anos na época, a cronista aparenta, na fotografia, ser uma mulher sisuda, madura – talvez envelhecida – e com um olhar distante. A imagem da cronista parece ter muito a dizer às suas leitoras. Sua condição de fotografada é ativa e passiva ao mesmo tempo: ativa enquanto expressa um modelo para ser seguido e passiva enquanto objeto fotografado.

Na montagem dessa "cena", não podemos nos esquecer do papel do fotógrafo, pois é este que "olha, limita, enquadra e coloca em perspectiva o que ele quer 'captar' (surpreender)" (BARTHES, 2003, p.21). Com base nas reflexões de Barthes sobre o papel do fotógrafo, na preocupação das feministas do século XIX com a imagem de si exposta ao grande público e na utilização de retratos pelos periódicos para expressar a sobriedade das escritoras, notamos que os objetivos do fotógrafo, do fotografado e do editor se coadunavam para a montagem de uma cena cuja finalidade era persuadir as leitoras sobre a seriedade dessas mulheres de letras, que desse modo se dissociariam da imagem da *coquete*. Portanto, nos periódicos feministas, os retratos de mulheres buscariam produzir um efeito de sentido positivo no público leitor, de forma que as mulheres fotografadas não fossem associadas a meros adereços.

1.7 Qual é o dever da mulher?

Em 06 de abril de 1893, *A Patria Mineira* publicava um texto de Elisa Lemos na coluna "Palestrando em S. João del Rey", em que a cronista reproduzia, mais uma

vez, o discurso da responsabilidade da mulher em relação ao bem-estar da família: "Sendo assim, qual é o dever da mulher? – Formar almas boas e enérgicas, que estejam sempre promptas para luctar" (ELISA LEMOS. *A Patria Mineira*, N. 196, 06 de abril de 1893, p.2, col. 5). Atribuir a educação dos filhos à mulher não era característica apenas dos artigos de Lemos. Esse era um posicionamento bastante enfatizado pelas suas contemporâneas. Merece destaque o artigo escrito por Júlia Lopes de Almeida, publicado na revista *A Mensageira* (1897-1900), em 15 de outubro de 1897, em que a escritora defendia a instrução feminina em prol de uma melhor educação para filhos:

Uma mãe instruída, disciplinada, bem conhecedora de seus deveres, marcará, funda, indestrutivelmente, no espírito do seu filho, o sentimento da ordem, do estudo e do trabalho, de que tanto carecemos. (ALMEIDA, Julia Lopes de. *A Mensageira*, N.1, 15 de outubro de 1897, p.3, col1).

Citando Júlia Lopes, Hahner (1981) destaca que a mulher intelectual, ao escrever "em casa, 'em um cantinho tepido de jardim', cercada de seus filhos amorosos" (p. 89) centralizava a família em seus argumentos. Isso acontecia porque o *locus* de atuação feminina ainda era o espaço privado, e o ordenamento social vigente considerava necessário, naquele momento de formação da nação brasileira, a reafirmação de determinados valores burgueses e patriarcais. Considerava-se o lar como *habitat* natural da mulher, pois aquele era o aconchego propício à costura, à educação da prole e, em alguns casos, às práticas religiosas – embora, por vezes, as mulheres fossem convocadas a participar no espaço público.

Além da necessidade de educar os filhos – entenda-se filhos homens – , Elisa Lemos imputava mais uma obrigação às mães: a educação das filhas. Nesse caso, seria imprescindível não apenas uma instrução formal, mas, sobretudo, um estrito controle das leituras necessárias à formação moral de uma mulher: "um ponto importantíssimo para as mães, a leitura que deve ser fornecida a suas filhas" (ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 196, op. Cit.). Aqui, a cronista conclamava às mães a

responsabilidade na educação das moças. Porém, muito mais do que fornecer uma educação formal às filhas, as mães eram convocadas a se preocuparem, também, com a educação moral delas.

Em outro momento, Elisa Lemos afirmava que, independentemente de sua geração estar preocupada apenas com a vulgaridade ou com o excesso de prazeres, as mães deveriam direcionar o caminho das filhas através de "boas leituras". Aproveitando-se do espaço na imprensa, mulheres letradas alertavam as mães para o "perigo" da leitura de "romances doentios para as donzelas. (Pois) as histórias de heroínas românticas, longorosas e sofredoras acabavam por incentivar a idealização das relações amorosas e das perspectivas de casamento" (D'INCAO, 1997, p.229).

Em sua crônica, Elisa destaca que as mães deveriam vigiar a leitura de suas filhas: "julgamos um ponto importantíssimo para as mães, a leitura que deve ser fornecida a suas filhas(...) Referimo-nos á espécie da litteratura que convém a donzella" (ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 196, 06 de abril de 1893, p.2, col. 5). O imperativo da vigilância, preconizado não só nos jornais do interior do país como também em periódicos de centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo, era uma espécie de medida preventiva contra literaturas que supostamente abalariam o casamento e a idealização da mulher, tais como as narrativas de Flaubert e Eça de Queirós, cujas heroínas distorciam radicalmente os "bons modos" prescritos para as mulheres.

Pertencente a uma classe letrada, Elisa Lemos enfatizava, ainda, que tal responsabilidade só poderia ser assumida por uma mãe, que deveria ser, por isso, instruída de forma adequada: "A mãe, desde que seja uma senhora instruída, é a única pessoa que por meio de escolha acertada influindo no coração, póde despertar na alma da filha o gosto pelos bons auctores" (ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 196, op. Cit.). Assim, enquanto mãe, a mulher teria a obrigação de educar as filhas para que também se tornassem mães instruídas. A passagem também exprime um apelo emocional à mulher, que influiria "no coração". De fato, era comum, no século

XIX, a mulher ser definida como um ser efetivamente emocional e frágil, governado pelo coração, enquanto o homem seria regido pela razão.

Incumbida de educar filhos, filhas e ainda ser uma esposa virtuosa, a mulher carecia também de uma educação adequada, tanto formal como moralmente. Assim, a precária educação das mulheres, que não fornecia conhecimentos suficientes para que ela exercesse seu papel educativo, era alvo recorrente de críticas por feministas como Josephina Alvares de Azevedo, que repreendia:

É certo que a mulher brazileira anda não sahiu, salvo excepções, do circulo infantil do seu atrazo intelectual. Entre nós, a moça de fina educação pouco mais é do que aquella que nos salões sabe dar o braço a um cavalheiro para dançar uma walsa, a executante machinal ao piano de uma peça de musica, fingindo uma certa elegância no trajar, á custa do estudo ao espelho e do martyrio do espartilho. Sahem dahi para os braços de um esposo que só procurava a dona de casa, aquellas que julgam-se desde logo aptas para serem bôas mães de família, que tem sob sua immediata responsabilidade a primeira educação das nossas gerações.

(AZEVEDO, Josephina de Azevedo. *A Familia*, N. 62, 31 de maio de 1890, p. 1, col.1).

Para Josephina, mesmo as moças de classe social privilegiada não tinham uma educação adequada para educarem as novas gerações. Vítimas de uma educação "medíocre", que as preparava para serem ornamentos de salão, as moças eram exigidas apenas o necessário para serem boas donas de casa. Uma educação que possibilitasse a emancipação intelectual seria impensável nesse contexto em que as mulheres recebiam uma educação elementar, suficiente apenas para que não envergonhassem seus familiares em eventos sociais. A editora julgava esse tipo de educação como arcaica e ingênua, pois não possibilitava às mulheres o exercício de seu papel primordial: ocupar-se das gerações futuras.

Ao introjetarem essa educação falha, as próprias mulheres resisitiam a alternativas que pudessem mudar essa situação: "Dahi resulta a indifferença cruel para todos os tentames como – A Familia, que tem por fim libertal-as do acanhamento intellectual em que vivem ou jazem" (AZEVEDO, Josephina de Azevedo. *A Familia*, N.

62, op. Cit). O próprio jornal *A Familia*, por exemplo, sofria com a ausência de repercussão e divulgação entre um público feminino mais amplo – vale destacar as dificuldades financeiras para a manutenção do periódico. Nesse sentido, parece-nos que, embora o público-alvo fosse as mulheres em geral, o periódico alcançava apenas uma pequena parcela desse público, principalmente mulheres já intelectualmente emancipadas. Mesmo que o posicionamento político de Josephina aspirasse à melhoria na condição das mulheres em geral, grande parte das leitoras estava mais interessada em jornais e revistas que abordassem assuntos mais amenos do que o tipo de formação intelectual – repleto de "ousadia" e de crítica às instituições da época – que *A Família* tinha a oferecer.

Na esteira de Josephina, Elisa Lemos atentava para o extremismo das mães que ou "condenam as filhas ao completo jejum, ou franqueam-lhes iguarias de todo o gênero" (ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 196, 06 de abril de 1893, p.2, col. 5). Segundo a cronista de "Palestrando de S. João d'El Rey", as mulheres que não lessem estariam condenadas à completa ignorância. Contudo, as moças, ao lerem de tudo, conseguiam apenas memorizar alguns clichês que utilizavam em todas as conversas: "decoram a nomenclatura dos amores phantasiosos e impetuosos como a tempestade, mas abandonam por não terem gosto educado, os escriptores sérios, os que exactamente lhes convem" (ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 196, op. Cit.). Diante disso, as mães eram interpeladas a selecionar leituras mais adequadas, que não as condenassem à perpétua alienação, mas, ao contrário, possibilitassem sua emancipação intelectual.

1.8 Moralistas criteriosos e glorificadores da mulher

Para auxiliar as mães de família, Elisa Lemos recorria a escritores franceses que, a seu ver, não poderiam faltar nas estantes das moças *donzellas*: Aimé Martin, Fénelon e Rousseau. A cronista, além de seguir uma tradição de escritoras que são

leitoras desses escritores, buscava perpetuar essa mesma tradição de leitura à nova geração.

Elisa Lemos seguia uma tradição de escritoras que recorrentemente mencionavam, por exemplo, Louis Aimé Martin²⁵. Para Resende (2005), "[o]s textos de Martin funcionavam como uma cartilha para as mães de família e suas filhas" (p. 187). Esse escritor francês influenciou toda uma geração de escritoras do final do século XIX, incluindo-se Josephina Alvares de Azevedo e Francisca Senhorinha da Motta Diniz. A primeira publicou vários fragmentos do livro *Educação das Mães de família* em seu periódico; e a segunda trazia, na parte superior da primeira página de seu periódico, uma frase de Martin: "É pelo intermédio da mulher que a natureza escreve no coração do homem".

No discurso de outro autor citado por Lemos, Fénelon, observamos também uma proximidade com os ideais feministas da época, relacionados à educação da mulher. Seu livro *Educação das Meninas*, publicado em 1862, enfatizava que era preciso educar as mulheres, pois sua "má educação é mais perniciosa que a dos homens" (*FENELON apud DUARTE*, 1999, p.22). Jean Jacques Rosseau também contribuía para a seleção de textos "pedagógicos" de Elisa Lemos. Para o filósofo francês, "é das mulheres que depende a primeira educação dos homens, seus costumes, paixões, prazeres e até a felicidade" (ROUSSEAU, *apud DUARTE*, 2002, p.278). Rosseau contribuiu decisivamente para a formulação de novos preceitos que informariam o ideal de conduta adequada para as mulheres do final do século XIX.

_

Louis Aimé-Martin (1781-1847), escritor francês, foi nomeado, em 1815, secretário da Câmara dos Deputados e, logo depois, professor de belas-artes, filosofia moral e história, na Escola Politécnica. Sua primeira produção de sucesso foi um livro semi-científico *Lettres de Sophie sur la physique, la chimie et l'histoire naturelle* (*Cartas de Sofia sobre física, química e história natural*), uma mistura de prosa e verso. Tempos depois, escreveu, *La vie de Bernardin de St. Pierre* (*A vida de Bernardin de St. Pierre*), em que imitava o estilo de St. Pierre. Sua obra mais importante foi o tratado *Educação das Mães de Família*, em que Aimé-Martin defendia que o único meio de melhorar a humanidade e reformar a organização social de seu tempo era educar as mulheres para que se habilitassem a formar homens de caráter e virtude. Fonte: http://chestofbooks.com/reference/American-Cyclopaedia-V1/Louis-Aime-Martin.html> Acesso em 15/01/2010.

Ao escolher e valorizar tais filósofos e pensadores como indispensáveis à biblioteca de uma moça, Lemos os classificava como "moralistas criteriosos e glorificadores da mulher, os quaes, lidos com a devida attenção, desvendam á alma o tesouro da sublimidade" (ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 196, 06 de abril de 1893, p.2, col. 5). Esses autores privilegiavam a educação feminina e escreviam romances "morais", ou moralizadores.

A luta pela educação era uma bandeira condizente com a busca da emancipação feminina. Entretanto, a restrição da educação aos ensinamentos morais e à instrução voltada para o espaço doméstico, coligadas com as propostas de filósofos moralistas, contribuiria para a perpetuação da subordinação feminina. Porém, consideramos que mulheres de letras do final do século XIX adotavam, estrategicamente, tais discursos conservadores, pois era uma alternativa possível em face de uma tradição de submissão e a uma ausência de formação mínima para as mulheres. Nesse posicionamento estratégico, esses filósofos eram utilizados precisamente porque eram autoridades que defendiam a necessidade de se educar as mulheres.

1.9 Bons companheiros para um espírito moço

Além de citar nominalmente os filósofos que mereceriam ser lidos pelas "donzelas", Elisa Lemos chamava a atenção para alguns romancistas: "estilistas energéticos e finos observadores como, por exemplo, Herculano, Garret, Castelo Branco, Castilho, Maria Amália Vaz de Carvalho, Michellet" (ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 196, op. Cit.). Seus textos seriam leitura obrigatória para a formação das jovens.

A identificação de mulheres letradas com romancistas como Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco e Antonio Feliciano de Castilho

adviria de uma tradição de leitura relacionada à literatura portuguesa presente na formação intelectual de diversas escritoras. Júlia Lopes de Almeida, por exemplo, durante o período em que morou em Campinas, "por orientação do pai, ocupava-se (...) da leitura dos clássicos portugueses (Garret, Herculano, Camilo Castelo Branco, Júlio Diniz (...)" (DeLUCA, 1999, p. 282). Já Francisca Senhorinha da Mota Diniz, no número de estréia do seu jornal, também recomendava aos pais de família que ensinassem suas filhas, dentre outras coisas, "a litteratura (ao menos a nacional e portugueza)" (DINIZ, Francisca Senhorinha da Mota. *O Sexo Feminino*, N.1, 07 de setembro de 1873, p. 1, col.2).

Já o historiador Michellet tinha uma boa aceitação entre as escritoras do final do século XIX. Júlia Lopes de Almeida o considerava o "doce" e Maria Amália Vaz de Carvalho recomendava a sua leitura (DUARTE, 2002). Em *La Femme* (1859), Michellet "projeta uma imagem de esposa dócil, frágil e dependente que se converterá quase no tipo ideal de mulher que todos passariam a desejar" (op. Cit., p. 278). O historiador seria mais um propagandista que supervalorizava os papéis de esposa e mãe.

Junto aos autores portugueses citados por Lemos, destacamos a presença de Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1920). Na referência a Vaz de Carvalho, dois aspectos chamam a atenção: primeiro, entre todos os escritores o único nome registrado de forma completa foi o da escritora portuguesa; e, segundo, Vaz de Carvalho foi a única mulher citada dentre um grupo de escritores canônicos. Lemos não teria registrado o nome completo dos outros autores porque esses já seriam conhecidos do público leitor e, portanto, não seria necessária tal formalidade — ou, então, a cronista preferiu dar destaque ao nome da "colega", sendo Vaz de Carvalho a única mulher em grupo tão seleto de escritores.

A participação de Vaz de Carvalho na vida literária se deu, sobretudo, após a morte de seu marido, Gonçalves Crespo, em 1883. Contudo, ainda casada, Carvalho havia publicado, em 1876, o livro *Contos para os nossos filhos*, em co-autoria com o

marido. Na época da publicação, segundo o Código Civil Português, no artigo 1.187, a mulher só poderia publicar livros com o consentimento do marido (SANTOS, 2000). A partir da boa recepção de seu livro *Cartas a Luiza: Moral, educação e Costumes*, em 1886, Vaz Carvalho afirmou-se como "mentora da regeneração da condição feminina" (op. Cit., p. 98).

Nessa época, Carvalho pertencia a uma vertente feminista conservadora, que, além de defender "uma educação para as mulheres que as tornariam companheiras úteis e encantadoras, rejeitava a idéia da mulher trabalhando na esfera pública, bem como do voto feminino" (HAHNER, 1981, p. 93). Entretanto, nos últimos anos do século XIX, era reproduzido um artigo da escritora na revista *A Mensageira,* no qual havia uma mudança significativa em sua postura:

Eu confesso que tenho pela chamada emancipação política da mulher uma repugnância invencível.

Custa-me infinitamente a comprehender essa nova figura hybrida, que a civilisação moderna tem produzido e vai produzir mais e mais.

Fui educada sob a influencia de idéias que já não coadunam com o momento atual. (...) Não sucede hoje assim. A gente é que tem de se modificar rapidamente para seguir as modificações do seu tempo.

(...) O século XX verá a mulher trabalhando ao lado do homem, correndo com ele em todas as carreiras liberaes (...). (CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *A Mensageira*, N. 31, 31 de agosto de 1899, p.133/135).

Vaz de Carvalho, nesse caso, cedia "às modificações de seu tempo", expondo sua dificuldade anterior em aceitar a idéia da "emancipação política" feminina. Maria Clara da Cunha Santos (1866-1911), na coluna *Carta do Rio*, da mesma revista, congratulava sua nova forma de pensar, considerando-a "mais pratica e mais positiva" (CUNHA SANTOS, Maria Clara. *A Mensageira*, N. 30, 15 de agosto de 1899, p.121, col. 1).

Esse exemplo de mudança de perspectiva de Vaz de Carvalho demonstra como as escritoras dos últimos anos do século XIX se insurgiam de forma mais homogênea contra o ideal que pregava que "a mulher devia se instruir para embelezar a vida de seu companheiro de existência, do eleito de su'alma, para se tornar a flor delicada do lar" (CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *A Mensageira*, N. 31,

op. Cit.). Nesse momento, feministas como Cunha Santos e Maria Emilia Lemos viam a instrução como possibilidade de profissionalização e garantia de sobrevivência e se inspiravam em exemplos de mulheres estrangeiras bem sucedidas profissionalmente.

A partir da seleção de escritores de Elisa Lemos, enfatizamos a proeminência da literatura portuguesa no Brasil oitocentista. Ao fazer indicações de leituras para as moças, a escritora se lembrava de cinco autores portugueses: Herculano, Garret, Castelo Branco, Castilho e Maria Amália Vaz de Carvalho. Regina Zilberman (2002) destaca que os livros que vinham de outros países, sobretudo da Europa, eram mais baratos do que aqueles editados no Brasil. Ao custo mais baixo dos livros estrangeiros, acrescentava-se o fato de que "desde a década de 1830 os livros portugueses vinham sendo pirateados pelas tipografias do Rio de Janeiro" (op. Cit., p.35). Assim, o baixo custo das obras estrangeiras, comparadas com as nacionais, aliava-se à língua compartilhada, o que facilitava a pirataria, provocando a predominância da literatura portuguesa no mercado de livros brasileiro. Almeida Garrett, inclusive, chegou a escrever um artigo em que criticava a prática ilícita dos tipógrafos da Capital Federal. Dessa forma, torna-se compreensível o fato de Elisa Lemos se lembrar, em seu artigo, apenas de autores pertencentes ao cânone literário português.

Os romancistas portugueses, na concepção de Lemos, seriam os mais adequados para a formação moral e intelectual. De acordo com a cronista, esses escritores ensinariam as jovens a "supportar com altivez e dignidade os revezes da fortuna e, por conseguinte, são bons companheiros para um espírito moço" (ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 196, 06 de abril de 1893, p.2, col. 5). Nesse sentido, a formação moral, que poderia ser propiciada pela leitura desses "bons companheiros", seria um elemento essencial para a educação das jovens, além de necessário em momentos de dificuldades materiais. Esses "revezes da fortuna" poderiam aludir tanto a possíveis dificuldades financeiras, decorrentes de falência ou morte do companheiro, quanto a conflitos no relacionamento ou casamento. Assim, os romances portugueses constituíam-se como leituras adequadas em momentos de

infortúnios, para aquelas que, despossuídas de fortunas, teriam de se adaptar a uma nova vida, pois, através de bons exemplos, a moça conseguiria encarar a mudança com compostura e decência. Embora o baixo custo dos livros e a facilidade de acesso justifiquem os critérios de seleção de autores predominantemente portugueses por Elisa Lemos, consideramos que o fator primordial seria o cunho moralizante desses romances.

Nesse aspecto, finalizando seu artigo, Lemos condenava a leitura de Lamartine – um escritor que não seria um bom companheiro "para um espírito moço". Em contrapartida, outro escritor francês, Julio Verne, era indicado pela cronista, segundo a qual este "póde ser lido proveitosamente, visto haver em suas phantasias um fundo moral e instructivo" (ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 196, 06 de abril de 1893, p.2, col. 5). Quanto a Lamartine, Lemos condenava sua leitura por jovens inexperientes, pois "sendo um sentimental delicadíssimo, o seu lyrismo pode perturbar a imaginação chimerica da donzella e excitar-lhe o desejo de ver-se ao lado de um Raphael ou de ser uma Graziella" (ELISA LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 196, op. Cit.). Dessa forma, haveria uma inadequação do livro de Lamartine para a formação de jovens.

De acordo com Houbre (2000) alguns livros românticos eram vistos com maus olhos pela sociedade, porque, após sonhar com o príncipe encantado, a moça "recusava-se" a casar com aquele escolhido pelos pais. Acreditava-se que "o romance poderia corromper a jovem a mergulhar em devaneios lânguidos ou exaltações febris; privando-a de sua inocência, fazendo-a perder a alma e pondo em risco sua educação" (p. 14). Dessa forma, havia uma crítica acentuada aos romances, principalmente aqueles que privilegiavam "largamente o amor", pois "por trás de uma ilustração pomposa poderia ir escondida a traça daninha que imperceptivelmente iria roer os corações e os cérebros do lar" (VIEIRA *apud* HELLER, 2002, p.257).

Após considerar Lamartine impróprio para as moças, Elisa Lemos fazia a seguinte ressalva: "Lamartine deve ser franqueado ás pessoas solidamente instruídas, e que lêem tudo sem que cousa alguma lhes seja prejudicial" (ELISA

LEMOS, *A Patria Mineira*, N. 196, op. Cit.). Visto que havia referências a Lamartine em várias de suas crônicas, os romances do francês não seriam rechaçados totalmente, pois poderiam ser lidos por pessoas com mais experiência de vida e de leitura, como a própria Lemos. Essas leitoras mais experientes, na concepção de Lemos, não esperariam mais ser possível encontrar o amor ideal com um *Raphael* ou uma aventura nos braços d'*O Primo Basílio*.

Para as leitoras mais experientes, que já tivessem uma formação sólida, Elisa Lemos consentia na leitura dos "romances doentios". Isto é, abria o leque de leituras para outros livros, menos moralizantes. Já quanto às jovens leitoras, a questão principal era a formação moral e intelectual e, nesse sentido, a leitura deveria ser direcionada e vigiada pelas mães.

1.10 A prosa poética de Elisa Lemos

Grande parte da prosa poética de Lemos foi escrita no periódico *A Família*, após seu casamento com Sebastião Sette. Através do uso de símbolos da natureza e do amor, a autora buscava transmitir às leitoras ensinamentos morais, conforme mencionamos anteriormente. Nesses textos, destaca-se a capacidade das mulheres em escrever e cuidar dos filhos, desde que com o apoio do marido.

"Um Convertido", publicado em 1893, narra história de um escritor, Alfredo Dias, que "procurava sempre ridicularizar com a mais fina ironia a capacidade intellectual da mulher" (ELISA LEMOS. *A Patria Mineira*, N. 194, 23 de março de 1893, p.2, col. 1). Entretanto, seus conhecidos se surpreenderam com o surgimento de um jornal glorificando a mulher, redigido pelo próprio Alfredo Dias e por uma mulher, Laura Bastos. A mudança repentina se devia, segundo a narradora, ao amor de Alfredo por Laura. Embasada na explicação idealista de que o amor resolve tudo, o escritor patriarcalista passaria a apoiar a mulher na tripla jornada: "esposa

dedicada, mãe exemplar e um vulto notável nas lettras." (ELISA LEMOS. *A Patria Mineira*, N. 194, op. Cit.).

"Après avoir souffert, il faut souffrir encore ; Il faut aimer sans cesse, après avoir aimé"²⁶, frase de Alfred Musset utilizada como epígrafe em "Uma História Verdadeira", já enuncia uma "decepção amorosa", que ocorrera com a ingênua Yolanda, apaixonada por Álvaro, que

destacava-se nesta roda de *bons vivants*, um rapaz trigueiro, de óculos azues, esbelto e pensativo.

Quando falava ouvia-se mais a entonação harmoniosa de sua voz do que o sentido das suas palavras. Tinha alguma cousa de andaluz: desses cantos de sereia é que a mulher deve fugir. (ELISA LEMOS. *A Patria Mineira*, N. 201, 11 de maio de 1893, p. 2, col. 2).

Já na descrição do rapaz, a cronista fornecia pistas de que Álvaro não era confiável, e que a mocinha Yolanda sofreria no final. Por meio dessas passagens, Lemos aconselhava suas leitoras de que a desconfiança em relação a rapazes com esse perfil seria uma garantia de "felicidade". Após iludir Yolanda e prometer-lhe casamento, o rapaz "não tardou o momento, que todos os homens têm na vida, de tornar-se pássaro. Álvaro, não desmentindo o sexo, voou e cantando em outras plagas, casou-se com uma moça rica" (ELISA LEMOS. *A Patria Mineira*, N. 201, op. Cit.). Na passagem, Lemos generaliza o comportamento desregrado de Álvaro como comum a todos os homens, pautando-se na noção essencialista de que todos os homens se comportam da mesma maneira. Yolanda, mesmo após quinze anos do acontecido, ainda se lembrava da desilusão amorosa. Sua reação, ao ser abandonada, foi aquela "natural" para uma mulher: "Yolanda soube sentir sua dor" (ELISA LEMOS. *A Patria Mineira*, N. 201, op. Cit.). Uma reação de submissão e resignação perante os infortúnios da vida. Apesar da proposta de Elisa Lemos, em grande parte de seus textos mais engajados, de lutar pela educação e emancipação

²⁶"Precisa ainda sofrer, depois de haver sofrido; Precisa amar sem fim, depois de haver amado." (Cf. <www.joaquimnabuco.org.br/abl/media/poesia11.pdf> Acesso em 15/01/2010). Trecho da obra *La Nuit d'août* (1836), que faz parte de uma das principais obras líricas, *Le Nuits*, de Musset.

feminina, os modelos de mulheres presentes em suas prosas poéticas ainda estavam presos a características essencializantes em relação aos papéis de gênero.

Nesse sentido, entre uma "prosa" e outra, a cronista não deixava suas leitoras se esquecerem da família. Para a autora, o sentido da existência da mulher era a família, pois seriam o marido e filhos que proporcionariam o "encanto" da vida e a razão do existir:

A vida é cheia de revezes (...)
Mas porque nos prendemos a ella com tanto amor e afinco?
É porque a par desses revezes, desses infortúnios, encontramos também momentos de ventura. Por acaso não achamos a mãe carinhosa que sacrifica a tua existência pela felicidade de seus filhos? (ELISA LEMOS. *A Familia*, N.166, 06 de janeiro de 1894, p. 4, col. 3).

Mesmo quando refletia acerca da vida, Lemos posicionava os filhos e a maternidade no centro de suas reflexões. A idéia de que o amor entre os membros da família superaria tudo embasaria suas explicações para o sentido da vida.

Em "Onde está a felicidade?" não haveria um lugar específico onde a felicidade poderia ser encontrada, pois, como afirma o amigo do "d. Quichote sem ventura", "[a] felicidade é a rainha dos acasos" (ELISA LEMOS. *A Patria Mineira*, N. 200, 04 de maio de 1893, p. 2, col. 4). Aquele que buscasse a felicidade não a encontraria; já aquele que acreditasse que esta surgiria por acaso, ao levar um escorregão e cair na rua, encontraria uma jovem a observá-lo, junto a outros curiosos. Essa jovem, por acaso, seria percebida como uma dádiva do acaso, pois com ela se casaria o felizardo. Aqui, o enlace amoroso continua a ser o motivo da "felicidade".

Muito mais do que acontecimentos cotidianos peculiares, as narrativas de Lemos traziam "princípios" e ensinamentos morais que a escritora explicitava ao longo de suas narrativas em prosa poética. Há, ainda, outros textos em prosa poética que, mediante conhecimentos acerca da biografia da escritora, são passíveis de outras interpretações além do sentido estritamente literal.

1.11 Nos rastros de Elisa Lemos

Na competente secção, publicamos hoje a despedida que d. Elisa Lemos dirige às pessoas desta cidade, ao retirar-se para o Rio de Janeiro.

Nossa jovem e gentil collaboradora, seguiu, dia 29, conjuntamente com as exmas. D. d. Ludovina e Therezinha Braga, veneranda sogra e graciosa cunhada do dr. Mollina Queiroz.

Com prazer noticiamos aos assignantes que d. Elisa Lemos continuará, conforme nos prometteu, a honrar com seus escriptos a nossa folha.

Teremos, portanto, de ora em diante um Palestrando do Rio de Janeiro em substituição ao Palestrando de S. João del Rey. (*A Patria Mineira*, N.204, 01 de junho de 1893).

O retorno de Elisa Lemos à cidade natal marcaria o início de novos tempos e de uma nova vida. A publicação de seus textos no jornal mineiro, contínua durante o primeiro semestre de 1893, seria interrompida "temporariamente". Essa interrupção ocorria em virtude do seu casamento com Sebastião Sette, editor do periódico *A Patria Mineira*. No entanto, apesar do prometido, a nova coluna "Palestrando do Rio de Janeiro" não se efetivara e a antiga "Palestrando de S. João del Rey" desvanecera, assim como a participação de Elisa Lemos no periódico mineiro. Desse modo, sua partida para o Rio de Janeiro implicava o encerramento de suas publicações n'*A Patria Mineira*.

Vinte dias depois da nota de despedida, uma nota no periódico republicano explanava o motivo da ida da escritora para a cidade do Rio de Janeiro:

Sebastião Sette e d. Elisa Lemos

p.2 col.4).

Perante a pretoria do districto da Lagoa, Rio de Janeiro, realizou-se no dia 14 do corrente, o casamento do redactor-chefe desta folha com d. Elisa Lemos, egualmente conhecida dos nossos leitores pela collaboração com que tem honrado estas colunnas.

O casamento religioso effectuou-se na matriz da Gloria, officiando o momento o monsenhor F. Martins do Monte, vigário da Lagoa. Serviram de testemunhas por parte da noiva a exma. Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo, nossa illustre collega d'A Família e o Sr. Jose do Amaral, e por parte do noivo o capitão Luiz Rodrigues Sette e Câmara. Regressando da cerimônia religiosa em seguida ao lunch offerecido aos convidados, os noivos transportaram-se para o hotel White, na Tejuca. Enviando os nossos cordeaes parabéns ao novo par desejamo-lhes initerrupta serie de venturas. (*A Patria Mineira*, N.207, 22 de junho de 1893,

Elisa contava 21 anos e Sebastião 49. A diferença de idade não serviu de impedimento para o enlace matrimonial²⁷, realizado em 14 de junho e 1893. Após a cerimônia de casamento o casal viajou para a Europa. Na ocasião, visitaram Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Grécia, Egito e o território de Jerusalém. Devido à lua de mel do casal, o número seguinte d'*A Patria Mineira* só reapareceria em 20 de julho, mais de um mês após a cerimônia.

A escolha de Josephina Alvares de Azevedo, por Elisa Lemos, para ser testemunha do casamento demonstra que haveria muito mais do que uma comunhão de idéias no jornal *A Familia*, mas uma relação de amizade e cumplicidade que perduraria, no mínimo, por mais dois anos – período em que Lemos continuaria a colaborar no periódico carioca.

Após o casamento, Elisa Lemos residiria com o marido na Chácara Lyndoia, em São João del-Rei, onde nasceriam seus sete filhos: Lyndoia, Eneida, Eubea,

informações desejadas.

68

²⁷ Apesar de *A Patria Mineira* ter trazido essas informações acerca do casamento de Elisa Lemos e Sebastião Sette, não tivemos acesso ao documento referente à união do casal. Por meio desses dados entramos em contato com o Arquivo da Curia do Rio De Janeiro e, apesar dos esforços dos funcionários, não obtivemos sucesso na busca. Ainda que a atual Matriz da Glória fosse a mesma da época e o Monsenhor Martins do Monte fosse realmente o pároco daquele período, os pesquisadores, verificando no livro índice de casamentos da Lagoa de 1863 a 1899, não conseguiram localizar as

Lindeia, Elisa, Sebastião e Altivo Sette²⁸. Sebastião Sette²⁹ já tinha um casal de filhos – Maria Leonor e Altivo Rodrigues Sette Câmara – do seu primeiro casamento com Tereza Marcelina da Fonseca Marinho. O nome do último filho do casal, Altivo Sette, seria uma homenagem ao irmão, o primeiro Altivo, que havia morrido. Sendo assim, o primeiro era Altivo Rodrigues Sette Câmara e o segundo Altivo de Lemos Sette Câmara. Porém, os dois Altivos não tinham apenas o nome em comum, pois ambos foram jornalistas.

A morte da primeira filha do casal, ainda criança, seria tema do texto "A Vida", publicado n' *Familia*:

Mas, quantas vezes essa felicidade, esse sonho fagueiro bem cedo se dissipa e vem a morte, com o hálito infecto bafejar a mesma fronte que momentos antes era o encanto de sua mãe...

Entretanto a pobre mãe, a carinhosa de outrora, não deixa, apezar de encontrar a fronte que momentos antes inspirava vida, ternura e amor, na qual todas as suas esperanças se concentravam, agora formando verdadeira antithese, pallida e fria – de oscular docemente, de imprimir-lhe o derradeiro beijo, o beijo da despedida, o ultimo que lhe offerta na passagem escabrosa desse sonho passageiro, que lhe embalou ternamente e que se chama vida, para o eterno, do qual jamais despertará, e que se denomina – a morte. (ELISA LEMOS. *A Familia*, N.166, 06 de janeiro de 1894, p. 4, col. 3).

A homenagem à primogênita não se resumiria ao texto; seu nome, Lyndoia, seria dado à chácara onde a família morava. Lyndoia, possivelmente nascida de sete meses, morreria dias depois do nascimento. Assim, a angústia da mãe amorosa, em virtude da perda da filha, ainda ressoaria nas folhas d'*A Familia*.

Antes do nascimento de Lyndoia, a expectativa pelo primeiro filho, ou filha, já perpassava as prosas da cronista. Em "O anjo da guarda", publicada em novembro de 1893, talvez por "intuição" "o coração de mãe" já pedia proteção divina:

_

²⁸ Altivo de Lemos Sette Câmara (1908 – 1982) escritor periodístico são-joanense. A obra do referido escritor foi objeto de dissertação de mestrado de Lilian Moreira (2006).

²⁹ Acerca da biografia de Sebastião Sette Cf. Henriques, 2002.

Na infância esse anjo de azas brancas guarda o berço de seu protegido, não deixando que o sopro nocivo expilla para o deserto a innocencia intacta; (...) na infância acompanha-a por toda a parte, conserva-se á cabeceira de seu leito e procura incutir n'aquella imaginação casta pensamentos dourados. (ELISA LEMOS. *A Familia*, N. 164, 07 de novembro de 1893, p. 3, col. 3).

Muito mais do que o resguardo, a mãe cuidadosa suplicaria proteção para todos os dias da vida do filho tão desejado. Se ouvisse o pedido da mãe, o anjo guardaria todos os passos do novo membro da família, da infância à velhice. A idéia da morte na velhice atuaria muito mais como um desejo da mãe do que como uma constatação da realidade. Contudo, a realidade confrontaria os anseios maternos e Lyndoia, tão aguardada, morreria ainda na tenra idade.

Além das agruras do falecimento da filha, Elisa Lemos compartilharia com suas leitoras a paixão pelo marido. Em "Confidencia", escrita seis meses após seu casamento, a escritora exaltava as qualidades do marido, através de uma franca confissão: "O homem que amo não partilha as mesquinhezas da terra, não está sujeito ás baixezas impostas aos outros – é um ser todo ideal, que vive pelo coração e pelo espírito." (ELISA LEMOS. *A Familia*, N. 164, op. Cit.). Nesse momento, temos o retorno da romântica leitora de Shakespeare, Saint-Pierre e Lamartine. "Confidencia" seria o único texto de Elisa Lemos publicado n'*A Patria Mineira*, após o casamento com Sette.

Dias antes de seu casamento, a escritora publicara n'*A Família* uma crônica que parecia figurar como um divisor de águas entre as crônicas "engajadas" – que traziam reflexões acerca da condição feminina no final do século XIX – e suas prosas poéticas. Trata-se do último texto da coluna "Palestrando de S. João d'El Rey", no qual Lemos simula um diálogo entre ela e uma leitora:

⁻Deixa-te de historias e justifique-te – aposentaste a tua inseparável companheira, a D. Chronica?

⁻Foi ella quem despediu-se de mim – rapariga de gênio trâfego, foi a procura de novas sensações. (...)

-Já vos conto. – Desde que poisou aqui certo menino louro e de olhos verdemar, cantando trovas e manejando um arco... tudo mudou.

-A população elevou-se e a ordem do dia é este anjo bom. – Reina lufa-lufa e avidez em todos os espíritos – moças e rapazes deixam-se levar pela onda bellicosa. O combate começa, as flechas voam, cabeças erguem visctoriosas, mas deixam os corações flechados. Alegrias e despeitos – umas coroam-se de flores symbolicas, rodam outras no passo do constrangimento... ou da taboa. E assim andam todos as voltas com a epidemia amorosa.

-Data d'esta época o desaparecimento de D. Chronica, que não sendo afeiçoada a Cupido assumiu o posto da observação. (ELISA LEMOS. *A Familia*, N. 161, 10 de junho de 1893, p. 1, col. 3).

Aqui, percebemos que, para a escritora, a *crônica* não combinava com devaneios amorosos. Apaixonada, Lemos se percebia como incapaz de escrever acerca das lutas pela educação e emancipação das mulheres. A partir dessa data, a escritora publicaria, ainda por mais um ano n'A Familia, porém apenas prosas poéticas.

Tal posicionamento merece reflexões. Após o casamento com Sebastião Sette, a escritora não apenas "encerrou" sua colaboração n'*A Patria Mineira*, periódico do marido, como passou a publicar apenas textos em prosa poética n'*A Familia*. Esse fato é bastante curioso, visto que sua condição de casada com o editor do jornal poderia facilitar suas publicações³⁰. Porém, acreditamos que o cunho republicano do jornal do marido tenha impossibilitado a continuação da publicação de suas crônicas engajadas. Além disso, sendo agora uma senhora — esposa de um respeitável republicano — não seria de bom-tom instigar questionamentos políticos que almejavam mudanças sociais. Lembremos que havia aquele(a)s que, explicitamente, questionavam as aspirações das feministas, de modo que o feminismo, longe de bem-visto por toda a sociedade, era apenas compartilhado por um grupo restrito. Na maioria das vezes acarretava "odiosidades egoístas, despeitos de todo quilate" (ELISA LEMOS. *A Familia*, N. 155, 02 de fevereiro de 1893, p. 3, col.

³⁰ Julia Lopes de Almeida, por exemplo, continuou a publicar n'*A Semana* (1885-1887 e 1894), revista editada por Filinto de Almeida, após seu casamento.

1). Mediante suas prosas poéticas, Lemos continuaria lutando pela emancipação feminina, mas, casada com um republicano, teria de moderar o tom e expressar suas opiniões através das entrelinhas:

Caminha por desertos, transpõe montanhas, atravessa rios caudalosos e depois de tantos sacrifícios, depois de chegar quase ao infinito entra no reinado das flores; pobre desgraçado! Tudo está mudado, as flores com a sua presença, uma por uma, vão murchando, adoecem e morrem, nenhuma o saúda á sua chegada e elle entra, passeia e segue cabisbaixo, volta ao mundo em procura da esperança, esta já não vive, finou-se com as flores... e é assim que ella morre no jardim da vida (ELISA LEMOS. *A Familia*, N. 163, 16 de agosto de 1893, p. 4, col. 1).

Tomando a natureza como metáfora, os dissabores por aquilo que não realizou são "relembrados". O sacrifício em vão é motivo de desesperança. Aquilo que foi tomado como proposta de vida, apesar de ainda condizer com as crenças da cronista, não podia mais ser concretizado. Agora, embora exista a consciência do que deveria ser feito, é preciso seguir o caminho daqueles que não tinham consciência da condição oprimida em que viviam. As crônicas "engajadas", em que Lemos defendia a educação e a emancipação das mulheres, davam lugar, estrategicamente, a prosas poéticas. Nesse sentido, a escritora se aproveitaria do espaço no periódico *A Família* para continuar sua atividade pedagógica — no entanto, fazendo uso de uma linguagem mais simbólica e abstrata.

Elisa Lemos finalizaria sua colaboração n'A Familia em 04 de março de 1894 com "O Crepúsculo": "haverá quadro mais sorridente do que o de uma bella tarde aureolada pelos lampejos de um sol que morre, pela despedida saudosa do astro rei?!" (ELISA LEMOS. A Familia, N. 170, 04 de março de 1894, p. 4. Col. 1). O texto apontava para uma despedida que indicava uma vontade de ficar. Contudo, apesar do envolvimento com a escrita em um jornal feminista como A Familia, era agora mais forte o ideal de casamento e maternidade que ela defendera outrora. O zelo para com a casa, o marido e os filhos se tornavam mais intensos e escrever agora configurva um obstáculo para cumprir a contento o papel de mãe e esposa ideal.

Assim, aquela que por meio de seus textos buscara ensinar mães e jovens donzelas, agora se voltava para o lar, para o casamento e para a maternidade.

2. Com ares de chronica: A produção periodística de Maria Emilia Lemos

Queremos a igualdade da mulher tal como é descripta pelo imortal e bom Legouvé, igualdade na differença, igualdade que póde existir sem prejuízo de nenhuma das duas metades do gênero humano, igualdade que eleva a mulher e prova em favor do homem. Concorda? Então passemos adiante.

Maria Emilia, Com ares de chronica.

2.1 Um teto todo seu

Os textos de Maria Emilia Lemos não fornecem muitas informações a respeito da vida pessoal ou pública da autora. Apesar de intensa busca de informações biobibliográficas, não obtivemos sucesso. A própria revista *A Mensageira*, que em diversas edições trouxe biografias de mulheres de letras e textos que apresentavam extensa relação de escritoras do final do século XIX, não fazia senão breves alusões à cronista mineira. Frente a essa impossibilidade, trilhamos o caminho da pesquisa em dicionários críticos e bio-bibliográficos a respeito de escritoras do século XIX, mas a ausência de dados, tais como sua cidade de origem, filiação e estado civil dificultou sobremaneira nossas pesquisas.

Em um segundo momento, entramos em contato com diversas secretarias de arquidioceses, muitas das quais possuem, inclusive em algumas igrejas, setores de arquivos organizados por especialistas. Citamos, como exemplo, a Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro e a Paróquia Senhor Bom Jesus dos Passos, de Passos-MG.

Apesar desse silêncio que atravessa a história pessoal da autora, o conteúdo de suas crônicas é de grande relevância para pensarmos a condição da mulher na época em questão. Mesmo diante de um cenário repleto de lacunas, a escolha de Maria Emília Lemos advém da perspicácia e seriedade com que a mesma refletiu acerca da condição das mulheres e das principais questões feministas no final do século XIX.

Os poucos traços que nos informam sobre o local de produção de seus textos, uma região interiorana em que residia, foram expressos de forma bastante sutil em algumas crônicas:

(...) A Mensageira aqui nestas regiões silenciosas e tristes do interior chega como a pomba d'aliança, trazendo ao nosso espírito sequioso do *novo* e do *bello* uma doce recreação qual a de podermos por instantes *ouvir* a prosa incomparável de Julia Lopes ou a conversação engraçada e alegre de Maria Clara. (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N.3, ANNO I, 15 de novembro 1897, p. 43).

Maria Emilia, embora não nomeie seu local de enunciação, apresenta-o, primeiramente, como um lugar silencioso e triste. O sossego, a predominância de relações comunitárias e de parentesco, a monotonia e ausência de eventos remetem à "tranqüilidade" da vida no campo. A tristeza e o silêncio podem ser decorrentes, talvez, de um deslocamento involuntário de Maria Emilia para o interior mineiro, ou mesmo de um anseio pela vida nos centros urbanos que se constituíam. Entretanto, dois signos contrapõem-se ao silêncio: "ouvir a prosa incomparável de Julia Lopes ou a conversação engraçada e alegria de Maria Clara" (grifos nosso). Nesse sentido, os textos que chegam à leitora/autora soam como vozes que compartilham com ela sua intimidade. O próprio nome da revista acena para o diálogo entre as mulheres que escrevem e aquelas que lêem.

Nesse sentido, é necessário refletirmos sobre a função (e a recepção) de uma revista literária como *A Mensageira* em uma cidade interiorana. Quando a cronista caracteriza a revista como uma "pomba d'aliança", a proposta editorial de se constituir como uma rede de mulheres em prol da emancipação e da elevação espiritual da mulher se faz presente. Essa "aliança" seria imprescindível para a construção de uma comunidade com interesses afins: a emancipação feminina. Por meio da revista, o público interiorano teria acesso não apenas à literatura como um dos aspectos da necessária educação cultural – que talvez a cidade do interior não pudesse oferecer –, mas também como espaço de reflexões e discussões acerca da condição feminina em Minas Gerais, no Brasil e no exterior (França, Estados Unidos, China, Nova Zelândia – *A Mensageira* publicou textos sobre a educação, emancipação ou participação das mulheres na esfera pública em cada um desses países).

Apesar de considerar o interior de Minas silencioso e pouco privilegiado, em termos culturais, para a chegada de novidades literárias, Maria Emilia não desconsidera os prazeres da vida campestre:

Falemos, portanto, minhas amigas, de cousas alegres e boas. Nesta terra, onde os jasmineiros perfumam as nossas janellas e onde se ouve a toda hora o canto de aves encantadoras, parece que temos obrigação de ser joviaes e bem dispostos. Que fique, os pezares para os habitantes de Londres, por exemplo, onde dizem que o céu é tão triste que nem parece céu... (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 11, ANNO I, 15 de Março 1898, p. 170).

Mediante uma escrita em que o tom de diálogo com as leitoras era frequentemente explorado e em contraste com o texto de quatro meses antes, o campo representa agora aconchego e conforto, e os elementos bucólicos – cheiro dos jasmineiros e canto dos pássaros – inspiram e dão o tom da "conversa".

Assim como Maria Emilia, muitas escritoras do final do século XIX escreveram em um lugar sossegado, afastadas dos burburinhos das cidades. Na Inglaterra de 1928, Virginia Woolf reclamava "um teto todo seu" para realizar sua atividade intelectual; Julia Lopes de Almeida, no número de abertura d'*A Mensageira*, em 1897, anunciava seu local de escrita: "um cantinho tépido de jardim"; Ignez Sabino, conforme nota d'*A Familia*, isolava-se muito na solidão de seu gabinete de literata para a produção de seus textos literários. Contudo, como consideramos anteriormente, não há dados suficientes que nos ajudem a inferir se o isolamento de Maria Emilia da intensa vida cultural e social dos centros urbanos advinha de uma escolha pessoal similar à opção dessas escritoras consagradas. O fato é que Maria Emilia constantemente se referia ao isolamento e ao ambiente interiorano em que vivia. Na mesma crônica em que descrevia o aconchego da vida campestre, a cronista desabafava:

Aposto em como todas as leitoras desejam conhecer pessoalmente a auctora de tão lindos versos, e as que não puderem ter essa ventura, consolem-se commigo que também não posso, infelizmente, me approximar de nenhuma das nossas boas escriptoras, visto habitar num interior de Província. (Perdõem-me os republicanos, mas parece-me que esta palavra, de preferência a Estado, nos traz a idea da paz e quietação dos lugares

afastados dos grandes centros). Minas, fevereiro de 1898 Maria Emilia. (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 11, op. Cit.).

Maria Emilia reclamava da impossibilidade de conhecer pessoalmente grandes escritoras – em especial a poeta Francisca Julia, cujo poema "Inconsolaveis" acompanhava a crônica – em virtude de morar em uma cidade do interior. Parecenos que Maria Emilia oscilava entre o *locus amoenus*, para ela o lugar ideal para a escrita, e a urbanidade. Ao se dirigir aos republicanos, optando por utilizar a palavra "Província" em detrimento de "Estado", a escritora parecia ciente de que a primeira aludia à idéia de sossego e afastamento dos grandes centros.

Por meio dos vestígios deixados pela cronista em relação ao seu lugar de enunciação, percebemos a presença constante de uma dicotomia entre campo e cidade como expressão de um sujeito cindido entre dois diferentes espaços. Notemos que a relação dicotômica entre esses dois lugares não se dá de forma estanque. Para Maria Emilia, o campo e a cidade, constituídos como categorias relacionais e ambivalentes, são bons e ruins ao mesmo tempo. A escritora parece oscilar entre o desejo de usufruir dos benefícios tanto de um lugar quanto do outro.

2.2 Eu não quero e nem posso ir tão longe!: Política e emancipação feminina

Da citação anterior, emerge uma tímida discussão de questões políticopartidárias. A dicotomia entre campo e cidade, centro e periferia, apontada com cautela, demonstra não apenas o conhecimento, mas o cuidado da escritora em não se posicionar diretamente com relação à política. Notemos que essa é a única situação em que a cronista se manifesta com a devida prudência.

Esse "cuidado estratégico" era um aspecto recorrente na produção de outras escritoras brasileiras do século XIX. Júlia Lopes de Almeida, por exemplo, no artigo "Entre Amigas", publicado n'*A Mensageira*, declarava: "Bom! Eu não quero e nem

posso ir tão longe! Este assumpto é perigosamente escorregadio (...)" (ALMEIDA, Julia Lopes de. *A Mensageira*, N. 1, ANNO I, p. 4). Quando iniciava uma crítica à impossibilidade do homem e dos mestres corrigirem os defeitos dos filhos, a escritora se continha, preferindo não questionar "autoridades".

Vale recordar que Elisa Lemos também recorreu a uma estratégia de contenção em relação a questões políticas. Conforme já mencionamos, a cronista, após seu casamento com o editor d'*A Patria Mineira*, encerrou sua participação no jornal e permaneceu colaborando no jornal feminista *A Familia*, porém expressando suas opiniões por meio de uma linguagem simbólica.

Apesar de essas mulheres letradas restringirem sua atuação pública à luta pela emancipação feminina, a escolha por uma discussão que não problematizava questões político-partidárias aponta para uma possível restrição quanto à esfera de atuação. As escritoras e cronistas da revista *A Mensageira* eram geralmente bastante contidas ao exporem suas idéias. Na maioria das vezes, não faziam referências diretas a questões políticas ou que exigissem um engajamento que transcendesse a questão de gênero. No entanto, essa postura comedida não era consensual. Alguns periódicos, como *O Sexo Feminino* e *A Família*, constantemente expressavam suas opções políticas. Frequentemente se referiam ao Imperador Dom Pedro II como homem ilustrado, protetor das Letras e da educação feminina por ter autorizado a inserção de mulheres em cursos como Direito e Medicina. Em 1893, por exemplo, o periódico *A Familia* o considerou como um verdadeiro republicano.

No texto de Maria Emilia, a opção pelo termo "Província" alude ao antigo regime imperial; daí a necessidade de pedir desculpas aos republicanos. A escolha por "Provincia" relacionava a vida no interior do Brasil a uma quase "Arcádia Brasileira": sossegada, calma e bucólica, com seu canto de pássaros. Isso diferenciava "Província" de "Estado", já que este simbolizava a modernidade: luz elétrica, bonde, telégrafo. Silvio de Almeida, em uma crônica publicada em *A Mensageira* quando da inauguração da cidade de Belo Horizonte, contrastava de

modo ainda mais intenso a modernidade e a tradição. Esta era associada à tradicional Ouro Preto, enquanto aquela era vinculada à moderna Belo Horizonte. Na comparação, a antiga capital representava o passado e a nova o futuro (ALMEIDA, Silvio. *A Mensageira*, N. 6, p. 91).

Entretanto, essa modernização brasileira se dava, no mínimo, de forma paradoxal: ao mesmo tempo em que o regime republicano era relacionado a avanços em termos materiais e institucionais, com relação à emancipação feminina não houve a realização imediata de alguns dos velhos sonhos das feministas: o sufrágio e o exercício da advocacia.

Esta situação perduraria por algum tempo, pois o sufrágio feminino só foi conquistado em 1932, devido à atuação e insistência contínua de Bertha Lutz³¹ e de outras feministas. Já o exercício da advocacia pelas mulheres, uma das bandeiras da revista *A Mensageira*, só foi permitido em 1900, mesmo assim em caráter provisório, pois a advogada Myrthes de Campos só conseguiria entrar para o Instituto da ordem dos advogados em 1906 – questão que consideraremos mais adiante.

Embora Maria Emilia não discutisse tais temas de forma direta, eles perpassavam suas crônicas. Esses rastros sugerem a cautela das mulheres letradas no final século XIX. Lembremos o "nem posso ir tão longe" de Julia Lopes de Almeida. Mesmo ciente da necessidade de conscientização quanto à responsabilidade social da mulher, Maria Emilia não se posicionava explicitamente

_

³¹ Vale citar o empenho de Josephina Alvares de Azevedo quanto a esta questão. Além de inúmeras publicações de artigos em prol do sufrágio feminino, a escritora publicou em 1892 a peça "O Voto Feminino" para tentar persuadir as pessoas contrárias ao sufrágio. Discussões em torno do voto feminino marcam as cenas da comédia em que Josephina põe em cena três casais – os donos da casa, a filha deles e o marido e a empregada e seu noivo – para problematizar essa questão. A rivalidade entre os sexos condiciona a opinião das personagens sobre a aprovação do sufrágio. Dessa forma, as mulheres, inclusive a empregada que não entende muito bem o que está para acontecer, ficam entusiasmadas com a possibilidade de votar e serem votadas. Já os homens reproduzem os velhos preconceitos contra a capacidade feminina e fazem disso argumentos "precisos" para a não aprovação do voto. O único homem favorável ao voto é o Dr. Florêncio, jornalista de destaque, que fazia campanha para o sufrágio. Apesar do empenho de Josephina, as mulheres só poderiam votar quase meio século após suas reivindicações.

em discussões político-partidárias. No entanto, há uma questão política explícita no texto da cronista: a emancipação feminina.

2.3 O feminismo de Maria Emilia: nada de exaltações! (?)

Questões centrais na agenda feminista ao final do século XIX, como a educação, a emancipação, o trabalho, a família e a maternidade eram discutidas nas crônicas de Maria Emilia. As cartas de Minas Gerais – que constituem a seção "Com ares de Chronica", de *A Mensageira* – eram escritas em tom de conversa com as leitoras, as quais eram convocadas para a luta:

Queremos a igualdade da mulher tal como é descripta pelo imortal e bom Legouvé, *igualdade na differença*, igualdade que póde existir sem prejuízo de nenhuma das duas metades do gênero humano, igualdade que eleva a mulher e prova em favor do homem. Concorda? Então passemos adiante. (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N.3, ANNO I, 15 de novembro 1897, p. 43).

Portadora de uma *prosa* direta, Maria Emilia imprimia nas páginas da "Revista literária dedicada a mulher brazileira" as principais marcas das lutas feministas de seu tempo. Considerando-se que a "revista se preocupa com o aperfeiçoamento moral da mulher" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N.3, op. Cit.), suas crônicas sempre traziam temas condizentes com a proposta editorial de Presciliana Duarte de Almeida: a emancipação e educação da mulher. Na passagem citada, a referência a Legouvé³² antecipa questões presentes em uma série de artigos publicados em *A*

-

³²Ernest Legouvé (1807-1903) nasceu em Paris. Em 1847, iniciou o trabalho pelo qual seria lembrado: suas contribuições para o desenvolvimento e educação da mulher, expostas em suas aulas no College de France acerca da historia moral das mulheres. Essas conferências foram publicadas em um livro de 1848, *Histoire morale des femmes*. Legouvé escreveu várias peças e livros, mas ficou mais conhecido como palestrante e propagandista dos direitos das mulheres e do desenvolvimento da educação das crianças. Em ambas as áreas, foi um pioneiro na sociedade francesa. Ocupou, por muitos anos, o posto de inspetor geral da educação feminina, nas escolas nacionais francesas. Seus livros *La Femme en France au XIX e. siècle* (1864), reeditado em 1878; *Messieurs les enfants* (1868), *Conférences Parisiennes* (1872), *Nos filles et nos fils* (1877), e *Une Éducation de jeune fille* (1884) foram trabalhos de grande influência de ordem moral. (Cf. DeLUCA, 1999; GRANDE, 1998).

Mensageira, de autoras como M. Rennotte, Presciliana Duarte de Almeida e Maria Amália Vaz de Carvalho, que, inspiradas em Legouvé, argumentavam a favor da conquista da educação e da emancipação das mulheres. A maioria dos textos de Maria Emilia apresentava a educação feminina como temática central, afirmando que o publico "quer sempre uma idéia que interesse, sinão a todos, pelo menos a grande numero de leitores" (MARIA EMILIA. A Mensageira, N.3, op. cit).

Havia uma preocupação recorrente em dialogar e comentar artigos de outras escritoras da revista. Em crônica publicada em um simbólico 15 de Novembro, de 1897, Maria Emilia mencionava o primeiro editorial da revista, escrito por Presciliana Duarte de Almeida, e a congratulava pela publicação do periódico, utilizando-se da crônica para "dar-lhe os mais festivos emboras pela iniciação na vida jornalística" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N.3, op. cit). A escritora também destacava a presença e o estilo de duas das principais colaboradoras da revista: "Podermos por instantes *ouvir* a prosa incomparável de Julia Lopes ou a conversação engraçada de Maria Clara" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N.3, op. Cit.). Considerando essa intertextualidade – estratégia intertextual empregada não apenas por Maria Emilia, mas também por outras escritoras publicadas na revista –, compreendemos *A Mensageira* como um intercâmbio de discussões que engendrava, ao final do Oitocentos, "redes de associação intelectual entre as mulheres" (HOLLANDA, 1993, p. 17).

Essa rede seria composta por mulheres que escreviam de diferentes estados brasileiros: do Sul, Revocata de Melo, Julieta de Melo Monteiro e Delminda Silveira; de São Paulo, Presciliana Duarte e Francisca Júlia; do Rio de Janeiro, Maria Clara, Júlia Cortines, Áurea Pires e Julia Lopes de Almeida; de Minas Gerais, Maria Emilia e Stella Lentz; do norte, Ignez Sabino, Francisca Clotilde e Edwiges R. de Sá Pereira; entre outras. Essas escritoras possuíam como ideal comum a emancipação feminina. Esse traço perceptível possibilitava à revista *A Mensageira* ocupar um papel de "porta-estandarte do movimento feminista no Brazil", segundo a escritora

feminista portuguesa Guiomar Torrezão (*A Mensageira*, N. 12, 31 de março 1898, p.189).

Entre os aspectos de destaque na luta empreendida pela revista *A Mensageira* há uma ênfase na busca da "igualdade na diferença". Essa máxima era recorrentemente repetida, evidenciando a luta por direitos civis e políticos para as mulheres — direitos que fossem iguais aos dos homens, mesmo que se perpetuassem diferenças de gênero. Consoante com tal proposta, as autoras reivindicavam um ideal de emancipação feminina por meio da educação seguindo exemplos singulares. Além de estrangeiras como a escritora francesa Madame de Stael e a mártir Joanna D'arc, as colaboradoras da revista sempre se lembravam das mulheres ícones da luta pela emancipação feminina no Brasil, como Myrthes de Campos.

Embora seguisse essa vertente da igualdade na diferença – em consonância com a proposta editorial de *A Mensageira* e com outras escritoras como Julia Lopes, Guiomar Torrezão, Presciliana Duarte e Maria Clara da Cunha Santos –, Maria Emilia se mostrava bastante cautelosa e sensata em seus argumentos, pedindo contenção e bom-senso:

(...) o immortal poeta e grande democrata Vitor Hugo (...) proclamava, entre delirantes aplausos da multidão, o "direito da mulher como igual ao do homem"; direito esse que temos deixado profligar e que, mesmo quando queremos defender, desvirtuamos algumas vezes pelo exaggero das theses. Nada, portanto, de exaltação (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N.3, ANNO I, 15 de novembro 1897, p. 43).

Esse apelo para um feminismo moderado era relevante naquele momento em que ocorria uma grande resistência à emancipação feminina, pois as escritoras "que elogiavam o lar e a família podiam ser vistas como uma prova das aptidões intelectuais femininas e [de] uma emancipação feminina moderada" (HAHNER, 1981, p. 89). Essa estratégia possibilitaria uma maior aceitação de idéias feministas pela sociedade em geral, ou ao menos uma menor resistência. Já a perspectiva das feministas mais incisivas, que não abriam mão de um posicionamento conflituoso e

engajado, poderia implicar uma perda de credibilidade das escritoras d'*A Mensageira* perante seu público.

Quanto à valorização social da mulher ao final do Oitocentos, uma "Selecção"³³ de um texto de Victor Hugo³⁴, publicada n'*A Mensageira* em janeiro de 1898, imediatamente após uma crônica de Maria Emilia, possibilita-nos perceber no poeta romântico uma perspectiva que, em termos, apoiava a posição moderada – e talvez dissimulada – de Maria Emília:

A mulher é a humanidade vista pelo seu lado tranqüilo; a mulher é o lar, é a casa, é o centro de todos os pensamentos suaves. É o terno conselho de uma voz innocente, no meio de tudo o que nos envolve, nos irrita e nos arrasta. Muitas vezes em torno de nós são todos inimigos; a mulher é o affecto. Demos-lhe o que lhe é devido. Demos-lhe na lei o logar a que tem direito. A mulher contém o problema social e o mysterio humano. Parece a extrema fraqueza, e é a grande força. O homem que ampara um povo precisa de se amparar a uma mulher. E no dia em que Ella nos falta, faltanos tudo. (HUGO, Victor. *A Mensageira*, N. 7, ANNO I, 15 de janeiro 1898, p. 111).

Na passagem, o papel da mulher como leal companheira do homem e, sobretudo, como amparo e suporte é defendido e valorado: "Demos-lhe o que lhe é devido". Essa concepção da mulher como um ser inocente, figura central do lar e da vida do homem endossava perspectivas idealistas e românticas que destoavam do pragmatismo de Maria Emilia e mesmo da revista. Consideramos que a necessidade de garantir à mulher direitos perante a lei – aspecto enfatizado por Vitor Hugo e que era uma das bandeiras da revista – tornava aceitável a publicação dessa definição idealizada em relação à mulher.

Outros escritores europeus e brasileiros, como Ibsen, Walter Scott, Tobias Barreto, Julia Lopes de Almeida e Joaquim Norberto também foram recorrentemente citados, sobretudo na coluna "Selecção". Mesmo que, em parte, a concepção de

³⁴Quanto à referência intertextual a Victor Hugo, ressaltamos que seu nome era citado várias vezes na revista e, além disso, havia traduções de excertos e poemas do autor.

³³ Na seção "Selecção" da revista *A Mensageira* havia alternância entre contos, poemas, crônicas sociais, crítica literária, artigos sobre a condição feminina no Brasil e no mundo, além de citações de autores e pensadores sociais consagrados.

mulher ideal do poeta francês e de alguns desses escritores se diferenciasse da concepção de Maria Emilia e d'*A Mensageira*, a "Selecção" do excerto de um autor consagrado operava, também, como argumento de autoridade que corroborava a linha editorial da revista. Uma outra questão seria a orientação intelectual de um público feminino leitor de Tobias Barreto a Ibsen, por exemplo. Esse procedimento pode ser observado nos periódicos da época, que embora reivindicassem espaços para a literatura "nacional", voltavam-se também para a literatura do Velho Mundo.

2.4 Artigos com ares de chronica

Em onze textos n'*A Mensageira*, Maria Emília publicou dois artigos e nove textos que compunham sua coluna "Com ares de chronica". Em todos, percebemos um tom didático e direto, não havendo diferenças significativas entre os textos da coluna e os outros dois textos. Todos possuem um tom franco e uma argumentação bastante direta e contundente.

Para discutirmos o gênero utilizado por Maria Emilia, recorremos à definição de crônica, já que o título faz referência explícita a esse gênero jornalístico-literário. A crônica não é um gênero fácil de ser caracterizado devido à falta de um formato específico. Por isso a constante confusão entre a crônica e outras modalidades textuais como críticas, contos e artigos jornalísticos. Coutinho (2004) destaca outro fator diferenciador: a possível literariedade da crônica. Devido à hibridez do gênero, a crônica "somente será considerada gênero literário quando apresentar qualidade literária" (p. 123). Coutinho compara os cronistas literários aos poetas, alegando que os poemas narrativos possuem um certo "ar de crônica". Essas características, de certa forma, assinalam a dificuldade de definição do gênero textual empregado por Maria Emilia.

Uma outra escritora d'*A mensageira*, Maria Clara da Cunha Santos, explorava a crônica em sua coluna "Carta do Rio" com o talento e a elegância dos grandes cronistas da época. Maria Clara, apesar de nomear sua coluna como carta, fazia um uso peculiar desse gênero, pois tanto a sutileza, o tom descomprometido e o humor quanto os temas do cotidiano, a rapidez e a temporalidade (Cf. CANDIDO, 1992) se faziam presentes. Diferentemente, a coluna "Com ares de chronica", de Maria Emilia Lemos, embora manifestasse em seu título o termo "crônica", possuía uma diferença significativa em termos de estilo e temáticas que tradicionalmente caracterizariam uma crônica. Assim, a falta de definição quanto ao gênero empregado poderia resguardar a cronista de possíveis críticas ou comparações com a escrita do sexo oposto ou mesmo com a de grandes escritoras da época.

Ao discutirmos as "crônicas" de Maria Emilia, referimo-nos a um tipo de texto mais engajado e explícito, que não utiliza personagens ficcionais nem traz informações sobre questões variadas do cotidiano. Sua temática era constante da primeira à última crônica: a emancipação feminina. Em "Com ares de chronica", a argumentação era um fator decisivo e primordial; por isso sua prosa soaria "árida", tais quais os conselhos de uma amiga apreensiva. Até mesmo os "puxões de orelha" por maus comportamentos eram devidamente justificados por alguém que ansiava por mudanças sociais. Dessa forma, seus textos atuavam muito mais como artigos de opinião do que como crônicas em seu sentido literal. A interpelação ao leitor uma característica da crônica – também era uma estratégia de Maria Emilia. Em alguns momentos, a escritora convocava um leitor específico: "precavenham-se as escriptoras solteiras contra essa guerra de certos jornalistas." (MARIA EMILIA. A Mensageira, N. 8, ANNO I, 30 de Janeiro 1898, p. 123). Fazendo uso da retórica, pedia uma resposta: "Que tal? Não é um bonito surto de imaginação poética?" (MARIA EMILIA. A Mensageira, N. 8, op. Cit.). Em outras crônicas, despedia-se com um velado pedido de desculpas pela aridez do assunto tratado: "(...) descanço ás leitoras." (MARIA EMILIA. A Mensageira, N. 20, ANNO I, 31 de julho de 1898, p. 309).

O título da coluna parece revelar uma estratégia da cronista na medida em que a escolha por desse gênero textual não fechava, mas abria a definição: "Com ares de chronica". Após ler seus textos, o título parece dizer que não se trata de uma crônica, mas de algo que possui apenas traços ou um "certo ar" de crônica. Constatamos, portanto, um recurso persuasivo interessante, na medida em que lida com um gênero de forma flexível – "desalinhadas crônicas" – e se protege contra possíveis críticas dos cronistas da época.

2.5 Entre emoção e razão: a poesia e a penna arida

A justificativa de Maria Emilia para publicação de poemas era explicita:

Para rematar minhas desalinhadas chronicas, encetarei de hoje em diante, (com permissão da directora da *Mensageira*), o systema de transcrever pequenos trabalhos literários no final de cada uma dellas. Amenisarei assim a secção confiada á minha penna arida. Confesso, porém, que preferirei transladar para aqui trabalhos de senhoras. (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 7, ANNO I, 15 de janeiro 1898, p. 111).

Apesar de seus textos reafirmarem a proposta editorial da revista, a cronista, consciente da rispidez com que abordava seus temas, procurava amenizar um possível desconforto das leitoras, mediante a publicação de poemas. De fato, Maria Emilia se avaliava como dona de uma *penna arida* e considerava suas crônicas desalinhadas. É provável que esse desconforto fosse uma autocrítica acerca da forma direta pela qual considerava, sem rédeas, questões referentes à condição feminina na época.

Leitora e admiradora de poetas, Maria Emilia, em sua terceira crônica, começava a inserir poemas de autores variados, que viriam em seqüência à suas crônicas³⁵. Embora, a princípio, a proposta fosse apresentar mulheres poetas – como

87

³⁵ Em crônica publicada em janeiro de 1898, Maria Emilia concluía seu texto com uma referência ao seu *álbum de roceira*, "de onde hão de sahir as poesias transcriptas nas futuras *chronicas* da Maria Emilia" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 7, ANNO I, 15 de janeiro de 1898, p.111). Diante dessas

Presciliana Duarte de Almeida, Maria Clara da Cunha Santos e Francisca Julia da Silva –, algumas de suas crônicas divulgavam poemas de homens, como José Bonifácio, Luis Guimarães, Silvio de Almeida e Figueiredo Coimbra.

Apesar do *corpus* de poemas escritos por mulheres ser pequeno, é possível observar uma variedade de temas e formas. "A Turca" de Presciliana Duarte de Almeida, apresentava como personagens centrais uma mãe cuidadosa, pertencente à classe menos favorecida, junto com seu filho. A idealização do amor materno, a sacralização da mulher como mãe e a preocupação da mãe com o futuro do filho são os temas principais. Esse poema foi publicado junto à crônica em que Maria Emilia considerava as mães como responsáveis pela escolha profissional dos filhos. Na perspectiva da cronista, a educação dos filhos seria capaz de promover a paz universal, pois as mães se manifestariam contrárias às carreiras militares.

Já em "A estrela e a flor", considerado por Maria Emilia como um "surto de imaginação poética" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 8, ANNO I, 30 de janeiro 1898, p. 124), as personagens que dialogam no poema de Maria Clara podem ser compreendidas como alegorias da mulher literata e da mulher comum. Essa estrela que acreditava que nunca iria se apagar poderia representar as grandes escritoras da época, que, naquele momento, não vislumbravam o processo de silenciamento que suas obras sofreriam. O poema de Maria Clara acompanhava a crônica de Maria Emilia que defendia a atuação das mulheres nas profissões liberais e criticava os pretensos "defensores do lar" que julgavam "que a literata jamais será boa dona de casa" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 8, op. Cit.).

"Inconsolaveis", de Francisca Julia, tematizava uma desilusão amorosa. Nesse poema, a solidão, a angústia e o sentimento de perda davam o tom por meio da dessacralização das relações amorosas. Na crônica, seguida do texto poético, a

informações e de fragmentos de outras crônicas publicadas pela cronista n'*A Mensageira*, inferimos que tais poemas sairiam de uma coleção de recortes de poemas retirados de periódicos colecionados pela cronista.

instituição familiar era representada como modelo ideal. A valorização excessiva de cada um dos membros da família levava a cronista a refletir acerca da possível perda de algum desses membros. Neste sentido, o futuro trauma provocado pela inevitável ausência perpassava esta crônica.

Já os poemas escritos por homens possuíam a mesma variedade de temas e de formas dos poemas de autoria feminina. Em "A Liberdade", publicado em um temático 13 de maio, o orador abolicionista José Bonifácio explorava o assunto proposto pelo título por meio de um diálogo evidente com a crônica de Maria Emilia, na qual se discutia a comemoração dos dez anos da abolição da escravatura. Tal comemoração servia de mote para uma discussão sobre a "escravidão feminina" e para críticas aos privilégios de gênero e de raça do homem branco.

Em "Visita á casa paterna", de Luiz Guimarães, surge a figura materna como guia para o filho na casa do pai. O encontro simbólico com a mãe e com as irmãs leva o Eu - lírico a um pranto inconsolável. Um lamento de saudade pelas pessoas e ilusões perdidas marca esse retorno à casa paterna. A crônica de Maria Emilia, na ocasião, voltava a discutir a abolição da escravatura — discussão motivada pela morte do abolicionista André Rebouças. Esse, além de ter trabalhado em prol da abolição da escravatura no Brasil, teria lutado pela educação feminina.

No poema de Silvio de Almeida, o Eu-lírico se apresentava como um homem insatisfeito por ocupar o lugar de cuidador da mãe e questionava sobre tal descontentamento. No momento em que a mãe se encontrava em idade avançada, os papéis se invertiam e era o filho quem precisava assumir o papel de protetor. Na crônica de Maria Emilia, a comemoração de aniversário da queda de Bastilha era tematizada. Através de exemplos de várias mulheres que lutaram em prol do bem da pátria, a cronista reafirmava, como em tantos outros momentos, a necessidade de "abolição da escravidão da mulher" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 20, ANNO I, 31 de julho 1898, p. 308).

Em "Redempção nova", poema de temática religiosa, Figueiredo Coimbra fazia do sofrimento de Cristo sua fonte de inspiração. A crônica de Maria Emilia, na ocasião se diferenciava das anteriores, pois era motivada pela leitura do poema. Nesse texto, a autora tecia breves comentários sobre o autor do poema e também sobre Dr. Antonio Bento, abolicionista a quem o poema de Figueiredo fora dedicado.

Pudemos constatar que não há um diálogo explícito entre os poemas dos diversos autores e as crônicas escritas por Maria Emilia. Nesse sentido, os poemas parecem ser publicados mais por gosto e relações pessoais do que por uma relação temática. Quanto ao gosto, Luis Guimarães, Francisca Julia; quanto a relações pessoais ou intelectuais, Presciliana Duarte, Silvio de Almeida e Maria Clara.

Apenas os poemas de José Bonifácio e Figueiredo Coimbra relacionavam-se com as crônicas de forma direta. O primeiro por meio de uma relação entre a liberdade dos escravos e a liberdade das mulheres, já o segundo por servir de motivo para a escrita da crônica, conforme explicação da cronista.

A escolha de poemas de Presciliana Duarte de Almeida e Silvio de Almeida merece comentários. Como Presciliana era editora da revista, seria de bom-tom iniciar a série com um poema de sua autoria. Já Silvio de Almeida era marido de Presciliana. Prestigiar o marido da editora possivelmente estreitaria as relações de amizade, bem como as relações intelectuais. De acordo com a cronista, "o maior monumento que se pode erigir a um poeta, é tornar tanto quanto possível conhecidos os fructos do seu engenho, os arroubos de sua inspiração" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 28, Anno II, 15 de março 1899, p. 89). Maria Clara, amiga de infância de Presciliana, já havia sido elogiada em uma das primeiras crônicas de Maria Emilia. O fato de a poeta ter sido lembrada logo após a publicação do poema da editora d'*A Mensageira* nos leva a inferir que a estreita amizade entre as poetas serviu de motivo para que a poesia de Maria Clara fosse privilegiada.

A falta de um diálogo explícito entre a maioria dos poemas e crônicas demonstra que não havia uma lógica que articulava um gênero com o outro. Isso condiz com a diferença estabelecida por Maria Emilia entre prosa e poesia, pois

(...) a Poesia é depois da Musica a maior consoladora da frágil humanidade. O verdadeiro poeta encontra sempre um echo em nossos corações! Sentimos as suas alegrias e choramos as suas amarguras! Ah! Ser Poeta é ter a faculdade de agradar falando unicamente no que nos interessa, no que nos vem do coração! (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 3, ANNO I, 15 de novembro 1897, p. 43).

Aqui, inferimos uma dicotomia entre poetas e prosadores. Visto que os primeiros estariam conectados às afecções do coração, ou seja, à emoção, estariam os prosadores relacionados à realidade material, ao cotidiano e à razão? Apesar de não cumprir com seu projeto inicial de publicar apenas poemas escritos por mulheres, a cronista selecionava poemas condizentes com sua concepção estética quanto à poesia ao escolher textos que tratavam predominantemente de assuntos sentimentais.

Já as crônicas que não eram seguidas de poemas exploravam, também, temas diversos relacionados à condição feminina na época: a mulher como "rainha do lar" e o seu falso encanto; a emancipação feminina; a família e a responsabilidade do casal no bem-estar matrimonial; e a participação da mulher na esfera pública.

Os assuntos discutidos nessas crônicas, de certa forma, não se diferenciavam dos outros, pois a principal questão continua sendo a condição feminina. Porém, com exceção da crônica acompanhada pelo poema de Maria Clara, as quatro crônicas que não tinham acompanhamento apresentavam temáticas mais engajadas politicamente do que aquelas guarnecidas com poemas.

Quanto à questão que colocamos – se haveria uma dicotomia entre prosa e poesia –, a seleta poética de Maria Emilia nos leva a confirmar tal dicotomia. Isso não significa que compartilhamos dessa perspectiva que relaciona a poesia à subjetividade e à emotividade e a prosa à objetividade e à racionalidade.

Consideramos, apenas, que a seleção de poemas evidencia, mesmo que implicitamente, a concepção estética de Maria Emilia³⁶. Assim, enquanto o engajamento e o questionamento das relações sociais era uma marca característica de suas crônicas, os poemas selecionados expressavam, sobretudo, emoções e sentimentos. Assim, a cronista buscava, por meio da poesia, amenisar "a secção confiada á minha penna arida" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 7, ANNO I, 15 de janeiro 1898, p. 111).

No editorial de estréia d'*A Mensageira*, Presciliana Duarte de Almeida, além de privilegiar as colaboradoras da revista, incluindo-as nominalmente entre as principais escritoras brasileiras, referia-se à boa aceitação da revista "portadora feliz da prosa amena e discreta de Julia Lopes de Almeida e dos versos artísticos e sentidos das mais festejadas e conhecidas poetisas brasileiras" (DUARTE DE ALMEIDA, Presciliana. *A Mensageira*, N. 1, ANNO I, 15 de outubro de 1897, p. 1). A forma como Maria Emilia e Julia Lopes de Almeida abordavam a questão da educação das mulheres é sintomática do estilo diferenciado das duas. Julia Lopes, prezando pela discrição, às vezes se calava ou optava pela sábia discrição em suas observações:

Os paes não pesam estas responsabilidades e é freqüente ouvirmos dizer: que sempre é mais barato e mais fácil educar as meninas do que os rapazes...

O assumpto é tão melindroso, que eu o evito sempre, e se lhe tóco hoje, é porque a índole especialissima deste jornal a elle me chama com certa imposição e insistência... (ALMEIDA, Julia Lopes de. *A Mensageira*, N. 1, ANNO I, 15 de outubro 1897, p.3).

Na primeira crônica publicada n'A Mensageira Julia Lopes discorria acerca da precária educação destinada às mulheres, mas evitava problematizar as várias questões que perpassavam esse assunto. Note-se que a escritora, inclusive, declarava que só tocaria no assunto por causa da linha editorial da revista. Já Maria

-

³⁶ Compartilhar deste ponto de vista da cronista seria o mesmo que desconsiderar a existência da prosa poética.

Emilia, mais ríspida e direta, apontava, geralmente no início de suas crônicas, o foco de suas reflexões sem medir as palavras:

Sempre que se fala em modificar a educação da mulher ou ampliar os seus meios de accção, apparece alguém que faça a apologia da mulher como rainha que deve ser...pela fraqueza! (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 2, ANNO I, 30 de outubro 1897, p. 17).

O tom irônico da cronista diferia bastante da sutileza de Julia Lopes. Enquanto a primeira se mostrava sutil e contida, Maria Emilia era direta e objetiva em suas proposições. Por meio de enunciados diretos e bem articulados, a cronista "dava o seu recado", não deixando muito espaço para interpretações. Em seu primeiro artigo, já na primeira linha, a cronista mineira afirmava o porquê de seus artigos e crônicas: a necessidade de mudanças na educação feminina. Com precisão, realizava uma auto-crítica, pois com uma escrita direta, sem floreios ou amenidades, Maria Emilia podia, realmente, considerar-se portadora de uma *penna árida*.

2.6 Falso encanto da rainha do lar: em defesa da mulher

No editorial "Falso encanto", Maria Emilia, além de atentar para as responsabilidades sociais da mulher, criticava aquelas que se deixavam levar por futilidades. De acordo com a autora, algumas mulheres, para serem "bemquistas e passarem vida socegada" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 2, op. Cit.), não apoiavam as lutas feministas, ainda que, muitas vezes, pensassem de acordo com as propagandistas da causa.

A cronista destacava, ainda, a necessidade de destruir o mito de que a beleza do sexo feminino estaria na "sua ignorância, na sua timidez, na sua infantilidade" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 2, op. Cit.), pois tais características sustentariam o estereótipo da mulher como "rainha do lar". Em contraposição a esses estereótipos,

Maria Emilia idealizava uma "mulher do futuro", que fosse ao mesmo tempo instruída, forte, capaz de cuidar dos filhos e trabalhar.

Outras propagandistas já haviam criticado a fácil aceitação das mulheres ao título de "rainha do lar". Ao discutir o processo de constituição das mulheres como rainhas, June Hahner recorre à definição de Francisca Senhorinha da Mota Diniz, que interpretava essa mulher como "o sceptro da cozinha, da machina de procriação" (DINIZ apud HAHNER, 1981, p. 83). Assim, o estereótipo de "rainha do lar", ao invés de ser um elogio, era uma forma sutil de naturalizar a subserviência da mulher e seu confinamento ao espaço doméstico.

Além de problematizar o falso encanto da "rainha do lar", Maria Emilia lembrava as lutas de mulheres em prol da instrução para as filhas. A partir disso, afirmava o valor das mães como educadoras: "a essas santas creaturas que devemos a pouca luz que se váe fazendo sobre o destino das brazileiras. Para isso, quanto soffreram e luctaram?" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 2, ANNO I, 30 de Outubro 1897, p.18). Assim como Elisa Lemos e outras feministas do *fin de siècle*, Maria Emilia argumentava que as mães eram as grandes responsáveis pela "cultura intellectual³⁷" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 2, op. Cit.) conquistada por sua geração³⁸.

A escolha da expressão "pouca luz" posicionava os possuidores de conhecimentos como seres iluminados e, por exclusão, qualificava os que não possuíam "cultura intelectual" (educação formal) como indivíduos "sem luz". De fato, o signo "luz" marcava sobremaneira os textos jornalísticos do século XIX, em consonância com o projeto iluminista e civilizador. Uma vez que a instrução formal seria o instrumento essencial de transformação da existência humana, a educação se

³⁷ A expressão "cultura intelectual" vai ao encontro de Sabino (1897) e Serrano (1898), que consideravam como intelectuais as pessoas que exerciam atividades ligadas ao intelecto, tais como profissionais da música, da medicina, da arte, da literatura, entre outros. (Cf. *A Mensageira*, N.4; N.7).

³⁸ A cronista faz uma comparação entre as mulheres de sua geração e a geração de seus pais e avós e arrola os benefícios, advindos do conhecimento, que as mulheres de sua geração tinham acesso.

constituía como elemento de estímulo e transformação. Educação que possibilitará mudanças no futuro. A opção por "pouca luz" apontava, também, para a precariedade da instrução feminina, que naquele momento ainda não era suficiente para fornecer às mulheres a tão almejada "emancipação intelectual".

Ainda que os objetivos de uma educação de qualidade para as mulheres não tivessem sido alcançados, Maria Emilia reconhecia o sacrifício materno, já que as mães — mulheres de uma geração em que a educação ainda era parcamente acessível às mulheres — lutavam como podiam para que as filhas tivessem uma formação condizente com suas necessidades sociais, materiais e intelectuais. Essa gratidão às mães nos remete a um tema recorrente nos textos de Maria Emilia, e também de outras feministas do final do século: a luta em prol das mulheres de gerações futuras.

Ao tomar o bem-estar da família como argumento em prol da educação feminina, Maria Emilia não deixava de questionar lugares sociais de gênero previamente demarcados:

Os paes, tendo grandes aspirações sobre seus filhos, não ambicionavam, salvo honrosas excepções, sinão que as filhas fossem honestas. Isto bastava! As mães, porém, por intuição e por uma altivez natural iam sempre que podiam ministrando as suas filhas todos os meios de serem educadas e dignas, sugeitando-se para isto aos maiores dissabores e sacrifícios (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 2 ANNO I, 30 de Outubro 1897, p.18).

A passagem questiona o lugar-comum de que a mulher deveria ocupar o espaço privado e o homem o espaço público. Naquele momento, as esferas de atuação estavam ainda muito bem delimitadas: às mulheres, o espaço doméstico; aos homens, o espaço público. Esse espaço público se referia à atuação no mercado de trabalho, em profissões liberais (jornalistas, médicos, advogados) ou na esfera política (exclusivamente masculina, já que as mulheres não podiam votar, muito menos serem votadas, nem exercer cargos na administração pública).

Quando criticava as mães que não se preocupavam com o futuro de suas filhas e das mulheres em geral, Maria Emilia comparava a atitude dos homens e das mulheres em suas tradicionais esferas de atuação.

Estas fazem na sua esphera o papel cômodo de certos homens que não têm nunca uma opinião firme e decisiva, agitem-se embora no seu paiz as mais complicadas e importantes questões de interesse publico. (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 2, op. Cit.).

Da mesma forma que os homens que não se manifestavam a respeito de assuntos políticos estariam fugindo às suas responsabilidades enquanto cidadãos, as mulheres eram igualmente tidas como irresponsáveis caso não lutassem por um futuro mais promissor para suas filhas. Ambos deixavam de cumprir obrigações relacionadas ao seu espaço de atuação. Por meio da comparação entre o comportamento leviano tanto de homens quanto de mulheres em suas respectivas esferas tradicionais de atuação, a cronista repreendia estas últimas por não se comprometerem com a causa feminista. É interessante destacar a consciência e coragem da cronista ao debater questões políticas melindrosas, das quais muitas escritoras se abstinham de emitir opiniões ou recuavam quando adentravam em um campo de discussão restrito.

Mesmo que o propósito de Maria Emilia, nessa crônica, fosse criticar o "falso encanto" ao redor do qual girariam muitas mulheres, a autora caracterizava a mãe como "intuitiva e portadora de uma *altivez natural*" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 2, ANNO I, 30 de Outubro 1897, p.18). A cronista recorria a características essencializantes, ao mesmo tempo em que procurava desarticular outros estereótipos atribuídos à mulher, a exemplo daquele da "rainha do Lar". Em seu apontamento sobre a constituição essencializadora dos papéis de gênero ao longo da história humana, Matos (1990) sublinha que "(a) construção de gênero baseada em características biológicas acaba por definir homens e mulheres como categorias naturais, essencializadas, resistentes às forças arbitrárias da cultura, da história e da pessoa" (p.20). Assim, ao interpretar como natural a atitude das mães comprometidas com a causa da educação e da emancipação da mulher, Maria Emilia essencializava

a mulher/mãe. Nesse processo, a cronista enfatizaria que os principais atributos maternos adviriam da própria natureza feminina.

Considerando os dissabores e sacrifícios das mães para prover a educação das filhas, Maria Emilia enfatizava tanto a falta de material adequado e a restrição curricular quanto a oposição de grupos sociais contrários à instrução das jovens. Tais fatores tornavam ainda mais árdua e heróica a tarefa de educar uma filha. Naquele momento histórico, mesmo as mulheres da classe burguesa não recebiam instrução suficiente para instruir seus filhos, ainda que uma das principais funções da mulher fosse educar a prole. Percebemos, portanto, como a função de "mãe educadora" era extremamente difícil de ser cumprida, sobretudo devido à série de estereótipos relacionados à mulher e preconceitos associados à educação feminina.

Em uma crônica intitulada "A Influência do Lar", publicada em setembro de 1898, Maria Emília responsabilizava o casal, e não exclusivamente a mulher, pelo bem-estar da família:

Para que, porém, o tecto que abriga uma família seja digno de ser considerado como o templo da paz e do amor, quanto esforço não é preciso da parte de cada um dos cônjuges! Muita gente diz: o marido faz a mulher, outros: a mulher faz o marido, e esquecem-se assim daquillo que se aprende num provérbio muito corriqueiro – "uma andorinha só não faz verão". O que é preciso é que haja bondade de parte a parte, benevolência de lado a lado, boa disposição de cada um para ver nos conselhos do outro o interesse do bem e do justo, o proverbio moral de ambos, e o que é ainda mais serio, a felicidade dos filhos. (MARIA EMILIA. A Mensageira, N. 24, ANNO I, 30 de setembro 1898, p. 373).

Aqui, diferentemente dos textos anteriores, que conclamavam apenas as mulheres às obrigações familiares, a cronista responsabiliza também o homem pela constituição de um lar harmonioso. Nesse sentido, o comprometimento do casal para com a família, sobretudo no tocante à educação dos filhos, seria prioridade. Esse posicionamento problematizava, de certa forma, o discurso vigente de que seriam as mulheres as principais responsáveis pelo bem-estar da família.

Sua menção ao provérbio "uma andorinha só não faz verão" merece destaque, pois Maria Emilia recorria a um lugar-comum para desconstruir a arraigada ideologia de que as mulheres eram as principais responsáveis pela educação dos filhos. O provérbio atuaria como um argumento de conhecimento partilhado para sustentar a tese da cronista: os homens também são responsáveis pela educação dos filhos.

Ao considerar os motivos que levariam os homens a não consultarem suas mulheres acerca de seus negócios, Maria Emilia recorria novamente ao senso comum, lembrando-se daquelas "mulheres que cuidando só de fitas e futilidades e não têm senso commum para *ajudar o marido a pensar*, ou a discreção precisa para guardar um segredo" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 24, ANNO I, 30 de setembro 1898, p. 373). Se antes a cronista utilizara o "senso comum" para corroborar sua argumentação, agora criticava as mulheres que não o tinham. Era exatamente a imagem de mulher "fútil" e "fofoqueira" que permeava os argumentos contra a incompetência feminina para atividades que não estivessem restritas à esfera doméstica. Esse seria mais um motivo para criticar o "Falso Encanto".

Nessa mesma crônica, a autora, para exemplificar um lar onde o casal viveria em harmonia e respeito mútuo, utilizava o artigo "Mulher de outr'ora", de Jules Simon³⁹. Nessa casa, a mulher, além de comandar o lar, "sabia contar, examinava todas as contas e sem ser avara, economisava" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 24, op. Cit.). Quando recebia visitas, a dona de casa se orgulhava em mostrar seus dotes culinários, e depois da refeição "todos reunidos conversavam sobre o ultimo livro ou o ultimo quadro. Recitavam ou liam versos. Também cantavam, muitas vezes com acompanhamento de guitarra" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 24, op. Cit.). A instrução da mulher era um dos fatores primordiais para o favorecimento amistoso da convivência.

Há também, nesse artigo, críticas do pensador francês ao comportamento da sociedade de sua época: o ato de receber qualquer pessoa em casa, a falta de

³⁹ Jules François Simon Snisse (1814-1896), filósofo e político francês.

originalidade na decoração das casas, o excesso de objetos caros e vulgares usados na decoração, o fato de homens e mulheres não conversarem os mesmos assuntos nas reuniões de família, entre outros. Para Maria Emilia, esse lar ideal proposto pelo filósofo concebia a mulher como uma espécie de mandatária que estabelecia e utilizava a *lei vigente*, pois a palavra final dentro do lar pertencia a ela. A cronista não via essa percepção com bons olhos, pois o "verdadeiro lar" não seria aquele em que a mulher fosse uma autoridade final, mas aquele em que houvesse apoio e respeito mútuo entre o casal. Ao final, a cronista responsabilizava tanto homem quanto a mulher pela construção de um lar virtuoso e harmônico, desejando que esta última fosse "ao menos uma companheira a qual se prodigalise consideração, respeito e fraternidade" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 24, op. Cit.).

2.7 Abolição da escravidão da mulher: responsabilidade social

Na sua primeira crônica, Maria Emilia convocava suas leitoras às responsabilidades sociais: "a posição negligente de tutelada deixará de existir quando a mulher comprehender que sobre seus hombros pesam também as responsabiliaddes sociaes" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 2, ANNO I, 30 de outubro 1897, p. 17). Aqui, as obrigações para com os filhos, com o marido e com a pátria ainda estão presentes, porém há um incentivo à participação pró-ativa das mulheres na família e na sociedade para a melhoria da condição feminina.

Quando recordava os dez anos de abolição da escravatura, Maria Emilia associava a libertação dos escravos à tão sonhada emancipação feminina:

Desde os mais tenros dias de minha infância, revoltei-me contra a escravidão dos negros e contra o captiveiro da mulher! Nunca pude reconhecer o privilegio do branco nem o privilegio do homem! Nós todos, que pensamos e sentimos, que soffremos e amamos, que trabalhamos e luctamos pelo desenvolvimento da humanidade, cada qual á medida de suas forças, temos direito a essa divina graça – a liberdade! Ella é essencial a toda alma, como o ar a todo ser. (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 15, ANNO I, 15 de maio 1898, p. 230).

Mais uma vez, as idéias da cronista se mostravam condizentes com a proposta editorial d'*A Mensageira*, pois Presciliana Duarte de Almeida e Maria Clara da Cunha Santos participaram das campanhas abolicionistas sul-mineiras. É importante ressaltar que a participação feminina nas campanhas abolicionistas se diferenciava da masculina, pois as mulheres eram responsáveis, sobretudo, por promover atividades fliantrópicas para angariar fundos para as campanhas abolicionistas, como a venda de doces e flores. Algumas realizavam concertos de piano, outras participavam das reuniões como cantoras, a exemplo de Luiza Regadas⁴⁰, no Rio de Janeiro. Porém, algumas delas foram um pouco além do esperado e criaram associações abolicionistas, proferiram palestras e publicaram protestos e panfletos em jornais. Dentre estas, destacamos Francisca Senhorinha da Mota Diniz e Maria Amélia de Queiroz, que fizeram declarações públicas acerca da abolição (Cf. HAHNER, 1981). Esta última, inclusive, foi homenageada com a publicação de sua foto n'*A Familia*, em virtude de sua colaboração no periódico e de sua atuação junto a movimentos abolicionistas, conforme mencionamos anteriormente.

Em sua negação do privilégio do homem branco, a cronista se inscreve como um sujeito idealista e "humanista", defensor da liberdade para todos os seres humanos, independentemente do gênero ou raça. Essa liberdade significaria muito mais do que o direito ao livre-arbítrio garantido por lei. Para Maria Emilia, a liberdade seria condição *sine qua non* de sobrevivência.

Além de destacar a relevância da atuação da Princesa Isabel na luta abolicionista, Maria Emilia se lembrava de outros personagens caros à abolição e, ao listar alguns homens, lembrava-se de uma mulher, Luiza Regadas. Contudo, a cronista destacava, principalmente, que a Princesa teria sido a principal responsável pela abolição:

A victoria do abolicionismo, no Brazil, teve á sua frente o coração generoso, a grande magnanimidade de uma mulher – a Princeza Izabel. Só os espíritos

_

⁴⁰ Cantora lírica (Cf. DeLUCA, 1999, p. 437, anexo IV). Luiza Regadas foi uma das personalidades privilegiadas por Ignez Sabino em seu dicionário *Mulheres Illustres do Brazil*.

pirrhonicos poderão negar-lhe a parte que lhe coube na campanha da regeneração social. A ella coube assignar a lei de 28 de Setembro de 1871, que emancipava o berço dos captivos; a ella ainda coube a gloria de apressar e ultimar a grande reforma! (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 15, ANNO I, 15 de maio 1898, p. 230).

A exaltação acrítica à Princesa como a grande responsável pela abolição da escravatura nos parece estratégica, pois indica a necessidade de Maria Emilia louvar a participação de uma mulher em um importante acontecimento histórico e, dessa forma, instituir um modelo positivo para as leitoras. Assim, por mais que a Lei Áurea resultasse de pressões políticas que o Império vinha sofrendo ao longo de décadas – a exemplo da pressão diplomática inglesa –, a cronista omitia esse detalhe, pois o importante era destacar que a Lei 3.353 fora assinada por uma mulher.

Para erguer ainda mais o nome da Princesa, a cronista recorreu às palavras da professora Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, autora de *História do Brazil*⁴¹:

(...) sendo a lei da liberdade dos escravos sanccionada a 13 de Maio, no meio das mais enthusiasticas demonstrações de jubilo de povo, que alcatifou de flores as ruas por onde tinha de passar o carro da piedosa princeza, a cujos esforços, não há negar, se deve aquelle grande acontecimento tão cedo e tão pacificamente alcançado. (ANDRADE, 1894 *apud* MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 15, ANNO I, 15 de maio de 1898, p.230).

O fato de Maria Emilia ter recorrido "a voz de Maria de Andrade, a notável professora brazileira" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 15, op. Cit.) como estratégia argumentativa legitimava um argumento – bondade da Princesa – questionado por muitos. Os "espíritos pirrônicos" censurados pela cronista certamente não concordariam, também, que a abolição vinha "tão cedo", ou que fora "pacificamente alcançada", como destacava a professora Maria de Andrade. De fato, a abolição da

⁴¹ O fato de Maria Emilia utilizar o livro *Historia do Brazil* (que faz parte de uma coleção de três volumes), publicado por Maria Guilhermina Loureiro de Andrade em 1894, demonstra a preocupação da cronista em levar ao conhecimento de suas leitoras obras atuais. Inclusive, Presciliana Duarte de Almeida menciona os livros de Maria Guilhermina no número 8 d'*A Mensageira*.

escravatura certamente foi resultado de um processo lento e gradual, tanto que anos antes uma série de leis com fins abolicionistas já haviam sido aprovadas.

Temos, então, uma cronista de uma revista dirigida por mulheres citando uma historiadora que, por sua vez, exalta a atuação da Princesa Isabel, talvez a mulher que teve maior destaque na história do Brasil. Nessa espécie de "rede", o próprio uso do livro *História do Brasil*, de Maria de Andrade, como fonte de referência, constitui outra estratégia de valorização da participação pública de mulheres.

Na crônica que traz à luz o poema "A liberdade!", do orador abolicionista José Bonifácio, Maria Emilia ressaltava: "bendigo mais uma vez o dia 13 de Maio, desejando que todas as mães brazileiras saibam incutir em seus filhos o verdadeiro amor da liberdade e as noções sublimes de uma nobre fraternidade" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 15, op. Cit.). Seu desejo de valorização da liberdade demonstra mais uma vez sua preocupação com a educação dos mais jovens. Os rapazes, tendo a liberdade como ideal, não fariam de suas esposas "escravas do lar"; já as moças não aceitariam que o controle do pai, do irmão ou do marido transformasse a casa em um cativeiro. Porém, conforme assinalava a cronista, essa liberdade só seria possível se as mães brasileiras educassem seus filhos e filhas para este fim.

No final de maio de 1898, Maria Emilia voltaria a discutir a abolição da escravatura ao comentar a morte de André Rebouças, escritor, monarquista e abolicionista. A cronista dava continuidade à sua temática preferida, a luta pela educação feminina, já que essa era também uma questão defendida por Rebouças:

Como verdadeiro espírito de eleição, preoccupou-se também com o problema da educação feminina. São delle estas palavras de incitamento á elevação da mulher: "Educae, instrui e elevae a mulher! Formae Cornelias, mães de Gracchos⁴²; formae Beecher-Stowes⁴³, libertadora e mestra de seis milhões de africanos; e tereis assegurado o mais

Harriet Beecher Stowe (1811-1892) cronista, poeta e romancista estadunidense, escreveu o romance *A Cabana do pai Tomás* (1852), publicado anteriormente em "Folhetim" pelo jornal

102

-

⁴² A cronista faz referência a Cornélia, "filha de Cipião", o Africano, mãe dos Graccos. Símbolo de mãe virtuosa e responsável ensinou a seus filhos a cultura grega e os preparou para a vida pública" (Cf. LAROUSSE, v.7, p.1629).

grandioso futuro á democracia brazileira. Oh! Sim, mil vezes sim! Eleváe a mulher!". (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 16, ANNO I, 30 de maio 1898, p. 242).

Ao escolher a citação de Rebouças, a cronista, mais uma vez, optava por destacar exemplos de mulheres atuantes em espaço e tempo distintos, Roma e Estados Unidos, para ilustrar a necessidade da educação feminina e a participação das mulheres na formação de cidadãos. A insistência na necessidade de investimentos na educação das mulheres para o desenvolvimento da pátria também marca esse fragmento, já que a elevação da mulher a um papel mais ativo na sociedade, sugerida por Rebouças, configuraria um meio de promover a democracia no Brasil.

No artigo de maio de 1899, Maria Emília se mostrava menos engajada que em suas primeiras publicações, pois se limitava a lembrar o 11º aniversário da abolição da escravatura e a morte de Figueiredo Coimbra, "distincto homem de letras que a morte arrebatou a 23 de março próximo passado" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N.28, Ano II, 15 de maio 1899, p.88). Para homenagear o poeta, a cronista escolheu o poema "Redempção Nova", dedicado por Coimbra ao Dr. Antonio Bento, "um abolicionista revolucionário, o grande apostolo da liberdade, fallecido há mezes, na capital de S. Paulo" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N.28, op. Cit.).

Já na edição de Julho de 1898, "Com ares de chronica" voltava a enfatizar a participação feminina em momentos relevantes da história, como a Revolução Francesa, em que mais uma mulher era destacada: Mme. Roland⁴⁴, "um symbolo! Si nenhuma outra mulher eminente houvesse existido sobre a terra, esta só bastaria para synthetisar a profundeza e a força moral do seu sexo!" (MARIA EMILIA. *A*

abolicionista *National Era* (1847-1860). Devido à grande repercussão do romance pelas suas idéias abolicionistas, a Sra Stowe, apesar de publicações posteriores, ficou lembrada pela publicação desse livro. (Cf. DeLUCA, 1999, anexo IV, p. 451)

⁴⁴ Madame Roland (1754-1793) foi uma revolucionária francesa fundamental ao partido Girondino (Revolução Francesa) e sua casa era ponto de encontro para o grupo. Posicionou-se contra os revolucionários radicais, em especial a execução do rei Luis XVI sem consulta popular; por isso foi presa e guilhotinada (Cf. DeLUCA, 1999, anexo IV, p. 440).

Mensageira, N. 20, ANNO I, 31 de julho 1898, p. 307). A atuação efetiva dessa mulher na Revolução era um motivo suficiente para que Maria Emilia a exaltasse. Nessa crônica, Maria Emlia novamente recorria a dados históricos, talvez regados com um pouco de romantismo, para narrar a morte de Madame Roland, destacando, ainda, a singeleza das *Memórias* (relatos de viagens e correspondências) da revolucionária.

E pensar que essa enorme tragédia da Revolução Franceza não fez germinar no seio da humanidade todas as sementes do bem!
E pensar que ainda depois della há quem sustente com intransigência ferrenha a bastilha dos preconceitos; há quem interponha, entre a dignidade da mulher e as suas prerrogativas, barreiras crivadas de espinhos; há quem negue a seus semelhantes o direito da opinião e a opinião de direito! (MARIA EMILIA. A Mensageira, N. 20, op. Cit.)

Por meio desse extrato, mais uma vez a escritora discutia a condição feminina na época, fazendo alusão a um acontecimento histórico que deveria ter servido, em sua opinião, como estímulo para a disseminação da igualdade dos direitos entre homens e mulheres. Os intransigentes defensores da "bastilha dos preconceitos" certamente seriam os chamados "defensores do lar", assinalados por Maria Emilia em outros momentos. A opção pela palavra "bastilha", que nos remete ao símbolo mór do absolutismo francês, parece bastante apropriada para simbolizar a condição oprimida da mulher ao final do século XIX, quando os ideais de educação, emancipação e liberdade, pregados pelas propagandistas, eram frequentemente associados a regalias desnecessárias, ou mesmo como caprichos contrários à instituição familiar.

Maria Emilia finalizava o artigo com o poema "Porque sou Triste?", de Silvio de Almeida, para "pôr termo a esta chronica, queremos uns versos que nos lembrem que é no regaço da mulher que se acalentam as cabeças imberbes dos homens do futuro" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 20, op. Cit.). Assim como o discurso de André Rebouças acerca da "elevação da mulher", as palavras de Silvio de Almeida destacavam a responsabilidade da mulher para com os filhos e, consequentemente, com o futuro da Nação.

Considerando as responsabilidades sociais da mulher, a cronista não deixava que as mães se esquecessem das suas "obrigações" na formação dos filhos:

Mais de uma vez temos tido occasião de dizer que deixaremos nossos filhos seguirem toda e qualquer carreira para que tenham vocação, exceptuando-se unicamente a militar. Para essa, para a carreira das armas, elles só poderão se encaminhar contrariando profundamente a vontade materna. Cremos, entretanto, que isso não succederá, porque far-lhes-emos a nossa propaganda em tempo, nos áureos dias de sua infância tenra, em que, como flores radiantes e lindas, adornam e alegram os recantos de nossa casa! E cremos que é esse meio, sinão o único, pelo menos o mais poderoso, de conseguirmos a paz universal, para a qual têm trabalhado os mais eminentes vultos do século. (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N.7, ANNO I, 15 de janeiro 1898, p.110).

Em resposta a um pedido de Xavier de Carvalho, feito em carta publicada na seção "Notas Pequenas" da revista *A Mensageira*, Maria Emilia conclamava as mulheres a lutarem contra a guerra e em prol do desenvolvimento pacífico da Pátria. Na ocasião, Xavier de Carvalho sugeria que as escritoras d'*A Mensageira* empreendessem "a lucta a favor da paz no mundo e a propaganda contra a idéia da guerra" (CARVALHO, Xavier de. *A Mensageira*, N.6, ANNO I, 30 de dezembro 1897, p.94) – solicitação que Maria Emilia apresenta como epígrafe do artigo.

A autora acreditava que se as mães se empenhassem na educação dos filhos para a paz, seriam capazes de evitar, até mesmo, a guerra entre homens e nações no futuro:

E' a nós, como filhas, esposas, mães e irmãs, compete fazer toda a sorte de sacrifícios, afim de conseguirmos cortar pela raiz um mal que váe querendo vingar no solo amado... (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N.7, ANNO I, 15 de janeiro 1898, p.110).

Endossando as considerações de Xavier de Carvalho, que considerava as mães, esposas e filhas como as principais interessadas na campanha contra a guerra, Maria Emilia se contrapunha a discursos tradicionais de Nação que relacionavam o patriotismo à luta e mesmo à morte pela Nação. Para fazer apologia à paz, Maria Emilia convocava todas as mulheres para uma "luta simbólica": "E ahi fica

o appello ás nossas compatriotas: faça cada qual tanto quanto puder em beneficio da pátria" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N.7, op. Cit.).

2.8 Contra os defensores do lar: em busca de autonomia

Além da educação das futuras gerações, Maria Emilia se preocupava também com o "presente" das mulheres, sobretudo em relação a uma área bastante controversa: o trabalho no espaço público. Nesse campo de confronto, a escritora defendia a atuação pública da "mulher intelectual" — termo que incluiria, além de escritoras, as profissionais liberais — em reação à argumentação dos "defensores do lar", que declaravam que a intelectual não seria boa dona de casa:

Por que poderá o homem ser literato sem abandonar seus deveres de empregado publico, como Machado de Assis e Arthur Azevedo; sem esquecer os seus livros de jurisprudência, como Lucio de Mendonça; sem deixar a sua cadeira de professor, como Silvio de Almeida, Arthur Lobo e Carlos Laet; sem faltar ao seu serviço no commercio, como João Luso; e a mulher terá que forçosamente de abandonar a casa porque nas horas que lhe ficam de seus lazeres escreve um soneto ou faz uma tira de prosa? E' preciso muito capricho de imaginação para crer em tal. (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 8, ANNO I, 30 de janeiro 1898, p. 123).

Já nas primeiras linhas dessa crônica, precebemos um tom de indignação. Maria Emilia chamava para a conversa uma leitora em particular, a que lia os diários das grandes cidades. Somente esta poderia compartilhar de tamanha repulsa, visto que são nesses jornais que estariam estampados os preconceitos em relação à mulher escritora.

Os exemplos de homens que trabalhavam em vários campos do conhecimento e ainda publicavam em jornais e revistas refutavam a tese dos "defensores do lar" de que a literata não seria boa dona de casa. Maria Emilia discordava do preconceito segundo o qual, como conseqüência das mulheres "terem profissões liberais, ficará o lar abandonado, perecerá a família" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 8, op. Cit.).

Da mesma forma que os intelectuais conseguiam desempenhar ambas as funções, as mulheres também dariam conta de escrever e cuidar do lar.

Segundo a cronista, a guerra dos "defensores do lar" era ainda mais forte em relação ao exercício de profissões liberais por mulheres. Se esses já criticavam a mulher de letras, o exercício de uma profissão liberal por uma mulher era inimaginável e, quando ocorria, inaceitável. A escritora defendia que os pais deveriam apoiar suas filhas, principalmente fornecendo-lhes uma educação adequada que lhes proporcionassem um futuro promissor e, até mesmo, autônomo:

Todavia, é em nome do lar, é em nome da grandeza de amor, é em nome do altruísmo da mulher, que todo homem sensato deve presumir suas filhas com uma educação sólida e uma profissão que garanta sua subsistência independentemente do casamento. (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 8, ANNO I, 30 de janeiro 1898, p. 123).

A formação em uma profissão liberal traria a possibilidade de uma independência econômica para as mulheres, inclusive em relação ao marido. Assim, Maria Emilia via o acesso à educação profissional como uma possibilidade de um casamento feliz, pois as mulheres poderiam casar por amor e não por interesse. Dessa forma, teriam autonomia para escolher um marido e não precisariam ficar presas a um casamento fracassado por não disporem de condições financeiras para se manter após a possível separação:

A mulher preparada assim para a vida, confiando em si mesma, só verá no casamento essa felicidade incomparável da família, e do amor, só se casará por affeição, não terá de ceder diante das circunstancias, como no systema social até hoje estabelecido, em que a mulher, ame ou não ame, encontre ou não o seu ideal, tenha ou não o coração preso á imagem de um noivo morto, há de, irremediavelmente, ou casar-se, violentando os seus mais santos sentimentos, ou então resignar-se á triste condição de viver de favores, dependendo do canto alheio e sobrecarregando os parentes. (MARIA EMILIA. A Mensageira, N. 8, op. Cit.).

A educação deixava, portanto, de ter como finalidade principal o mero suporte para a educação dos filhos e filhas, pois seria voltada para a autonomia, de cunho

prático, não mais para fins estéticos e morais. Uma instrução emancipadora capaz de prover o sustento e a autonomia:

Eduquemos nossas filhas com a soberania e coragem para viverem por si, sem nos esquecermos de que a mulher, como o homem também, só encontra maior somma de felicidade no aconchego da família. Mas, não as condenemos a estabelecer esse lar sem a base fundamental do sentimento, nem a viver como parasita. (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 8, op. Cit.).

A denominação de algumas mulheres como parasitas nos remete à situação de submissão e dependência em que muitas mulheres da época viviam. Dependentes financeiramente dos pais ou maridos – por necessidade ou para ter vida sossegada, como afirmava Maria Emilia –, as mulheres geralmente sobreviviam sob a tutela masculina. Para a autora, a mulher também seria capaz de se sustentar ou auxiliar no sustento da família, principalmente em momentos difíceis. Nesse sentido, os "defensores do lar" deveriam pensar nas profissões liberais para a mulher como mais um meio de garantir o bem e o sucesso da família:

Demais, a mulher feliz, a mulher casada por amor, não está sujeita a enviuvar, a ter de sustentar com o seu trabalho os filhos extremecidos? Não está sujeita a ver o esposo impossibilitado de trabalhar em conseqüência de um incommodo qualquer? Em taes emergências a profissão da mulher não é a garantia do lar e do amor? (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 8, ANNO I, 30 de janeiro 1898, p. 123).

Maria Emilia finalizava sua argumentação afirmando que nem mesmo a mulher casada estaria totalmente livre da necessidade de trabalhar e garantir seu sustento e de sua família. Assim, independentemente da situação financeira, o trabalho serviria de recurso em uma possível eventualidade.

No início da crônica, a escritora considerava as idéias contrárias ao trabalho feminino como inaceitáveis "em pleno século das luzes, quase a entrada do século vinte" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 8, op. Cit.). Naquele momento em que o "progresso" despontava, haveria a necessidade de mudança de valores e rompimento de paradigmas antiquados. Maria Emilia finalizava sua crônica

considerando as idéias dos "defensores do lar" como retrógradas e estacionárias: "Não, os retrógradas preguem suas doutrinas estacionárias, mas por Deus, não nos venham dizer que é em nome do amor e em defesa do lar!" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 8, op. Cit.).

Contudo, por mais que lutasse pela educação, trabalho e independência das mulheres, a feminista reafirmava o discurso tradicional que tanto criticava, sublinhando que o dever primordial da mulher seria dedicar-se à família. Assim como outras escritoras oitocentistas, Maria Emilia não escapava ao discurso hegemônico e considerava o casamento e a maternidade como forma essencial de felicidade tanto para a mulher como para o homem.

2.9 Um exemplo de profissional liberal

Em sua última colaboração para *A Mensageira*, Maria Emilia discutia a atuação da Dra. Myrthes de Campos⁴⁵, primeira advogada a efetuar uma defesa em tribunal de júri no Brasil, em 1899. Além de ser um marco da atuação feminina na esfera pública, a defesa no Tribunal do Júri por Myrthes de Campos foi parte de uma longa e histórica luta pela abertura das profissões liberais às mulheres.

De acordo com Hahner (1981), "as primeiras mulheres graduadas em direito no fim da década de 1880 encontraram dificuldades em exercer a advocacia, para a

-

⁴⁵ Myrthes de Campos nasceu no Rio de Janeiro em 1875. Bacharelou-se em Direito em 1898, na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Depois de formada, diferentemente de suas companheiras que não pretendiam atuar como profissionais liberais, começou a lutar pela formalização de seus direitos profissionais. Além da obtenção do reconhecimento do diploma, Myrthes de Campos precisava ser aceita no Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros (IOAB). Em 1899 seu pedido foi negado por cinco votos e a discussão acerca da possibilidade da mulher advogar foi para a imprensa, mais especificamente no *Jornal do Commercio*. Apesar de já estar estabelecida na Rua da Alfandega n. 83 e ter conseguido defender um caso no tribunal do júri em 1899, Myrthes dependia da aprovação do juiz para advogar – algo que nem sempre acontecia. Sua situação se regularizou somente em 1906, quando um novo pedido de admissão ao IOAB foi aceito. Apesar de não haver unanimidade, em 19 de julho 1906 a advogada tomou posse no Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros (Cf. FERREIRA, 2010).

vergonha dos jornais feministas" (p.77). Na época, o fato de mulheres exercerem profissões liberais causava tamanho reboliço que alguns teatrólogos produziam peças que tematizavam a questão. Uma delas foi "As Doutoras", de França Junior, que trazia em cena uma médica competente e uma advogada de sucesso. Porém, a médica Luisa e a advogada Carlota desistem espontaneamente das respectivas carreiras em prol do casamento e da família. Ao final, ambas apareciam em cena como mães devotadíssimas, para a alegria de seus respectivos maridos e para a tristeza de Praxedes, pai de Luisa e grande incentivador da emancipação feminina (Cf. HAHNER, 1981; SOUTO-MAIOR, 2001).

A "competência" de França Júnior ao problematizar a questão foi motivo de elogios, até mesmo de Josephina Alvares de Azevedo: "Que se pode dizer sobre esta produção literária, quando o laureado nome do seu autor de sobra a recomenda? É simplesmente esplêndida." (Cf. *A Familia*, 1889). Já o estreante Silva Nunes, com "A Doutora", não obteve o mesmo sucesso com as feministas. Na peça, uma jovem médica recebia a incumbência de atender a um moribundo em um prostíbulo. Essa situação embaraçosa foi o alvo da discussão. O enredo, que manifesta a oposição masculina ao acesso das mulheres ao exercício profissional da medicina, foi alvo de muitas críticas no jornal *A Familia* (SOUTO-MAIOR, 2001). Além de ter considerado a peça "imperfeita como trabalho de arte e monstruosa como discussão de uma tese", Josephina considerou inadequado o fato de Nunes intepretar a profissão médica incompatível com a honra de uma moça (AZEVEDO *apud* SOUTO-MAIOR, op. Cit, p. 88).

Dez anos depois, a atuação feminina em profissões liberais ainda era objeto de discussão em jornais como o *Paiz* (1884-1934) e a revista *A Mensageira*. A questão era levantada, principalmente, devido à atuação de Myrthes de Campos no tribunal do júri. Houve uma ampla discussão dentro d'*A Mensageira*, sobretudo em dois editoriais (um de Maria Emilia e outro de Maria Clara da Cunha Santos); uma

crônica de Maria Clara; um trecho de carta de Anacleto Pacífico⁴⁶, retirado da *Cidade de Campinas* (1896-?); e dois editoriais do jornal *Paiz* – transcritos em *A Mensageira,* respectivamente, no N. 35, mais de quatro páginas, e no N. 36, seis páginas.

Maria Clara da Cunha Santos, da mesma forma que Maria Emilia, saudou a Dra. Myrthes de Campos pela conquista. Descreveu em detalhes discurso da advogada no dia:

Bellissimo exórdio proferiu então a oradora. Demonstrou, com eloqüência, o progresso do movimento feminista e trouxe factos históricos da Grecia e de Roma para corroborar suas asserções. Referiu-se ao advento do Christianismo que proclamou a igualdade entre todos, não podendo, portanto, ficar excluída a mulher. O seu discurso foi breve, judicioso e sem o menor vislumbre de pedantismo. (SANTOS, Maria Clara da Cunha. *A Mensageira*, N. 33, ANNO II, 15 de Outubro 1899, p. 174).

O fato de a advogada recorrer a fatos históricos para "corroborar suas asserções" advinha da necessidade de contrapor-se aos discursos e ações que impediam que as mulheres atuassem em profissões liberais — impedimento exemplificado na negativa do Instituto dos Advogados do Rio de Janeiro em admitir a atuação de mulheres na profissão. Em julho de 1899, o Dr. Carvalho Mourão já havia recorrido ao direito romano para negar admissão de uma mulher no Instituto dos Advogados: "(...) dentre outras alegações, declarava que as leis, (...) segundo o costume e a tradição, não permitiam à mulher exercer a profissão de advogado — ofício que a lei romana classificava de viril." (FERREIRA, 2010, p. 4, grifo da autora). Ao participar da discussão, Maria Emilia elogiava a perspicácia da Dra. Myrthes de Campos em utilizar referências históricas para se contrapor a discursos que se opunham à atuação feminina nas profissões liberais.

Maria Clara, ao comentar sobre o sucesso da advogada, não deixava de questionar a incoerência do sistema educacional brasileiro em permitir que as mulheres freqüentassem as Academias de Direito e conquistassem um título que não

_

⁴⁶ Correspondente do jornal *Cidade de Campinas*.

poderiam usar: "Deve haver lógica nesta intrigante questão. Realmente ter nas mãos um diploma que só pode servir para enfeitar a sala, emmodulrado n'um vistoso quadro, não vale a pena." (SANTOS, Maria Clara da Cunha. *A Mensageira*, N. 33, Ano II, 15 de Outubro 1899, p. 174).

Em outro texto, Maria Clara relatava a visita de Myrthes de Campos à redação d'A Mensageira. Na ocasião, a advogada declarava seu desagrado em relação a uma crítica de Ecila Worms, pseudônimo de Júlia Lopes de Almeida, publicada n'O Paiz, acerca dos trajes que Campos teria usado no Tribunal do Júri. Worms, comentarista de moda, lamentara que as toilettes vestidas pelas mulheres superiores eram masculinizadas, tomando como exemplo a vestimenta de Myrthes de Campos no "grande dia". Porém, Worms não estava presente no tribunal e sua crítica se baseava em uma fotografia que, embora acompanhasse a notícia da primeira atuação da advogada, fora tirada quando Myrthes ainda era estudante. O equívoco de Ecila Worms foi esclarecido por Maria Clara nas páginas de A Mensageira, embora a advogada não quisesse prolongar a discussão:

(...) achei fútil demais a questão para estical-a pela imprensa. Que diriam os homens adversários da emancipação moral da mulher se a esta questão nós emprestássemos importância e pretendêssemos occupar a attenção dos leitores do *Paiz*? Não, nunca. Preferi a censura da escriptora...e rasguei a carta explicativa. (CAMPOS *apud* CUNHA SANTOS. *A Mensageira*, N.33, ANNO II, 15 de Outubro de 1899, p. 187).

A postura de Campos demonstra coerência em seu posicionamento e consciência das dificuldades enfrentadas pelas mulheres do período, que eram geralmente associadas, sobretudo, a fitas e futilidades pelos "defensores do lar". Nesse sentido, o fato de uma advogada se utilizar das páginas de um periódico de circulação nacional, como o *Paiz*, para discutir questões de moda, serviria de um pretexto a mais para os "defensores do lar" criticarem a pertinência de mulheres atuarem em profissões liberais.

Para enfatizar a importância da atuação de Myrthes de Campos, Maria Emilia iniciava seu artigo saudando o Dr. Viveiros de Campos, juiz que permitira a atuação da advogada, embora ainda não tivesse sido aprovado no Brasil o exercício da advocacia para as mulheres. A escritora citava duas matérias: uma, do jornal francês Le Temps (1861-1942)⁴⁷, referente à aprovação de uma proposta de lei na França, que autorizava as mulheres daquele país a exercerem a advocacia; e outra, do jornal carioca *Paíz* (1884-1934), que tratava da atuação de Myrthes de Campos. Os textos apoiavam a atuação feminina no exercício das profissões liberais. O primeiro afirmava que "conceder ás mulheres a liberdade de ganhar honestamente a sua vida, não é querer arrancal-as ao lar conjugal" (Le Temps, apud MARIA EMILIA. A Mensageira, N.33, ANNO II, 15 de Outubro de 1899, p. 170). Contrária à argumentação dos "defensores do lar", a opção de advogar era vista como uma possibilidade de independência financeira e não como o declínio da família. Para sustentar sua posição, o/a articulista do Le Temps questionava porque a atuação das mulheres como profissionais liberais seria imoral, enquanto não seria o trabalho das mulheres do povo, que iam "trabalhar para fora, dias e dias, enquanto os maridos estão nas officinas" (Le Temps apud MARIA EMILIA. A Mensageira, N.33, op. Cit.).

As profissões ocupadas pelas mulheres das classes populares não eram interrogadas porque eram vistas como uma alternativa para que as mulheres, bem como as famílias de classe subalternas, pudessem sobreviver. Já a atuação das mulheres burguesas em profissões liberais era indagada porque essas mulheres eram vistas como concorrentes diretas dos homens à ocupação de espaços que eles julgavam que fossem deles. A aspiração das mulheres a exercer profissões liberais problematizava a própria concepção de família burguesa na qual o homem figurava como provedor e a mulher como absolutamente dependente e incapaz de prover seu próprio sustento com dignidade.

-

⁴⁷ Nota-se o quanto Maria Emilia era culta e atualizada. Mesmo estando no interior lia *Le Temps*, um dos principais jornais franceses na época.

Já *o Paiz* – Com "linhas reçumadas de amarga ironia e verdade" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 33, ANNO II, 15 de outubro 1899, p. 171) – declarava que os homens não aceitavam que as mulheres exercessem profissões liberais devido a um "egoísmo do sexo forte". A partir da exigência de que as mulheres se mantivessem honestas mesmo nos dias de maiores aflições, o editorial do *Paiz* argumentava:

De súbito, com a morte do marido, a mulher vê-se desamparada na existência, devendo velar pelas creaturinhas orphãs entregues á sua ignorância de todos e de tudo, tendo de garantir a esses doces seres o conforto, a placidez, a segurança de vida que o seu devastado coração sonhára para elles em horas de alegria suave. O que há de fazer ella, a rainha do lar, a creatura de graça, que desconhece o trabalho, a luta pelo pão, que não sabe onde procurar dinheiro, que se sente sem préstimo, a não ser o de povoar de encantos a sua casinha, ao lado de um homem querido, segundo as lições, os conselhos, as phrases de lisonja, executadas até o instante do infortúnio? (*Paiz apud MARIA EMILIA A Mensageira*, N. 33, op. Cit.).

O (A) editor (a) de *O Paiz* aproveitava a oportunidade para criticar o estereótipo de "rainha do lar", que exigia candura, honestidade e boas maneiras em qualquer situação. Porém, toda essa dignidade só poderia ser usada no seu trono, no entorno do seu lar, "quer tenha ou não tenha lar, quer tenha ou não tenha throno" (*Paiz apud* MARIA EMILIA *A Mensageira*, N. 33, op. Cit.). Assim, de acordo com a argumentação do *Paiz*, quando essa mulher resolvesse "se preparar para disputar ao homem as profissões que foram até agora o seu patrimônio precioso" (*Paiz*, *apud* MARIA EMILIA *A Mensageira*, N. 33, op. Cit.) seria tida como pretensiosa e ridícula. O (A) redator (a) finalizava seu texto desejando que outras mulheres seguissem o exemplo de Myrthes de Campos.

Baseando sua argumentação em textos de dois outros periódicos, Maria Emilia dialogava, em sua última participação na revista, com seu primeiro artigo ali publicado. Naquele momento, a escritora chamava a atenção de suas leitoras para o "falso encanto da rainha do lar". Criticava aqueles que sustentavam que o encanto da mulher estava "na sua ignorância, na sua timidez, na sua infantilidade" (MARIA

EMILIA. *A Mensageira*, N. 2, ANNOI, 30 de Outubro 1897, p. 17). Aqui, o *Paiz* criticava a dependência excessiva da mulher em relação ao marido, bem como o lugar ocupado pela mulher na sociedade. Dessa forma, o lugar de "rainha do lar" passava a ser questionado quando a ausência do marido, por motivo de morte ou separação, obrigasse a mulher burguesa a trabalhar para sobreviver.

Ambos os jornais, *Le Temps* e *Paiz*, fornecem uma discussão bastante pertinente acerca dos espaços ocupados por homens e mulheres. Em seu "Falso encanto", Maria Emilia já havia feito o mesmo tipo de questionamento. Naquele momento, o foco da discussão era a modificação da educação da mulher. No início de suas publicações na revista, Maria Emilia falava dos pais que exigiam apenas a honestidade das moças, pois isso seria o suficiente para garantir-lhes um bom casamento. Aqui o extrato do *Paiz*, selecionado pela própria Maria Emilia, questiona até que ponto tal honestidade teria utilidade prática para prover a sobrevivência das mulheres e de suas famílias em caso de infortúnios.

Apesar de a crítica ser a mesma, o debate agora é mais amplo, pois mesmo que a mulher já fosse instruída – portadora de um diploma de curso superior –, ainda precisava da tutela de um homem para atuar profissionalmente. Aquela que era até pouco tempo um sonho, a "mulher do futuro", começava a ser uma mulher do presente, que lutava para trabalhar, pois já conquistara, em parte, a emancipação intelectual e moral. Contudo, ainda precisa lutar por uma emancipação financeira.

2.10. Do mundo para o interior de Minas Gerais: Uma biografia impossível

No levantamento biográfico sobre escritoras que publicaram em *A Mensageira*, DeLuca (1999) afirma que

[a] ausência absoluta de dados sobre a cronista mineira Maria Emilia Lemos (?-?) obriga-nos a trabalhar apenas com o material incluído na própria *A Mensageira*. Além de sua procedência ("Minas Gerais", genericamente: de que cidade?), pode-se especular sobre sua idade: aparentando ser pessoa amadurecida, seria mais velha do que a média das colaboradoras da revista, o que situaria seu nascimento por volta de 1850 (ou antes). O tom "didático" de muitas de suas observações bem-humoradas, aliado à falta de registro de sua atividade literária por autores especializados na produção mineira (como Martins Oliveira) remeteria a provável ocupação de professora do ensino elementar. (DeLUCA, 1999, anexo V, p.518).

Esse "tom didático" de Maria Emilia perpassa todos os seus artigos, que se iniciam com um argumento, exemplificam por meio de modelos a serem seguidos e, ao final, "amarram" a argumentação para não deixar pontas soltas, ou margem para dúvidas. O uso constante de provérbios, citações, argumentos de autoridades, modelos brasileiros e estrangeiros, fatos históricos expressam sua estratégia pedagógica. Assim, o tom didático aliado a uma escrita direta e sem ziguezagues expressa um método bastante eficaz, pois não deixa espaço para outras interpretações.

Em consonância com a proposta de DeLuca (1990), acrescentaríamos, ainda, que Maria Emilia seria casada e mãe de família, tomando como base um artigo publicado em março de 1898. Na ocasião, Maria Emilia valorizava a família e lamentava a possível perda de qualquer um dos seus membros: "A idéia do anniqueilamento completo (...) é o mais negro dos pensamentos para os que attingiram na terra a realização dos seus sonhos e dos seus anhelos! (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 11, ANNO I, 15 de março 1898, p. 170). Aqui, o marido e os filhos são colocados como resultado dos anseios e sonhos de outrora. Nesse sentido, o sofrimento precoce pela possível perda do marido, do filho ou a própria morte proporciona um caráter bastante pessoal à escrita:

Pensar em emigrarmos para o paiz do desconhecido, deixando com vida e mocidade o ente que amamos e os filhos que extremecemos, é ter um dos maiores supplicios e sofrer uma das mais esmagadoras agonias (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 11, op. Cit.).

Nesse artigo, diferentemente dos outros, Maria Emilia compartilha com as leitoras suas aflições. Após expor sua agonia, advinda das cinzas colocadas nas testas das donzelas e das crianças, na quarta-feira de cinzas, a escritora lamenta ter levado a suas leitoras tamanho desconforto:

Mas, a que propósito e com que direito venho communicar á leitora estes melancólicos pensares! Não sei por ventura de cór aquella phrase de Clotilde – é indigno dos grandes corações espalhar a pertubação que soffrem - ? (MARIA EMILIA. A Mensageira, N. 11, op. Cit.).

Nesse momento, Maria Emilia propõe às leitoras que falem de coisas alegres e boas. A aflição e o tom pessoal presentes nesse texto não apareceram em nenhum outro artigo de Maria Emilia. Essa foi a única ocasião em que a cronista deixou transparecer algo sobre sua vida pessoal – à exceção de alguns comentários acerca de seu lugar de enunciação, o interior de Minas Gerais.

Maria Emilia mostra-se, por meio de seus artigos, uma pessoa culta e interessada pelas notícias sobre mulheres em jornais do Brasil e do exterior. Além da pedagogia e didática habituais, utiliza-se de diversas referências: *O Paiz* (brasileiro), e *Le Temps* (francês); recorre a vários escritores, como Hugo, Legouvé, André Rebouças, José Bonifácio. Tudo isso para fortalecer sua argumentação. Quando passa a publicar poemas ao final de suas crônicas, Maria Emilia afirma que tais poemas advêm de jornais antigos – que constituiriam seu "álbum de roceira". Outro aspecto que exemplifica o modo como Maria Emilia buscava se inteirar das principais questões de seu tempo é que, ao argumentar em prol da atuação feminina nas profissões liberais, ela criticava os "defensores do lar" que publicavam nos diários das grandes cidades brasileiras.

Assim, mesmo morando no interior de Minas Gerais, Maria Emilia teve acesso a revistas, livros e jornais brasileiros e estrangeiros. Morar no interior das Gerais também não impossibilitou sua participação em um dos principais veículos de propagação dos ideais feministas no Brasil do final do século XIX, a revista *A Mensageira*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A mulher intellectual!...do que vale? qual a sua missão? que papel representa e representará na literatura do nosso paiz? que utilidade tem?" (SABINO, Ignez. *A Mensageira*, N. 4, ANNO I, 30 de novembro 1897, p.59). Os questionamentos de Ignez Sabino ainda hoje fazem sentido, e nos ajudam a buscar as principais reivindicações das mulheres no final do século XIX e também pensar criticamente o lugar ocupado, atualmente, pela literatura escrita por mulheres do Oitocentos.

No final do século XIX, Ignez Sabino já percebia que a literatura escrita por mulheres passava por um processo histórico de silenciamento. *Mulheres Illustres do Brazil*, de sua autoria, buscou colocar em cena as mulheres guerreiras e também as mulheres de letras. Percebendo tal "barbárie do esquecimento" (SABINO, 1899, p. IX), "mulheres intelectuais" como Sabino e Josephina Alvares de Azevedo destacavam a produção literária feminina. Contudo, esse empenho em classificar e catalogar parece não ter tido a repercussão esperada, pois o silenciamento persistiria. Inúmeros livros e artigos de jornais ficaram intactos durante anos em bibliotecas do país. Nesse sentido, a crítica feminista no século XX, tomando como pressuposto a quase ausência de mulheres do século XIX na historiografia literária, desenvolveu um trabalho de "resgate" de textos e de biografias dessas mulheres de letras.

Muzart (2009), na introdução ao terceiro livro da série *Escritoras Brasileiras do século XIX*, considera que o projeto desenvolvido com a série ajudou a tirar do silêncio 161 escritoras. Além disso, afirma que "ainda há muitos nomes de escritoras não resgatadas e isso se deve principalmente às sempre imensas dificuldades de encontrar as obras dessas mulheres" (MUZART, 2009, p. 26). Mesmo com essas lacunas, a organizadora da coleção e coordenadora do projeto considera que o trabalho desenvolvido foi bem sucedido, visto que, atualmente, existem vários trabalhos e diversos grupos de pesquisa em universidades do país que se debruçam sobre a literatura escrita por mulheres do século XIX.

Nossa dissertação pretendeu resgatar a produção periodística de Elisa Lemos e Maria Emilia Lemos por meio de levantamento e análise dos textos dessas duas escritoras oitocentistas que não foram catalogadas na série *Escritoras Brasileiras do Século XIX* nem em outros dicionários de escritoras brasileiras. Perseguir os rastros dessas mulheres foi, muitas vezes, desanimador. Recorrentemente, houve uma frustrante e "eterna" espera por informações perdidas nas bibliotecas e nos acervos particulares que impossibilitavam o desenvolvimento da pesquisa, fazendo com que tal estudo se prolongasse por um período maior que o previsto.

Diversas vezes, não pudemos contar nem mesmo com a contribuição dos familiares dessas mulheres. Em conversa com um dos netos de Elisa Lemos, por exemplo, soubemos que a própria família desconhecia a atividade literária da cronista. Tal esquecimento é um sintoma da desvalorização da produção literária de mulheres, sobretudo se considerarmos que essa família é tradicionalmente associada à vida intelectual e à produção periodística — tanto o marido de Elisa Lemos (Sebastião Sette) quanto o seu enteado (Altivo Rodrigues Sette Câmara) e o filho (Altivo Lemos Sette Câmara) foram jornalistas "reconhecidos" pela atividade que exerceram. Sebastião Sette e Altivo Lemos Sette Câmara tiveram sua produção contemplada, respectivamente, em uma tese de doutorado (RESENDE, 2005) e uma dissertação de mestrado (MOREIRA, 2006).

Por que a atividade de Elisa Lemos não teve a mesma repercussão que o trabalho desses homens? A falta de prestígio pela atividade literária feminina dentro da própria família seria um dos caminhos para questionarmos esse estado de marginalidade. Poderíamos considerar que a opção de Elisa pela família em detrimento da carreira literária teria causado o desconhecimento de sua atuação como cronista e feminista, mesmo por seus descendentes mais próximos. Porém, o destaque ao trabalho jornalístico dos "homens da casa" se perpetuaria tanto no ambiente familiar quanto na história local, mesmo depois de finalizadas suas carreiras.

A luta pelo ideal republicano empreendida por Sebastião Sette, no século XIX, e pelas contradições e paradoxos da modernidade e da modernização de São João del-Rei, nas produções de Altivo Sette, no século XX, talvez fossem questões consideradas mais relevantes do que a luta pela emancipação e educação das mulheres empreendida pela feminista Elisa Lemos. Assim, na própria escrita de histórias e biografias de escritores o binarismo entre público e privado perdura mesmo em pleno século XXI.

Nesse sentido, o trabalho de "resgate" das mulheres de letras do Oitocentos nos possibilita elaborar e também rever a constituição do cânone literário nacional e local que, devido ao seu caráter totalizador e excludente, optou por uma história da literatura repleta de silêncios em que se enfatizavam, sobretudo, questões da esfera pública. "Uma das conseqüências direta dessa homogeneidade (...) foi o não reconhecimento da autoridade textual da voz feminina no século XIX, resultando daí a invisibilidade da autoria feminina na historiografia literária" (SCHMIDT, 2002). Ainda de acordo com Schmidt, a crítica feminista do século XX não visa à substituição do cânone literário, mas sua ampliação pela inclusão de outros nomes. Com a inclusão de nomes de escritores e escritoras, haveria um conseqüente acréscimo de temas relevantes para serem discutidos e analisados em relação às produções literárias. Assim, as mulheres seriam incluídas na história da literatura não como apêndices, capítulos de livros ou histórias paralelas, mas como agentes históricos, cujas atuações e temáticas possibilitem a elaboração de releituras críticas do passado.

Ao refletirmos a "missão" e "utilidade" das mulheres de letras do final do século XIX, conforme proposto por Sabino (1897), os constantes apelos em prol da educação de outras não podem ser desconsiderados. Nesse sentido, a imprensa da época ocupou papel fundamental, pois foi nas páginas de jornais que as mulheres letradas publicaram seus primeiros artigos, reivindicando melhores condições para seus pares. Embora algumas dessas mulheres tenham publicado tanto em jornais editados por homens quanto em outros editados por mulheres, os jornais feministas

foram aqueles que acolheram de forma mais engajada as reivindicações das mulheres letradas.

Elisa Lemos reivindicou melhores condições para a mulher em relação ao trabalho, à família e à emancipação tanto no jornal *A Patria Mineira* quanto no jornal feminista *A Família*. Independentemente de sua fala no jornal republicano ocupar uma das páginas pares do periódico – consideradas as menos importantes de um jornal –, Lemos aproveitou o modesto espaço que lhe foi cedido, num periódico de clara orientação política, conduzida pela voz hegemônica do homem público, para expressar seus anseios em prol da emancipação e educação feminina. Já no jornal feminista, embora o foco fosse o mesmo, seus textos transitavam por diversas páginas do periódico carioca, possibilitando um diálogo com a editora do jornal.

Já no final do século XIX, a revista paulistana *A Mensageira* também abraçaria questões feministas. A *Revista literaria dedicada à mulher brazileira*, que a princípio lutava por uma educação para a mulher voltada para a família, em seus últimos números defenderia uma educação direcionada para o trabalho como opção de sobrevivência, principalmente na ausência do marido. Similarmente a outras feministas do *fin de siècle*, Maria Emilia se tornou uma colaboradora assídua da revista, aspirando em seus artigos a um processo de mudança social e cultural: a "abolição da escravidão da mulher". Nos primeiros textos publicados n'*A Mensageira*, a escritora destacava, sobretudo, a necessidade de uma instrução mais prática para a mulher, e enfatizava os conseqüentes benefícios dessa instrução para a família e para a nação. Além disso, criticava a opressão sofrida pelas mulheres, chegando a associar emancipação feminina e abolição da escravatura.

Tomando a educação feminina um benefício para a Nação, Elisa Lemos e Maria Emilia adotavam posturas um tanto diferentes. Enquanto Elisa pregava que a educação feminina auxiliaria diretamente no progresso do país (pois uma educação esclarecida suscitaria uma mocidade "forte e pensante"), Maria Emilia, na contramão

dos discursos nacionalistas, conclamava às mulheres para uma "luta simbólica" contra a guerra.

Em relação à educação, discussão que permeou todos os textos das cronistas, Elisa Lemos, nas suas primeiras publicações, convocava suas leitoras a se responsabilizarem para com as novas gerações. Na ocasião, os ideais de uma mãe cuidadosa, que se responsabilizasse pela educação da prole, eram constantemente valorizados. No entanto, era consenso que tais responsabilidades só poderiam ser assumidas por aquelas mulheres que possuíssem instrução. Nesse sentido, nos textos de Elisa Lemos a educação ideal para a mulher passou a ser aquela que tivesse como finalidade a educação moral e o bem-estar da família.

Maria Emilia também direcionava sua argumentação para esse mesmo horizonte. Em seu primeiro artigo na revista *A Mensageira*, a cronista defendia a necessidade de modificar a educação da mulher, e agradecia às mães que lutavam pela melhoria da educação das filhas. Esse ideal de educação se contrapunha àquele segundo o qual as moças deveriam receber apenas uma educação básica, com a finalidade principal de proporcionar uma boa impressão.

Nesse sentido, a cartilha pedagógica das cronistas privilegiaria uma educação de cunho moralizante. Elisa Lemos recomendava a vigilância da leitura das moças donzellas. Além de criticar a leitura de romances doentios, a cronista indicava alguns escritores portugueses e franceses, sugerindo a mesma cartilha que instruíra sua geração. Na mesma postura pedagógica de Elisa Lemos, a escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho afirmava:

O ideal que educou a mulher na adolescência era o de Legouvé o de Michelet, o de Aimé Martin.

Era o que junctava no lar purificado e simples a mulher e o homem perto da criança!

Era o que fazia de dous seres *differentes*, mas iguaes, incompletos, mas capazes de equilibrar mutuamente, o *ser uno* a família sahisse como do germem sahe a flor.

(CARVALHO, Maria Amália de. *A Mensageira*, N. 31, ANNO II, 31 de agosto 1899, p.134).

Tais ideais morais – que embasaram os modelos de educação de diversas gerações e que eram repetidos por escritoras do final do século XIX, como Elisa Lemos – visavam a união do casal, a valorização da família e a manutenção da certa ordem vigente. Ideais que, de certa forma, conduziam a mulher a aceitar seu papel na sociedade: boa esposa e mãe exemplar.

Mediante as análises realizadas, percebemos que a família era valorizada e precisava ser preservada, e que a maternidade era considerada uma condição fundamental de existência da mulher. Nesse sentido, todos os elogios destinados às mães eram devidos à astúcia em lutar em favor de melhores condições de vida para seus filhos. Assim, a educação feminina só fazia sentido quando direcionada para o bem da família, já que tais discursos estavam diretamente relacionados aos ideais de civilidade daquele momento.

Da mesma forma que Vaz de Carvalho, Maria Emilia também recorria ao filósofo francês Legouvé para expressar os anseios feministas de sua época, defendendo a "igualdade na diferença". Tal axioma, que foi repetido em outros artigos da revista *A Mensageira*, expressava a perspectiva de que as feministas aspiravam aos mesmos direitos políticos que os homens, preservando papéis de gênero diferenciados. Isto é, almejavam conquistar direitos iguais, mesmo que houvesse diferenças de gênero. Um desses direitos seria à educação.

Alguns filósofos franceses, recorrentemente lembrados por Elisa Lemos e Maria Emilia, valorizavam a educação feminina voltada para os cuidados com a família e defendiam a maternidade como razão de existência da mulher. Sem desmerecer a atuação de feministas do século XIX, Duarte (2002) considera discursos semelhantes a esses como mais uma forma de enclausuramento da mulher. Nesses discursos, haveria um apelo para um retorno, ou permanência, da mulher no espaço doméstico, já que os filhos, os maridos e a casa necessitavam de seu olhar atento. De outro modo, a adesão de feministas a esses discursos conservadores poderia ser compreendida como uma necessidade estratégica, em

que as feministas se utilizariam do discurso hegemônico vigente como um recurso para que pudessem se expressar na esfera pública. Caso seus textos expressassem ideias revolucionárias, em relação à ideologia hegemônica vigente, talvez não lhes fosse franqueado o acesso aos periódicos de então, como *O Paiz* e *A Patria Mineira*.

A produção periodística de Elisa Lemos e Maria Emilia é perpassada por um discurso feminista que enfatiza um ideal de mulher do futuro. A "mulher emancipada" de Elisa Lemos seria uma mulher independente e liberta que "trabalhará, ajudará o marido a sustentar o peso doméstico e terá posição definida na sociedade (...) companheira resoluta e forte, tanto para os dias bonançosos como para os da adversidade (...) figura distincta e immaculavel" (ELISA LEMOS. *A Familia*, N. 157, 04 de março de 1893, p.3, col. 3). Essa mulher descrita por Elisa Lemos, a princípio, parece ser um exemplo de mulher independente, que ganha seu próprio dinheiro; no entanto, uma de suas características é o trabalho para o bem da família. Essa mulher não é um sujeito que trabalha em prol do sustento próprio, mas sim para colaborar com o progresso dos membros da casa. Dessa forma, a independência e liberdade consideradas pela autora, na verdade, relacionam-se mais com o desenvolvimento intelectual do que com a autonomia do indivíduo.

Já a "mulher do futuro" descrita por Maria Emilia, além de ser uma mulher consciente de suas responsabilidades sociais,

[seria] mulher instruída, forte, capaz de velar á cabeceira de um filho enfermo, auxiliando as prescrustações [sic] da sciencia; ou de repellir com energia as chalaças de qualquer imbecil, (...) será a verdadeira companheira do homem, que sabe participar de todos seus pensamentos e ajudal-o em todas as resoluções difficeis. (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 2, ANNO I, 30 de outubro 1897, p. 17)

Apesar de em artigos subseqüentes o perfil de mulher do futuro de Maria Emília se alterar – quando será possível entrever uma possibilidade de autonomia individual a partir do trabalho feminino –, a escritora defendia, na maioria de seus artigos, um sujeito preponderantemente preocupado com o bem da família. Tanto que

não deveria dar ouvidos às provocações, pois seu compromisso seria com a família, marido e filhos. Entretanto, essa "mulher do futuro", diferentemente do ideal de "mulher emancipada" de Elisa, além das preocupações cotidianas, inquietar-se-ia com questões científicas e sociais: "a posição negligente de tutelada deixará de existir quando a mulher comprehender que sobre seus hombros pesam também as responsabilidades sociais" (MARIA EMILIA. *A Mensageira*, N. 2, op. Cit.).

Aspirando por mudanças na educação feminina, uma das bandeiras da revista A Mensageira foi o acesso das mulheres às profissões liberais. As colaboradoras da revista traziam para as páginas da Revista Literaria a luta de Myrthes de Campos em poder advogar e a comemoração pela conquista. Embora essa conquista fosse provisória, a atuação da bacharela foi celebrada em diversos artigos da revista. A atuação de Myrthes de Campos tornou-se a mais importante discussão dos últimos números d'A Mensageira, já que tal acontecimento significaria uma concretização simbólica da emancipação feminina, pela qual se lutava desde o primeiro número da revista — utilizamos o termo "simbólico" porque, por mais que tal acontecimento fosse um exemplo prático que representasse a consolidação da emancipação feminina, a bacharela ainda necessitou da tutela de um homem para atuar.

Dentre os artigos que felicitaram a atuação de Myrthes de Campos, é pertinente relembrarmos a crítica da articulista Ecila Worms, em *O Paiz*, acerca da vestimenta de Campos, comentada por Maria Clara da Cunha Santos. Isso porque a crítica direcionada a Myrthes de Campos correspondia a um pré julgamento também direcionado às feministas da época. Worms "lamentou que as mulheres superiores queiram se masculinizar pelas *toilettes* e se esqueçam de seus encantos particulares" (SANTOS, M.C. da Cunha. *A Mensageira*, N. 34, ANNO II, 15 de novembro 1899, p. 186). O comentário da articulista, além de estar equivocado quanto à vestimenta da advogada, demonstrava preconceitos que existiam em torno das mulheres de letras e daquelas que ocupavam profissões liberais.

De acordo com Marson (2010), as profundas transformações que aconteceram no final do século XIX e início do XX, juntamente com as primeiras reivindicações feministas, provocaram a "desestabilização das fronteiras simbólica entre os sexos" (2010). Quando as mulheres adentraram no espaço público, em um território tido como masculino, foram associadas a elas características também masculinas. As "mulheres intelectuais", nos termos de Pelayo Serrano (Cf. *A Mensageira*,1898), por sua vez, ao buscarem uma nova identidade e uma imagem correspondente que escapasse aos estereótipos de inferioridade frente ao homem, tinham sua imagem associada a uma "visão, até hoje bastante difundida, da feminista como 'mulher feia e mal amada'" (MARSON, 2010). Dessa forma, era comum a caracterização das profissionais liberais e das mulheres de letras como "feias e masculinizadas".

Essas alterações nas identidades e nas imagens das mulheres intelectuais, nas últimas décadas do século XIX, estavam relacionadas ao fortalecimento do feminismo no Brasil, que foi marcado pelo crescimento da imprensa feminista e pela luta em prol da educação. Mesmo que se lutasse pela "educação das meninas" para que se tornassem "companheiras úteis e encantadoras" (HAHNER, 1981, 93), ao proporem a educação das mulheres, as feministas contestavam a própria ordem patriarcal burguesa, pois a educação possibilitaria uma maior conscientização quanto à condição marginalizada da mulher e da necessidade de lutar por mais direitos sociais.

Ao refletirem acerca do feminismo, Elisa Lemos e Maria Emilia o consideravam como sinônimo de luta por melhores condições para as mulheres. Uma luta baseada nos constantes pedidos por uma melhor instrução e por uma eterna vigilância em relação aos comportamentos — vigilância que abarcaria desde as leituras adequadas até as vestimentas apropriadas. Em um dos seus primeiros artigos n'A Familia, a escritora de "Palestrando de S. João d'El Rey" afirmava que lutaria em prol da emancipação feminina, independentemente das críticas que eram dirigidas às feministas. Já Maria Emilia considerava a luta por melhores condições

para as mulheres como uma questão de responsabilidade social, pois as feministas estariam lutando tanto pelo futuro de suas próprias filhas quanto pela "sorte" das mulheres em geral.

Nesse processo, Elisa Lemos, através de suas cartilhas pedagógicas, direcionava as mães para uma educação adequada para as filhas – sua preocupação maior era com as futuras gerações. Já Maria Emilia recorria a modelos de "mulheres exemplos" do Brasil ou do exterior para conscientizar as mulheres acerca de papéis que poderiam ocupar na sociedade. Assim, percebemos que por mais que essas feministas sustentassem um discurso que se queria emancipador e libertador, elas ainda estavam presas ao discurso hegemônico vigente, que mantinha para a mulher, como aspecto central, as responsabilidades para com o lar.

"Que papel [a mulher de letras] representa e representará na literatura do nosso país?" (SABINO, Ignez. *A Mensageira*, N. 4, ANNO I, 30 de novembro 1897, p.59). Ao tentarmos responder ao questionamento de Sabino, tomando como exemplo Elisa Lemos e Maria Emilia, notamos que o lugar reservado para essas mulheres foi o da margem ou do silêncio. Silêncio que perpassa a biografia e a bibliografia de várias mulheres que produziram no Oitocentos. Diante de tantas lacunas, a biografia e os levantamentos bibliográficos relativo às referidas escritoras se mostram incompletos e inacabados.

Ao seguirmos os rastros de Maria Emilia pudemos apenas nos contentar com o auxílio dos onze artigos publicados n'*A Mensageira*, mesmo acreditando que a escritora tenha colaborado em outros periódicos. Parecem poucos, mas a frustração pelos dados biográficos que não apareceram foi compensada pelo teor de suas discussões acerca da condição feminina no *fin de siècle*. Já a cronista Elisa Lemos parece ter amadurecido juntamente com nossas pesquisas. Quando tivemos acesso aos primeiros de seus textos, em que ela se mostrava impulsiva e corajosa mesmo transitando entre os homens, resolvemos propor o trabalho. Porém, um ano depois, ao recebermos o microfilme do jornal *A Familia*, tivemos uma "decepção", pois nosso

corpus se reduziu ao constatarmos que grande parte da produção periodística de Elisa se constituía de prosas poéticas, cujas temáticas não eram tão engajadas na luta pela emancipação feminina. Contudo, através do cruzamento de dados com a biografia de Sebastião Sette, conseguimos identificar parte da biografia de Elisa Lemos naquelas narrativas simbólicas.

Após esse longo percurso em busca de fontes, em jornais e revistas oitocentistas, fica a sensação de que ainda há muito para ser desvelado. Dizem que existe um "diário dentro de um baú" na cidade maravilhosa. Assim, a vontade por este arquivo reacende um desejo pela continuidade.

BIBLIOGRAFIA GERAL

Fontes:

A FAMILIA: Jornal Literário dedicado a educação da Mãe de família (1888-1898).

ALMANACH DO PAIZ. As nossas escriptoras. IN: *O Paiz.* Rio de Janeiro, v. 1, p. 373-382, 1910.

A MENSAGEIRA: Revista literaria dedicada á mulher brazileira (1897-1900). São Paulo: Imprensa Oficial do estado/Secretaria de Estado da cultura, 1987. Edição facsimilar.

A PATRIA MINEIRA: Organ da Idéa Republicana (1889-1894).

SABINO, Ignez. *Mulheres Ilustres do Brasil* (1899). Florianópolis: Editora Mulheres, 1996. Edição fac-similar.

SEXO FEMININO: Semanario Dedicado aos Interesses da Mulher (1873-1889).

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. Os corpos perfeitos e saudáveis que a pátria necessita: o concurso de robustez infantil e a imagem materna (São Paulo, 1928). Disponível em: http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt02/t024.pdf. Acesso em: 18/05/2010.

ANDERSON, Benedict. Nação e Consciência Nacional. São Paulo: Ática, 1989.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado*: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. Imprensa Feminina. São Paulo: Ática, 1990.

BRASIL, Ministério do Trabalho. *Formação profissional da mulher trabalhadora no Brasil*. Rio de Janeiro: SENAI/DN, 1976.

CANDIDO, Antonio. *A Crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: UNICAMP, 1992, p.551.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das Almas*: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*: (1711-2001). São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. In: *A Literatura No Brasil*. São Paulo: Global, 2004, vol. 6, p. 117-143.

CURY, Maria Zilda Ferreira. O *Diário de Minas* e a renovação cultural em Belo Horizonte. In: *Horizontes modernistas*: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal. Belo Horizonte: Autentica, 1998, p. 21-64.

DeLUCA, Leonora de. *A Mensageira*: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciencias Sociais da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: IFCH, 1999.

DeLUCA, Leonora de. *O feminismo possível de Julia Lopes de Almeida (1862-1934).* Disponível em: < http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad12/n12a18.pdf. > Acesso em: 27/04/2010.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997, p.223-240.

DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres: As Vozes do Silêncio. In: CESAR, Marcos (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p.217-135.

DUARTE, Constância Lima. Apontamentos para uma história da educação feminina no Brasil – século XIX. In: DUARTE, Constância Lima *et alli* (Org.). *Gênero e representação*: teoria, história e crítica. Belo Horizonte, 2002, p.273-282..

DUARTE, Constância Lima. Arquivos de mulheres e mulheres anarquivadas: história de uma história mal contada. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília: UNB, nº 30, p. 63-70, julho-dezembro de 2007.

DUARTE, Constância Lima. Para a História da Educação Feminina Brasileira, séc. XIX. *Revista Com Textos*, Mariana: n. 9, p. 21-25, 1999.

DUARTE, Constância Lima de. PAIVA, Kelen Benfenati. *A Mulher de letras*: nos rastros de uma história. Disponível em: http://www.ufjf.br/revistaipotesi/edicoes-anteriores/files/2009/10/a-mulher-de-letras.pdf. Acesso em 03/06/2010.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 271.

FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. O IOAB e as mulheres advogadas: preconceitos e debates. Disponível em: < http://sitemason.vanderbilt.edu/files/hWFBba/Bessone.doc. > Acesso em: 26/04/2010.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: DEL PRIORE (org.). *História das mulheres no Brasil.* 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 141-186.

FRANCO, Jean. Sentido e sensualidade: notas sobre a formação nacional. In: *Tendências e Impasses*: o feminismo como crítica da cultura. Heloísa Buarque de Hollanda (Org.). Rio de Janeiro : Rocco, 1994, p. 99-125.

GOTLIB, Nadia Batella. *A literatura feita por mulheres no Brasil*. Disponível em: http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_Nadia_gotlib.htm. Acesso em: 07/05/2009.

GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

HAHNER, June Edith. *A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas:* 1850-1937. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HELLER, Bárbara. Vossas filhas sabem ler? In: DUARTE, Constância Lima *et alli* (Org.). *Gênero e representação*: teoria, história e crítica. Belo Horizonte, 2002, v. 1, p. 247-264.

HENRIQUES, José Claudio. Sebastião Rodrigues Sette Câmara. In: Bairro de Matosinhos: berço da cidade de São João del-Rei. São João Del-Rei: UFSJ, 2002, p. 70.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. O que querem os dicionários. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de.; ARAUJO, Lucia Nascimento. *Ensaístas Brasileiras* - Mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 A 1991. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 13-34.

HOUBRE, Gabrielle. Como a literatura chega às jovens. França, primeira metade do século XIX. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro: n.9, p.11-27, jul.2000.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Lições de casa*: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil. Belo Horizonte: Argymentyum, 2007.

MAGIOLI, Tatiana Souza. *Topoi argumentativos nos provérbios e ditos populares*. Disponível em: http://www.filologia.org.br/revista/36/11.htm. Acesso em 16/05/2010.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. Elas também Desejam Participar da Vida Pública: várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. In: PISCITELLI, Adriana *et alli* (Org.). *Olhares Feministas*. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2009, p. 437-463.

MARSON, Melina Izar. *Da feminista macha aos homens sensíveis*: o feminismo no Brasil e as (des)construções das identidades sexuais. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-3/Artigo-3-p69.pdf Acesso em: 29/08/2010.

MATOS, Sônia Missagia. Repensando Gênero. In: AUDA, Sylvia. *Mulher* - Cinco Séculos de desenvolvimento na América. Belo Horizonte: CREZ, 1999, p.19-57.

MOISES, Massaud. Romantismo. In: *A Literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 111-156.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. *Leituras de mulheres no século XIX*. Belo Horizonte: Autentica, 2002, p. 106.

MOREIRA, Maria Eunice. Na rede do tempo. História da Literatura e fontes primárias – A contribuição de Joaquim Norberto. In: ZILBERMAN, Regina *et alli. As pedras e o arco*: fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 119-198.

MOREIRA, Lilian Cristiane. *Altivo Sette*: cultura e tradição de um poeta moderno. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei, MG: UFSJ, 2006.

MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, Vol. I.

MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, Vol. II.

MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras Brasileiras do século XIX:* Antologia. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009, Vol. III.

NEVES, Maria Alciene. Os brilhantes brutos de Maria Clara da Cunha Santos. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei, MG: UFSJ, 2009.

OLIVEIRA, Ricardo Santa Rita. *A mãe ilustrada*: subjetivação e técnicas de si nos jornais femininos do século XIX. Disponível em: http://www.simonsen.br/novo/revistadigital/ maeilustrada.pdf. Acesso em: 29/10/2006.

PEDRO, Mulheres do Sul. In: CESAR, Marcos (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p.278-321.

PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. São Paulo: EDUSC, 2005.

PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno do gênero e do feminismo. In: COSTA, Claudia de Lima; SCHIMIDT, Simone Pereira (Orgs). *Poéticas e Políticas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005, p. 43-66.

RAGO, Margareth. Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/ cad-3/ Artigo-1-p11.pdf. Acesso em 26/04/2010.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A Cidade e a Moda*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

RESENDE, Maria Ângela de Araújo. *A Republica em Folhetim: A Patria Mineira* Formando Almas. Tese de doutorado apresentado à Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

RESENDE, Vander Vieira de, RESENDE, Adelaine Laguardia. *A Mensageira*: Uma Revista Literária Feminina no *Fin de Siècle*. IN: Congresso de Iniciação Científica da Universidade federal de São João del-Rei. São João del-Rei: UFSJ, 2006.CD-ROM.

RESENDE, Adelaine LaGuardia. A Mulher e o sonho da nação: políticas de gênero em o Mentor das brasileiras. IN: TOLENTINO, Magda Velloso Fernandes de (Org.). *Nação e Identidade*: Ensaios em Literatura e Crítica Cultural. São João del-Rei: UFSJ, 2007, p. 37-90.

SANTOS, Elaine Cuencas. *Mulheres e literatura na revista*: *A Mensageira*. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH da Universidade de São Paulo. São Paulo: FFLCH, 2000.

SANTOS, Mirian Cristina dos. RESENDE, Maria Ângela de Araújo. *As Mulheres escrevem a Pátria*: gênero e Nação em *A Patria Mineira*. UFSJ, 2008. CD-ROM.

SCHMIDT, Terezinha Rita. Escrevendo Gênero, Reescrevendo a Nação: da teoria, da resistência, da brasilidade. In: DUARTE, Constancia Lima *et alli. Gênero e representação*: teoria, história e crítica. Belo Horizonte: pós-graduação em Letras: estudos Literários, UFMG, 2002, p. 32-44.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. *A escrita da História*: novas perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1992, p. 63-95.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *O florete e a máscara*: Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX. Florianópolis: Mulheres, 2001.

SOUZA, Eneida Maria de. Males do Arquivo. In: MARQUES, Reinaldo; BITTENCOURT NEVES, Gilda (Org.). *Limiares críticos*: ensaios sobre literatura comparada. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 81-88.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: CESAR, Marcos (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p.401- 442.

TOLENTINO, Eliana da Conceição. Fontes Primárias: Bastidores da Memória Cultural. *Anais do V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes.* UFOP: Ouro Preto, 2001. Disponível em: http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/LCA/clca07.htm#03. Acesso em 07/04/2008.

VASCONCELLOS, Eliane. Prisciliana Duarte de Almeida. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 407-428.

ZILBERMAN, Regina. Literatura Portuguesa no Brasil – Uma Estrangeira entre nós? *Revista Vidya,* Santa Maria: s.n, v.21, n.37, p.25-41, jan./jun.2002.

ANEXOS

FOTO: ELISA LEMOS



FOTO: A FAMILIA



FOTO: A MENSAGEIRA

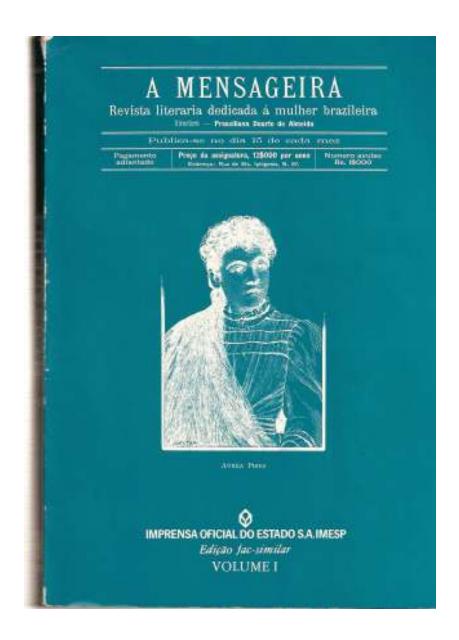


FOTO: A PATRIA MINEIRA



TEXTOS DE ELISA LEMOS PUBLICADOS N'A FAMILIA

Alguns textos foram publicados nos dois periódicos. Optamos por fazer referência àquele em que o texto foi publicado primeiro.

A FAMILIA, N.154, 20 de janeiro de 1893, p.2/3, col.3, Palestrando de S. João d'El Rey.

Palestrando, de S. João d'El-Rey

Nós, as mulheres, além das muitas perseguições, temos a do luxo. E' facto, que as nossas patricias tendem para ostentação, embora os seus haveres sejam molestados. Mas o que também não podemos negar, é que esta inclinação dispensavel, rejeitados como genero de primeira necessidade, é apenas uma das variantes do nosso acanhado systema de educação. Para exemplo temos os paizes intellectual e moralmente mais adiantados: - Nos Estados-Unidos do Norte, onde *a soberania individual é garantida pelo meio*, as mulheres tratam antes a illustrar-se do que de procurar adornos *églatants* — ahi ellas são senhoras, têm capacidade necessaria para guiar o seu destino: redigem jornaes, são banqueiras, dirigem casas commerciais e são respeitadas como merecem.

Na Europa Occidental, temos a Inglaterra tambem apologista da liberdade da mulher, mas onde os direitos que nos pertencem não são tão completos como nos Estados-Unidos do Norte; comtudo tendem a ampliar-se e ella instruir-se, abandonando o *coquettismo*.

Na França, em Pariz, sendo ainda occidente e, como dizem, o centro da civilização européia, dismente a nossa opinião, porque é tambem o *reinado da vaidade, da coquetterie* e da ostentação: ahi as mulheres são flôres de panno, enfeites de sala que só cuidam de brilhar e de agradar. Mas é universalmente sabido que fallando em theses os francezas são futeis: ha parisienses distinctissimas que se dedicam ás bellas lettras e bellas artes; porém *essas* assim procedem porque *adiantaram-se* do seu meio de educação.

Nos paizes do Oriente, a Turquia confirma o nosso modo de pensar – o barbarismo do harém deprava os costumes, amesquinha a educação e avilta a mulher, que é insignificante mercadoria aos olhos do faminto sultão, cuja ignorancia se satisfaz cobrindo com damascos os corpos de suas odaliscas. Com este meu pallido argumento desejo apenas provar ás minhas caras leitoras, que o *luxo* é um irreconsiliavel inimigo que temos e uma sarna destruidora.

O bom gosto, sim, esse fino tacto artistico que tem como nota característica – a simplicidade.

O gosto educa-se, e por isso recommendo a todas as mães, a quem esses meus despretenciosos conselhos possam ser ouvidos sem desagrado, que evitem, quando possam, os vestidos de *crépe de soie* e de *faille* para seus filhinhos. Mães, primas pelas singelleza — o luxo é ante-hygienico e desenvolve a vaidade nessas creancinhas que tem phantasias de anjo e que gostam de volitar sem embaraços: deixai-as gozar do que a sua idade lhes permitte; fazei com que sejam expansivas, palrando á vontade; não lhes afundeis em prematuros estudos, porque esse desenvolvimento forçoso lhes prejudica — tratai primeiro da alma, formando caracteres robustos, e depois cultivai a intelligencia, que por seu turno desabrochará.

Como não posso dispôr de mais tempo, por aqui me fico apertando as mãosinhas rosadas das leitoras n'um tardio cumprimento de *boas festas*, mas sempre murmurando-vos ao ouvido: *Abandonai o luxo...* elle é inimigo da nossa felicidade e arruinador de nossas fortunas: se tendes algumas *balouches* que só podem ser substituidas com o suor de vossos maridos, legai-as a alguma francesa arruinada.

Elisa Lemos

A FAMILIA, N.155, 02 de fevereiro de 1893, p.3/4, col. 2 , Palestrando, de S. João d'El Rey.

Ide avançando sempre e a fé vos virá alentar.

D' ALEMBERT.

Ha emprehendimentos de tão elevada sublimidade que lembram antes sonhos que pairam pelo Empyrio do que aspirações de realisação na terra. Mas tudo se consegue por meio do trabalho e da perseverança: quando sentimos o fogo da mocidade circular em nossas veias, devemos trabalhar infatigavelmente a bem do genero humano. Pela minha parte, contribuo e contribuirei com toda a actividade e acrisolado amor de que me sinto capaz, afim de gravar em todos os espiritos o nosso elevado idéal – a emancipação feminina.

Embora acarrete odiosidades egoistas, despeitos de todo quilate, sustentarei firme a minha opinião, proclamando a nossa liberdade. Terei de despertar innumeros dissabores, aos quaes me sujeitarei da melhor vontade, desde que assista á ascenção gloriosa da nossa alevantada causa.

Se, porém, não fôr para meus dias tamanho progresso, transporei as barreiras da Eternidade com a alma satisfeita por ter ajudado á assentar os alicerces do grane edificio que tentamos soerguer.

Eis ahi porque, com o coração transbordando de alegria, li a noticia de que vou tratar hoje. – Na nossa Capital, um grupo de senhoras distinctas tem em mente fundar um Club litterario, cujo fim é pugnar pelos nossos direitos. Este esperançoso Club dará sessões semanaes e manterá um jornal redigido por pennas femininas e colloborado por escriptoras estrangeiras.

Agora, que as nossas fileiras vão se engrossando, cumpre-nos dizer ás nossas patricias que imitem essas senhoras destemidas, formando liga comnosco, a bem da prosperidade d'essa patria, que tanto amamos.

A' nossa eminente redactora, D. Josephina de Azevedo, enviamos uma particular saudação por lhe caber, como incitadora, maior quinhão de glorias.

Que venha, pois, o novo propagandista, porque o receberemos com uma estrepitosa salva de palmas. E com todo ardor de corações crentes, com todo o enthusiasmo de irmãs da mesma causa, aguardamos a sua apparição.

Quem poderá acreditar que nas proeminentes vizinhansas da serra do Lenheiro, o thermometro tenha marcado 34 graos?! E' esta pura verdade... e a natureza immobilizada debaixo da curva limpida e setinosa do céo, attesta que estamos sob pressão de um calor, para Minas, quasi africano – que o diga a passarinhada, que á migua de aragem, refugia-se nas nuvens.

Para amenisar os rigores atmosphericos, chegou uma *troupe* dramatica, commandada por Furtado Coelho, que estreará brevemente no Theatro Municipal.

E assim desapparecerão as malditas *soirées*?!... Ahi tendes as novidades reinantes – tudo mais caminha monotonamente nos eixos.

Elisa Lemos.

A FAMILIA, N.157, 04 de março de 1893, p.3 col. 3, Palestrando, de S. João d'El Rey

Palestrando, de S. João del Rey...

Os homens serão sempre o que as mulheres quizerem que elles sejam.

Rousseau

Não posso absolutamente conformar-me com o juizo que a nossa mocidade faz do casamento.

Geralmente, a moça brazileira, mesmo a que se diz de educação completa, não tem a menor noção dos mais simples deveres de esposa e mãe. E ignorando a acção benefica do sacrificio e espontaneidade individual, submette-se a verdadeiras suggestões, que terminam com salpicos de agua benta e flores de laranjeiras:

genuinos sacrilegios abençoados por um padre! Os casamentos da moda, contractam-se na embriaguez da valsa, ou servem de termo ao degradante namoro – uma das distracções mais baixas e indecorosas que a indolencia acoroçoa.

Com taes principios, a moça não procura conhecer o desenvolvimento moral e intellectual do individuo, fascinando-se por tudo o que tem brilho apparente e illusorio. Tenho dito e repetirei: as unicas culpadas deste procedimento, são as mães, por que incutem no espirito das filhas theorias falsas, que ensinam-lhes a considerar a formosura e o luxo como principaes attractivos.

- Reforme-se a educação, tornando-a mais ampla, e mais solida, instruam-se as mães, illustre-se a mulher, que, de subito, clareará uma nova aurora de felicidade e progresso, surgindo uma mocidade forte, pensadora, responsavel por si e preparada para casar.

E assim não ouviremos clamores nem assistiremos ao funebre cortejo de illusões que se extinguem ao nascer.

Tenho ouvido moças destituidas de fortuna, e que não prestam o minimo auxilio aos paes, dizer que aspiram o casamento como um meio de descanso; digo eu, é um disfarce que só serve para desenvolver a preguiça incubada: mesquinha ignorancia!

É quando pesa sobre nós maior somma de deveres e de trabalho.

E a educação de nossos filhos?! Deus confiou a innocencia aos cuidados da mãe: e é ella quem deve dar os mais nobres exemplos de energia e de amor. Somos ainda nós que devemos guiar os nossos maridos; quando se desviarem dos verdadeiros caminhos, e sem luz necessaria, como o faremos?! Desde que o casamento não seja *um negocio*, a mulher emancipada trabalhará, ajudará o marido a sustentar o peso domestico e terá posição definida na sociedade. Por seu turno, elle irá buscar um arrimo, um consolo e não um encargo; terá uma companheira resoluta e forte, tanto para os dias bonançosos como para os da adversidade. Cahirá a mulher *coquette* que só pena em offuscar nos bailes, nos theatros, em sua propria casa, com prejuizo do marido que geme sob o jugo das dividas, mas surgirá uma figura distincta e immaculavel...Não queremos a mulher pedante, fructo evidente da

excepção, nem tão pouco a *de salão* – boneca automatica: votamos pela independencia e liberdade femininas. Somos partidária do trabalho e do amor.

Elisa Lemos

A FAMILIA, N.160, 17 de maio de 1893, p.2 col., Requisitos para um bom esposo (Tradução).

Mais uma excentricidade ingleza:

Requisitos para um esposo

Por

Lady Isabella St. John

Elle deve ser apaixonado pela dança e a todos os divertimentos varonis, sem jamais fazer destes prazeres o thema de sua conversação ou mesmo de seu pensamento.

Deve pertencer a todos os clubs, porém não frequental-os.

Deve apostar com espirito em Newmarked ou em particular, mas nunca perder dinheiro.

Deve ser amante de reuniões e bailes, mas não gostar de conversar nem dançar

Deve admirar a belleza, não amando outra mulher que não seja a esposa.

Deve ter equipagem bem tratada, mas unicamente consideral-a como propria por tolerância.

Deve ser muito familiar e afeiçoado á casa, não obstaute considerar Pariz como o paraizo do mundo.

Deve gostar de leituras em voz alta sem se importar com livros.

Traducção de Elisa Lemos

A FAMILIA, N.161, 10 de junho de 1893, p.1/2 col. 3, Palestrando, de S. João d'El Rey.

Palestrando de SJDR...

Muito bom dia minhas carissimas leitoras.

- Olá! sempre déste um ar de tua graça... madrugaste!
- Quem é vivo sempre apparece e eis-me novamente no posto.
- Sim; nós bem conhecemos as tuas choromigas.
- Pespegaste-nos meia duzia de chronicas semsaboronas, te alvoraste em moralista e por ultimo impingiste-nos a tua assignatura n'uma traducção. Quererás por ventura que ainda te figuemos obrigadas?! Era o que faltava!...
- Devagar, minhas senhoras confesso todos os meus crimes, mesmo para imposição da pena, appello para a vossa indulgencia.
- Deixa-te de historias e justifica-te aposentaste a tua inseparavel companheira, a D. Chronica?
- Foi ella quem despediu-se de mim rapariga de gênio trefego, foi á procura de novas sensações.
 - Mas como se deu essa fuga?
- Já vos conto. Desde que poisou aqui certo menino louro e de olhos verdemar, cantando trovas e manejando um arco... tudo mudou.
- A população enlevou-se e a ordem do dia é este anjo bom. Reina lufa-lufa geral e avidez em todos os espiritos moças e rapazes deixam-se levar pela onda bellicosa. O combate começa, as flexas voam, cabeças erguem-se victoriosas, mas deixam os corações flexados. Alegrias e despeitos umas coroam-se de flôres symbolicas, rodam outras no passo do constrangimento... ou da taboa. E assim andam todos ás voltas com a epidemia amorosa.
- Data d'esta época o desapparecimento de D. Chronica, que não sendo affeiçoada á Cupido assumiu o posto da observação. Qual, porém, não foi o meu espanto quando hoje pela madrugada reconheci sua voz confidencial. Acorda dorminhoca e rabisca algumas tiras de papel trago-te as tintas.

Acceitei o convite e tiritando, saquei os cobertores ás 6 da manhã para empunhar a penna. Estará paga a divida com os juros d'este meu sacrificio? Se não está ... paciencia. Contento-me em dar-vos uma triste nova – estou de malas na estação e depois d'amanhã por esta hora, já terei recebido centenas de abraços – um aperto de mão, leitoras, ao "Palestrando"...

Elisa Lemos

S. João d'El Rey, 28-05-93

A FAMILIA, N.163, 19 de agosto de 1893, p.4, col. 1, A Esperança.

A Esperança

Terna companheira nossa quer na adversidade quer na prosperidade, ella tanto habita o palacio do opulento quanto a choça do mendigo; ora manifesta-se descontente e melancolica, ora galharda e satisfeita, mas sempre com o mesmo riso – o de alcançar um thesouro, ás vezes impenetravel, o de possuir mesmo o impossível.

Companheira inseparavel do infortunado, ella acalenta-o dizendo-lhe: "pára...

não te lances no abysmo da descrença, tem fé e acompanha-me, eu te levarei além, muito além, e lá encontrarás um novo reino, teu desconhecido mas que te será muito propicio, cheio de encantos e semeado de flôres, as quaes te darão balsamo santo á tuas lagrimas, acharás um verdadeiro *Paraiso*; á entrada estarão boninas dispersas para te saudarem; virá a modesta violeta offerecer-te suavidade e perfume, o lyrio te dará a sua innocencia immaculada, a sempre-viva te offertará constancia, a affectada dhalia te dirá – queres ser bello? entra no nosso jardim celestial, purifica-te com os nossos perfumes e, quando d'elle sahires, todas te admirarão; a myosotis te saudará dizendo – passeia no *nosso paraiso*, aprende a nossa sublime linguagem e quando te fôres colhe um ramo de minha planta, guarda-o e não me deixes no olvido; quando estiveres triste com as ingratidões dos homens volta ao nosso reino que nós, menos más do que elles, apreciando, te acareciaremos; até a altiva e ciumenta rosa te

embriagará de perfumes e muitas outras que povoam o *meu mundo!.....* Então, não é preferivel me seguires a te lançares no tredo e medonho despenhadeiro?"

O infeliz pensa e depois de muito reflectir, fascinado pela *fada*, acompanha-a; ella, arraigada nas azas da phantasia, o transporta para a sua chimera; espantado de ver tanto prodigio, pára estatico e começa a contemplar uma por uma aquellas maravilhas; o ar está condensado de perfumes, as flôres, depois de renderem-lhe homenagem, sacodem sobre elle o tremulo rócio, eil-o entregue ás delicias do jubilo e voando nas azas da alegria e ... realiza-se a prophecia da esperança.

Acontece, algumas vezes, que ás mesmas supplicas cede um infeliz aos rogos da enganadora, a qual effectivamente o conduz á seu paraiso, mas tudo muda... e elle esperando encontrar mil venturas segue satisfeito, capaz de andar até ao infinito.

Caminha por desertos, transpõe montanhas, atravessa rios caudalosos e depois de tantos sacrificios, depois de chegar quase ao infinito entra no reinado das flores; pobre desgraçado! tudo está mudado, as flores com a sua presença, uma por uma, vão murchando, adoecem e morrem, nenhuma o saúda á sua chegada e elle entra, passeia e segue cabisbaixo, volta ao mundo em procura da esperança, esta já não vive, finou-se com as flôres e é assim que ella morre no jardim da vida. Elisa Lemos

A FAMILIA, N.164, 07 de novembro de 1893, p.3 col. 2/3, O Anjo da Guarda

O anjo da Guarda

Na distribuição das dadivas com que o Redemptor obsequiou-nos, quando formou o Universo, salienta-se uma que, tanto pela belleza physica e moral, quanto pela singularidade, nas maravilhas extremamente: essa perola divina é o nosso inseparavel *anjo da guarda*.

Esse anjo acerca-se-nos e acompanha-nos desde o berço até o tumulo; si por acaso nos approximarmos de algum precipicio arreda-nos, aconselha-nos e dirigenos para o caminho da prosperidade; si, desgostosos, nos encaminhamos para o labyrintho da vida querendo envolver-nos em suas escapelladas ondas, elle subtilmente avisinha-se-nos, oscula-nos com labios perfumados pelo incenso celestial, bafeja-nos angelicamente e trazendo junto á alma as tres virtudes, offerecenos n'uma das mãos – o facho da esperança, na outra – o oleo sacrosanto da fé e no coração traz a caridade.

Na infancia esse anjo de azas brancas guarda o berço de seu protegido, não deixando que sopro nocivo expilla para o deserto a innocencia intacta; na mocidade segue os passos vacillantes da inexperiente, assim como na infancia acompanha-a por toda a parte, conserva-se á cabeceira de seu leito e procura incutir n'aquella imaginação casta pensamentos dourados.

Quando ella, já sem crença, busca como lenitivo a mansão dos mortos, derramando lagrimas vertidas e occasionadas pelas torturas d'alma, elle sorrateiramente chega-se, recebe as gottas limpidas geradas da descrença, sacode de suas azas o pó da resignação e, satisfeito, volta á seu lugar.

Na velhice anima a cabelleira prateada do sexagenario, dá-lhe coragem para galgar os ultimos degráos da escada da vida, sella-lhe os labios com o beijo gelado – o da morte, prantea-o, e finalmente conduz a sua alma ás ethereas regiões, para habitar com ella no ponto luminoso de uma estrella.

Elisa Lemos

A FAMILIA, N.165, 10 de dezembro de 1893, p.4/5, col. 3, Confidencia

Confidencia

(Á Sebastião Sette)

Queres ouvir a minha confissão? queres sondar o vulcão que sinto arder dentro em meu peito? Pois bem; jura primeiro, que encerrarás no mais occulto

sanctuário de tua memoria o evangelho do meu coração, cujas folhas tanto borboletearam nas azas da irrequieta phantasia á procura de outra alma para a synthese sublime....

Jura que tu foste que reuniu ás tuas essas folhas esparsas para juntos formarmos um só livro ideal, uma alma só, um ser unico.

Jura que desfolhando todas as flores da minha nivea grinalda, darme-has em troca um paraiso divino... de amor. Jura, ainda, que serás a estrella que juncará de flores o meu futuro; o sol que dissipará as trevas o meu espirito, a vida da minha vida... Já tenho a prova de que és um crente, porque me ouviste, e vou fazer-te a minha confissão. Amo-te. Sabes o que amo em ti? ... Está visto que não são as vulgaridades, que de ordinario captivam as outras mulheres.

Si fosses um *petit-maitre*, desses cujo o merecimento consiste no collarinho erguido e nas attitudes estudadas, desses que pretendem encobrir as futilidades do espírito debaixo de um galvanismo dourado, si não passasses mesmo de uma figura bem contornada, cujos traços formosos e correctos desafiassem a palheta de um Raphael, com certeza não me attrahirias a attenção. O que adoro em ti são as graças do teu espirito cultivado, as harmonias de teu talento, esta flamma sublime que brilha no teu olhar, que revela-se no teu semblante, que aureola a tua physionomia viril. O que admiro em ti, é justamente este classico abandono que tanto caracteriza a tua superioridade.

- O homem que amo não partilha as mesquinhezas da terra, não está sujeito ás baixezas impostas aos outros homens – é um ser todo ideal, que vive pelo coração e pelo espirito.

Elisa Lemos

A FAMILIA, N.166, 06 de janeiro de 1894, p.4/5, col. 3, A Vida

A vida

Oh! a vida... o que é ella senão um mero sonho, uma peregrinação passageira, um extasis encantado, do qual muitas vezes bem cêdo despertamos; uma phantasia que nos deleita quase sempre por instantes!

Como julga feliz a mãe quando acaricia a cabecinha loira do filhinho que lhe oscula a fronte.

Mas, quantas vezes essa felicidade, esse sonho fagueiro bem cedo se dissipa e vem a morte, com o halito infecto bafejar a mesma fronte que momentos antes era o encanto de sua mãe...

Entretanto a pobre mãe, a carinhosa de outr'ora, não deixa, apezar de encontrar a fronte que momentos antes inspirava vida, ternura e amor, na qual todas as suas esperanças se concentravam, agora formando verdadeira antithese, pallida e fria – de oscular docemente, de imprimir-lhe o derradeiro beijo, o beijo da despedida, o ultimo que lhe offerta na passagem escabrosa desse sonho passageiro, que lhe embalou ternamente e que se chama vida, para o eterno, do qual jámais despertará, e que se denomina – a morte.

E o esposo... o devotado que concentra todas as suas aspirações na fiel companheira de seus dias, ter a desdita de um dia ver a seus pés calcados todos os seus affectos, todo o seu ideal e ver o cruel monstro, com aduncas garras de fera, arrebatar o que ha para elle de mais sublime – a esposa – e encerrar na lousa do sepulchro aquelle corpo inerte, mas que para elle é a alma, a vida, é tudo!

A vida é cheia de revezes, é um pélago de infortunios! bem penoso o é, na verdade, confessal-o, mas é forçoso; que fazer?

Mas porque nos prendemos a ella com tanto amor e afinco?

- E' porque a par desses revezes, desses infortunios, encontramos tambem momentos de ventura. Por acaso não achamos a mãe carinhosa que sacrifica a sua existência pela felicidade de seus filhos?

E o pae extremoso que conforta as nossas lagrimas e o esposo dedicado?

Sim, tudo isso encontramos no decorrer desse sonho encantado, e por essa razão é que a carga do nosso lenho afigura-se menos pezada.

Elisa Lemos

A FAMILIA, N.168, 04 de fevereiro de 1894, p.3 col. 3, No Bosque

No Bosque

N'um recanto de um bosque, mollemente reclinada n'uma montanha de alvíssimo granito, scismava uma mulher joven e galante que a advinhar pela attitude grave assumida não se iria longe pensando que magoas acerbas lhe torturavam o coração.

- Essa mulher ideal era Flora que, com anciedade, almejava o regresso, dos entes celestiais e do mesmo modo os lastimava.

Não tardou que por entre o silvado do bosque surgissem, aos poucos, multidão de nymphas meio cobertas de flores e com um perfume silvestre e unico que, ondulando na atmosphera, animava as almas.

Alegres bandos de passaros, n'um espanejar fremente e continuo, em geral concerto, celebram juntamente com medrosas borboletas brancas e douradas o regresso d'aquelles entes mimosos.

As cascatas docemente quebravam suas aguas, os regatos suspiravam de amor e as plantas tomavam grande parte nesse regosijo; a natureza inteira, confusa, comprehendeu que havia ainda supplicas e amor sobre a terra... De repente ouviram-se lyras suavissimas e de uma sonoridade incomparavel, harpas vibradas com a maxima maestria, e no meio d'essa confusão de sons e de perfumes surgiram mil seres frescos e doces que um por um revelava a sua lenda á gentil pensadora das selvas que, complascente e meiga, os perdoava.

Depois da revelação geral appareceram por entre uns álamos frondosos duas jovens naiades, de uma belleza incrivel e uma d'ellas dirigindo-se á Flora disse -

"Amada fada, espero que me convertaes em flôr, sinto-me exhausta de dor e por mais que queira apagar uma paixão sincera não comsigo – sou a sempre – viva e represento um coração arraigado á constancia."

A fada illuminada de alegria disse: - Viverás sempre ao meu lado já que me não poderás esquecer.

A segunda, doce e tremula falou – "Atravessei o Mediterraneo e depois de muito andar cheguei á Terra Santa, lá chorei minhas magoas junto ao Sepulchro do Nazareno e não contente fui a Suez, adorei as aguas mortas e voltei á Ásia e de lá á Europa, andei, errei algum tempo, quasi n'um folego passei o Atlantico e cheguei á terra descoberta por Colombo e depois d'esse giro em torno da esphera, sem encontrar quem ouvisse as minhas dores, de magoa quasi morri; finalmente agarreime nas azas do Zephyro e voando p'ro céu aqui me acho – sou a saudade e estou em toda a parte."

A fada abençoou a segunda e fêl-a tornar flôr... e foi assim que Flora converteu o bosque em jardim chimerico e odoroso. – Foi desde esse tempo que começaram a progredir as flores com a maxima belleza.

Eliza Lemos

A FAMILIA, N.170, 04 de março de 1894, p.4, col. 1/2, O Crepusculo

O Crepusculo

Haverá quadro mais sorridente do que o de uma bella tarde aureolada pelos lampejos de um sol que morre, pela despedida saudosa do astro rei?!

A tarde por si só encerra encanto; tanto mais quando mostra-se serena, sómente agitando de quando em quando, coadjuvante pelo suave zephyro, as frageis e tenras palmas dos coqueiros que, satisfeitos com essa caricia, oscillam brandamente; quando as flores, consortes solares, ostentam a sua maxima belleza, auxiliadas pelos raios beneficos do astro diurno; quando as travessas borboletas, as voluveis collegas das flores, saltitando impacientes, absorvem o néctar precioso e

prodigalisam-lhes vãos carinhos; quando os passaros, eximios cantores das selvas trinam alegremente proclamando mimoso arrebol; quando o céo, essa abobada immensa que serve de leito a milhares de constellações e que embala, no seu seio, ha tantos seculos, apaixonada lua, tão decantada pelos seus namorados – os poetas – e que nunca consegue adormecel-a, elle que possue o gracioso pharol da terra, que é a mesma lua, a qual serve de confidente ás multidões de seres e que sempre judiciosa, na sua muda linguagem as aconselha, apresenta-se de uma belleza descommunal, mostrando o seu nacarado azul!.......

Risonha transformação opera-se no horisonte: aquelle azul tão lindo, semelhante ao do céo italiano, muda para côres sem numero: maravilhoso prodigio da natureza! de um lado – um verde original, impossivel de qualquer pintor, por mais perito que seja, reproduzir na sua tela, um verde sobrenatural, o da Esperança e ... talvez o do Paraiso; do outro - um encarnado phantastico, lembrando o ardente imperio de Dante: igneos carros atravessam a atmosphera, esses transformam-se em barcos encantados, os quaes são tripolados por nayades que, desprendendo essencias e rosas, embalsamando os ares, cantam barcarolas sentidas e que, depois de medonha tempestade rolam pelo espaço; naufragio aterrador! – morrem as nymphas ... substituem-n'as cherubins que adormecem outros tantos companheiros ao doce som de maestraes balladas; n'outro ponto do céo - nuvens vaporosas passam; descortina-se um panorama esplendido! mas, oh! infelicidade, oh! sonho vaporoso! de repente tudo se transtorna; - o céo, pouco a pouco, retoma a côr primitiva; as flores, as amorosas noivas do sol, pendem tristes, suas hastes e gemem debaixo da neve que as aniquilla a alma; as ingenuas borboletas deixam, pesarosas, as flores e, com magua, refugiam-se no céo; as aves, dando longos suspiros, voltam pensativas á seus ninhos para agasalharem, entre suas azas, seus tenros filhinhos que piam dolorosamente.

E o sol, o causador de tão grande metamorphose? – esse, retira-se fugitivo, não attendendo aos concertos silvestres, repousando tranquillamente, a dormente cabeça, em leitos de purpura.

Eliza Lemos

TEXTOS DE ELISA LEMOS PUBLICADOS N'A PATRIA MINEIRA

Alguns artigos possuem um risco no meio do texto. Os originais possuem a mesma marcação.

A PATRIA MINEIRA, N.185, 29 de dezembro de 1892, p.2, col. 2, Confidencias electricas

Confidencias electricas

Ninon, qui falais tu de l avie? L'heure s'enfuit, lê jour succede au jour. Rose ce soir, demain fletrie, Comment vis-tu, toi quin'as pas d'amour ?!

(Musset.)

Evangelina, minha querida,

Agora, que já passei pelo que vulgarmente se chama noivado e sendo mãe de uma galante criaturasinha que me dá gostos inefaveis, vou, em bruxoliante luz, descrever-te as minhas alegrias de noiva e mãe. - Olha, filha, desconfia dessas luas de mel arrebatadoras, como lhes chamam, em que se faz tudo e tudo é permittido com a mesma satisfação para ambos, em que se põe á margem as faltas, em vez de corrigirem-nas, adorando-as no atordoamento da paixão como predicados, porém que depois, na época real do raciocinio lucido, mostram-nos as infractuosidades de uma condescedencia que irremediavelmente nos trouxe os amargores do presente e talvez nos seja fatal no futuro - no casamento, o periodo do noivado, sendo immorredoiro, na imaginação, é que vos garante a felicidade futura. Não vou absolutamente com esse modo de pensar de todo mundo - o tout le monde é a entidade com que menos me preoccupo e sabes que sempre disse: "Terei lua de mel, mas não como muitas sonham - um cottage no deserto, onde se perdoem reciprocamente as faltas e se esqueça do mundo por alguns mezes, voltando-se depois para a vida comum." Não! mil vezes não! e o facto é que hoje falo com experiencia propria. Em primeiro logar, na phase do meu noivado, puzemos em prova todas as nossas incorreccoes; em segundo, no dia em que pertenci a meu marido, conheciamos as faltas de ambos e eramos dois verdadeiros amigos; e estou convencida que foram esses são pincipios que garantiram-me a felicidade que ha dous annos gozo e que creio será eterna.

O meu Nelson é um anjo! – a par da sua illustracão e talento e de uma delicadeza e bom humor admiraveis; não é desses homens *modelos...* não! tenho muito medo delles e Deus me livre que eu pudesse *dominar* meu marido, como é o sonho *estrellado* de toda a moça que casa ou vae casar – um *domínio mutuo*, razoavel e affectuoso, e eis ahi o ideal do governo conjugal.

Meu marido é forte e nobre como vi nos meus sonhos boreaes e argenteos de moça, e como deve ser todo homem de idéas elevadas: - tanto póde conduzir-me nos desfiladeiros escorregadios do infortunio, como nas auroras rosadas e scintilantes da felicidade. O homem deve ser tão forte ou mais do que a mulher, devemos encontrar nelle um amigo, um companheiro leal, de cujas alegrias e desditas compartilhemos, e cujo caracter nunca se curve ao peso do infortunio, este é o verdadeiro typo de homem e por isso deve ser o homem amado.

O meu Nelson, rivalizando com o physico que é saudavel e attrahente, possue todas as qualidades que te expuz em mal dedilhadas notas, - sou a criatura mais feliz que Deus poz no mundo! e como dizem sempre que a felicidade é tão volatil, que, com um sopro, se esváe, eu tenho dias em que estudo um meio de agarral-a, caso ella me fuja, o que aliás não acho provavel, pois saberei garantir a minha dita conquistada e prolongar a ventura do meu *home*. Estás me achando muito ridicula, com taes expansões, não é verdade?

Bem sabes que nunca soube medir o pensamento pelo espaço de que posso dispôr ou de tempo roubado a outrem e além disso... a felicidade em excesso suffoca, e é preciso que te dê algumas noções do que sempre te encommodou, - o casamento — finalmente, a amiga para a amiga tolera-se *inglezadas, gallicismos, cataclysmos de syntaxes, eclypses de ortographia, arabescos de penna* e tudo o mais quanto a fraqueza consente e a moral não condemna. Ora pois, descrevi-te o Nelson tal qual é, e agora vou contar-te, em frouxos reflexos, as minhas primeiras

alegrias de mãe. Oh! ventura suprema! a que Deus concede ao coração materno! nem sei mesmo por onde começo este topico delicado! Em summa, vou desvendarte as trevas do primeiro dia em que o calido sol feriu inconscientemente as retinas do meu queridinho Baby. — Foi uma alegria indizivel, quando pela primeira vez senti o calor de vida nas mãosinhas rosadas do meu seraphim, e a carinha oval, com o labio superior a sugar, já com o instincto de conservação! as roupinhas niveas e simples formavam soberbo contraste com o rosado da pelle, e eu, possuida de todo o amor de mãe que é possivel sentir-se, em divino transporte, agarrei o meu entesinho e beijei-o a ponto de poder suffocal-o. e depois desse dia senti que sobre mim pesava maior somma de responsabilidades e foi quando me julguei mulher completa — a maternidade é o complemento do amor.

Tive pessoas que me aconselharam não amamentar meu filho, pelo facto de ser fraca, e o que mais me espantou foi o proprio medico , que não ignora os incovenientes da amamentação por uma *extranha*, dizer-me que não devia por fórma alguma enfraquecer-me com a amamentação de meu filho!

Não! isso nunca! pois eu hei de poupar-me, não querendo passar noites velando á cabeceira de meu filho, ter vaidades de não parecer mais desbotada, sacrificando a vida do meu querido entesinho?!

Repito que nunca! Deus me livre dessas *mães* que não se querem sacrificar por amor dos filhos e que bradam em altas vozes, que não nasceram para ouvir choro e tagarellice de criança; - ignorantes, coitadas!... não comprehendem que uma das cousas mais sublimes da vida é o sacrifício materno! Quase sempre este erro é o resultado de uma educação defeituosa — ellas encaram o cargo de mães de família como um mistér torpe, entendem que para attingir-se a sua sublimidade é necessario que se renuncie ao aceio e conforto da vida; - engano completo! é quando devemos procurar revestir de maior aceio e nosso *menage* e tambem de um conjuncto *disttugué*, que revela o cuidado de nossas mãos.

Elisa Lemos (continua)

A PATRIA MINEIRA, N.186, 06 de janeiro de 1893, p.2 col. 3, Confidencias electricas (continuação)

Confidencias electricas

Ninon, qui falais tu de l avie? L'heure s'enfuit, lê jour succede au jour. Rose ce soir, demain fletrie, Comment vis-tu, toi quin'as pas d'amour ?!

(Musset.)

Acredita-me, filha, o meu Baby é tão rosado e louro que varias vezes, quando estou em attitude contemplativa, presumo ter nos braços um daquelles anjos, que povoa ramomundo, e agora que elle começa a se agarrar pelas cadeiras, signal de que em breve deixará de fixar-se nos bicos dos pés e marcará passinhos, acho-o encantador com o seu vestidinho branco e simples; sim, bem simples, por que não quero que elle se atufe entre rendas custosas de Bruxellas ou sedas de Lyon, não, faria muito mal ao seu physico, tolhendo os seus movimentos de criança, e ainda mais, inflammaria a vaidade naquelle coraçãosinho novo e puro; trajo-o sempre de uma simplicidade graciosa e saudavel; elle é irrequieto e laborioso como as abelhas nas flores, anda constantemente com seu pausinho as voltas, removendo monticulos de terra daqui para acolá; mas é justamente no encaminhar a sua actividade para um fim prospero, que medito horas e horas, e já tenho em mente um plano traçado para a sua futura educação: e quando chegar nessa época, que trabalho, de que actividade precisarei revertir-me! mas tenho certeza que serei forte e ainda mais, lançarei mão, em occasião opportuna, do auxilio de Nelson, não no periodo de sua infancia, porque nesse só os affectos e cuidados de mãe poderão guial-o. Ah!... e é desse periodo que depende o proceder futuro – o que se bebe na infancia jámais se esquece! Comecei por onde deveria concluir, falei-te nas qualidades do Nelson, nas graças do meu Baby, e esqueci-me de duas cousas de summa importancia - da apparencia e adorno de meu cottage com o seu sombrio parque e das minudencias do meu noivado: - Imagina que a minha *choça* está collocada no centro de um bosque de palmeiras que me viram nascer, e de preferencia escolhi essa localidade para meu *ninho* pela tradição que encerra; na frente da casinha caiada de branco existem duas mangueiras magestosas, cujos galhos se abraçam, formando uma aboboda rendilhada, que tem como tecto o docel azul celeste, e segue-se uma sombria rua, onde existe um formoso banquinho verde que foi testemunha das minhas primeiras venturas, quando no estio as patativas se amavam nos galhos que nos serviam de tolda, e, a nosso pé, hera enlaçava-se com as violetas, e o sol, afundando-se no occaso, á noitinha, permittia que os grilos cantassem nas moitas de madresilva.

No fundo da casinha tenho arvores fructiferas e entre ellas uma celebre jaqueira (não te assustes) em que meu pae punha em pratica a agilidade dos nove annos; o interior é um primor de aceio e clareza – sou protectora dos adornos leves e praciosos; o meu quarto de dormir tem apenas uma cama de peroba branca, marchetada de poucos e ligeiros arabescos, um lavatorio, onde em sarcophago guardo as essencias com que perfumo o meu Baby, em frente um bercinho rosa com um alvo cortinado indica mil primícias, aos lados da cama duas mesas, nas quaes tenhos vellas e livros para os serões; na parede, oleada de branco e com frisos dourado guarnecendo o tecto e cantos, sobressahem paysagens ligadas á como por exemplo, a scena da escada de Romeu, Ophelia celebridades. engrinaldada de flôres, mirando o lago, Raphael conduzindo Julia e guiando o barco na volta do Houte-Combe e muitas outras maravilhas que o pincel immortalisa, na minha cabeceira ostentam a sua magnificência duas telas, uma de Raphael e outra de Murilo - a annunciação e a ascenção da virgem, e eis ahi o meu quarto de dormir; o contiguo, o quarto de nossa toilette, tem duas enormes estantes da dita peroba, repletas dos meus queridos amigos, os companheiros e amigos fieis – os bons livros, aos quaes de bom grado tenho cedido bôa parte de minha existencia, duas cadeiras de balanço, um sofá e duas cadeiras de estufo, cobertas de branco, uma mesa de violeta com alguns bibelots artisticos e as cortinas de combraia branca, formando contrastes com alguns quadros de vultos notaveis da litteratura, moldurados em pellucia vermelha, completam o adorno do aposento, cuja pintura, simula um bosque suisso com seus lagos adormecidos – a entrada do paraiso.

O gabinete de Nelson é uma verdadeira *casa* de estudante e si não fosse eu, que, como uma rabujenta *miss*, sempre ando atacada da *monomalia* do arranjo, os papeis, receitas e livros e o grande busto de Hypocrates, que preside a *estante principal*, interceptariam a entrada; quando *visito* este ninho de criança buliçosa convenço-me que o meu maridinho quando está só, cede grande lugar á sua *béte*.

Não te falo nos outros compartimentos, porem, pela descripção que te fiz, ficarás ao facto do meu ninho de ventura e avaliarás o resto, observando apenas que em tudo transparece o cunho da singeleza distincta.

E agora, como escrevo de frente para o *bercinho rosa* e o meu Baby faz com os labios uma encantadora *moue*, reclamando algumas gottinhas de leite, vejo-me obrigado a deixar a penna para satisfazer as exigências gulosas do estomago do meu seraphim de mezes.

Beija a tua		
Flora.		

Flora,

A tua cartinha, que contém toda a essencia de um *verdadeiro* coração materno, mostra-me que ainda possues aquella poesia idealista que te era tão peculiar nos dias da tua adolescencia, e esse perfume longinquo, trazido nas azas das tuas letrinhas finas e miudas, produziu-me o effeito do iris, quando apoz borrasca tenebrosa rompe as densas nuvens e clareia o mar dos navegantes.

Julguei que a tua extrema ventura tivesse atuado tanto em teu coração que, amarrando a barquinha da nossa amisade ao posto dos ingratos, te tivesses lançado tão soffrega aos mares phenicios da vida, que não houvesse em teu eden um *beliche* para uma naufraga da infancia! Abençoado engano! que faz-me remoçar dez annos e amenizar os desmoronamentos de uma existencia tormentosa! Estás radiante de felicidade!... tens razão!... – teu marido é o typo do *phantasma* que povoava os teus devaneios de moça; és venturosa porque encontraste nesse oceano vulcanico uma

ilha sporada, cheia de vergeis e flores! – facto raro nessa crise corrupta em que atravessamos! Das duas uma (permitte-me essa franqueza arrebatada) – ou realmente teu marido é o sporado de que já falei, e nesse caso podes te suppor uma previlegiada, ou então, seguindo a *marcha commum*, quer mostrar-te a apparencia desses edificios sumptuosos e elegantes que parecem plantados para um seculo e que com o soprar do norte desmoronam-se, fazendo-se em ruinas: - as peiores catastrophes são as inesperadas – cinco minutos de um terremoto produzem mais estragos do que uma bellicosa batalha titans.

Não desejo nem por sombras, que esses laconicos sons de uma lyra soluçante e desvairada escureçam o céo azul da tua felicidade: acceita-os como a confissão real de uma desilludida da vida, conhecedora da *lei que rege a humanidade* e cujo coração *spleenetico* tem sido golpeado pelos estiletes da ingratidão.

Perdoa a tua

Evangelina.

Elisa Lemos

A PATRIA MINEIRA, N.194, 23 de março de 1893, p.2 col. 1, Um convertido Um convertido

Alfredo Dias apar do talento invejavel e do bello caracter, era extremamente sympathico.

Ainda no vigor da juventude, o seu nome já fulgurava nas lettras, acclamado com sincero respeito e enthusiasmo.

Um unico defeito perseguia este rapaz modelo – o egoismo. Em seus escriptos, attrahentes aliás pelos estylo, elle procurava sempre ridicularizar com a mais fina ironia, a capacidade intellectual da mulher. Para elle a instrucção e a virtude, desde que se tratasse do sexo feminino, eram incompativeis.

- Um escriptor de saias, dizia elle, que rediculo!? Causava consternação! Porque um talento superior, como o delle, muito alcançaria se adherisse á causa.

Mas esta adhesão seria impossivel, todos os affirmavam, visto Alfredo estar plenamente convencido de que nenhuma mulher, ainda que aureolada pelo talento, podia competir com o homem. — Na natureza humana ha destas aberrações, lastimaveis quando se trata de uma criatura notavel.

O primeiro numero da *A União Social*, orgam expressamente creado para glorificar a mulher, causou sensação no mundo litterario, pois figuravam no cabeçalho estes dous nomes: Alfredo Dias e Laura Bastos.

- Alfredo redigindo um jornal ao lado de uma senhora! ..Será isto possivel? Como um espirito energico soffreu tão rapida conversão?!Qual seria o movel daquele reviramento de idéas? Estará louco o rapaz? E assim choviam commentarios, sem comtudo, ninguem chegar a uma conclusão. No meio de toda esta duvida, elle passava despreoccupado, e com alegria dos que são verdadeiramente felizes. É facil advinhar-se o auctor desta victoria; e quem tiver coração dil-o-á logo – foi o amor que triumphou, este eterno conductor de almas transviadas. este sublime incomprehensivel. Alfredo, apezar de toda a sua energia, foi vencido por um olhar meigo e intelligente.

Hoje, elle e a esposa, vivem num esquecido ninho, que é alegrado pelo chilreado de tres palradoras e traquinas crianças, as quais completam a sua ventura sem par. Laura, que possue verdadeira instrução artistica e primoroso cultivo de espirito, mesmo tendo a seu cargo a educação dos pequerruchos, tornou-se uma escriptura celebre, o que não lhe impede de ter o dom de revestir de uma certa graça tudo que lhe cerca. É uma esposa dedicada, mãe exemplar e um vulto notavel nas lettras.

E digam lá que não há felicidade!... Elisa Lemos

A PATRIA MINEIRA, N.196, 06 de abril de 1893, p. 2, col. 5, Palestrando, de S. João del Rey

Palestrando, de S. João del Rey...

Nós, impertinentes sonhadoras, que giramos pelo mundo ideal, não toleramos certos desarranjos do globo terrestre. E embora supportemos causticos desdens da nossa geração sedenta de prazeres, e que calca toda a idéa que eleva-se da trivialidade, estamos sempre dispostas a pregar ainda mesmo no deserto. Será pedantesca aspiração á palmatoria do mundo? Não! É que somos sinceramente amantes convictas da idéa que defendemos, e não obstante a pecha de phantasistas, fixamos no horisonte da esperança um unico ponto –a victoria.

- A alma extasia-se diante de tudo que é bello e grande e a intelligencia, em atittude contemplativa, dilata-se para o sublime. Encaremos, pois, a vida por este prisma – luctar e vencer. E o que é ella sinão um vasto campo de batalha, onde vencem os fortes, e os que mais aproximam de Deus?! Embora os disiludidos chamem-na de dôr, os folgazões de delicia, nós a baptizaremos de – labutação. E por ventura o trabalho honrado avilta alguem? – Não; elle avigora o espirito, reanima o coração e robustece o corpo. Sendo assim, qual é o dever da mulher? – Formar almas boas e energicas, que estejam sempre promptas para luctar, nunca deixando-se vencer pelo infortunio; e, de certo, não é com a leitura de romances doentios que o conseguiremos.

Eis ahi o ponto a que queriamos chegar, pois é contra *certos romances* que fazemos a presente propaganda.

A nossa educação actual, soffre as consequencias deste medonho aleijão – o egoismo, o qual parece augmentar com a evolução do tempo; e no meio da indifferença que muitos espiritos mostram pelos assumptos serios, o sexo feminino é o principal reflector. Porém, desgraçadamente as mulheres, que deveriam auxiliarnos nesta santa empreza, porque é em prol dellas que hypothecamos o nosso amor e os dias mais esperançosos de nossa juventude, são as primeiras a atirarem-se á

douda voragem, tornando-se nossas adversarias. Que fazer! ... Prosseguiremos, sempre com a mesma tenacidade, na ardua missão que Deus nos confiou.

Condemnamos ha pouco, os *romances doentios*, e quando forcejamos por ser comprehendida, cahimos em considerações e... perdemos o fio da conversa; com tudo ainda é facil reatal-o.

Repetiremos – julgamos um ponto importantissimo para as mães, a leitura que deve ser fornecida a suas filhas, e nesta escolha é que está o to be or not to be da questão. Referimo-nos á especie da litteratura que convem a donzella, crysalida que deixa o céo da infancia para vestir-se com as variegadas tintas da borboleta, e que, similhante a ella, carece de luz, de ar, de poesia e de amor. A mãe, desde que seja uma senhora instruida, é a unica pessoa que por meio de escolha acertada influindo no coração, póde despertar na alma da filha o gosto pelos bons auctores. A opinião geral basea-se nestes principios – ler tudo ou não ler nada. E as mães ou condenam as filhas a completo jejum, ou franqueam-lhes iguarias de todo o genero... E escusado dizermos que as moças que seguem a primeira opinião, tornam-se de uma ignorancia crassa; as que adoptam a segunda, só conseguem armazenar na memoria meia duzia de termos, que repetem ao par de valsa e a proposito de tudo. Ellas conhecem superficialmente Montepin, Julio de Gastine e outros forjadores de novellas; decoram a nomenclatura dos amores phantasticos e impetuosos como a tempestade, mas abandonam, por não terem gosto educado, os escriptores serios, os que exactamente lhes convem.

Achamos em nossa fraca opinião, indispensavel na bibliotheca de uma moça, Aimé Martin, Fenelon, Rousseau, mme. de Remussat, M. Landriot, moralistas criteriosos e glorificadores da mulher, os quaes, lidos com a devida attenção, desvendam á alma o thesouro da sublimidade. Dentre os romancistas citaremos alguns estilistas energeticos e finos observadores como, por exemplo, Herculano, Garret, Castello Branco, Castilho, Maria Amalia Vaz de Carvalho, Michellet e mais alguns que a escassez de espaço não nos permitte citar. Todos estes escriptores ensinam a supportar com altivez e dignidade os revezes da fortuna, e por conseguinte, são bons companheiros para um espirito moço. O proprio Julio Verne

póde ser lido proveitosamente, visto haver em suas phantasias um fundo moral e instructivo. Lamartine, que todos lembram, nós condemnamos, porque, sendo um sentimental delicadissimo, o seu lyrismo póde pertubar a imaginação chimerica da donzella e excitar-lhe o desejo de ver-se ao lado de um Raphael ou de ser uma Graziella, o que aliás na epoca actual é impossivel... Lamartine deve ser franqueado ás pessoas solidamente instruidas, e que lêm tudo sem que cousa alguma lhes seja prejudicial. Como desconfio que fui além das raias de um artigo de jornal, despeçome. Até outra vez.

Elisa Lemos

A PATRIA MINEIRA, N.197, 13 de abril de 1893, p.2 col. 1, Encontro Feliz

Encontro feliz

A felicidade existe na vida, depende apenas do criterio da escolha.

Que terá aquelle homem tão sorumbatico e de costumes excentricos? – Evita o trato social para internar-se dias inteiros nas florestas, fala ás estrellas e parece sempre dominado por uma idéa fixa!... Que procurará neste vasto oceano da vida?!... – O amor? Não!...Os desequilibrios do seu cerebro attestam antes um maniaco do que uma creatura avida de amor. Rosnam por ahi que elle alimenta-se de sonhos – que é poéta – que tem coração ardente, apaixonado ... e que anda a procura de outra alma. – Pobre louco, nunca encontrarás o que desejas!...

O homem sorumbatico de outros tempos, terrivelmente *spleenetico* e que vivia acorrentado a um unico pensamento, hoje é inteiramente outro. — A nuvem de tristeza que lhe escurecia o semblante, tornou-se em arrebol de alegria, a mudez em tagarellice infantil. Faz versos e recita-os ao clarão pallido da lua , é expansivo, franco e jovial e os seus olhos crepitam nas orbitas com brilho singular — lê-se no seu rosto a alegria que lhe vae na alma.

Não há quem não se admire desta subita transformação e as más lingoas têm assumpto para dar que fazer ao instincto que as agita.

- Uns attribuem o milagre a intervenção das musas; outros ao condão de alguma varinha mágica; e os mais incredulos á boa volta da fortuna. No que, porém, ninguem cogita, é que a Providencia seja a principal responsavel de toda aquella methamorphose.

- Este homem atravessou o inferno das vulgaridades e chegou, emfim, ao céo do sonho, onde encontrou a sua alma irmã. – Eis ahi o que se póde chamar um encontro feliz!

Elisa Lemos

A PATRIA MINEIRA, N.198, 20 de abril de 1893, p.2 col. 1, Suspiros

Suspiros

Crepusculo – és a melancolia do céo! Melancolia – és o crepusculo da alma! (Bernardino de Queiroz)

As folhas agitam-se levemente ondulando no ar, a aragem desce pura, ciciando na folhagem e ao longe vê-se o sol mandando um saudoso adeus ao dia que fenece. Numa arvore proxima, dois passarinhos, como loucos, adejam e de momento em momento, descem procurando alguma cousa... Dois canarios festivos seguem num mesmo vôo e num mesmo canto alegre, confundindo-se nos ares. Um casal de borbuletas azues sugam o mel das flôres; o resedá derrama ondas de perfume pelo jardim, as acacias e magnolias saturam o ar com esse aroma inebriante da poesia...Ophelia lança-se ao lago e adormece para sempre; Julieta dá o derradeiro adeus a Romeu e morrem num mesmo suspiro de amor; Virginia despede-se de Paulo para jamais tornar a vêl-o e ... ao longe o campanario da freguezia chama os fieis ao toque das Ave Maria ...

... É o crepusculo da noite que chama os corações sensiveis á dôr, á magoa! Elisa Lemos

A PATRIA MINEIRA, N.200, 04 de maio de 1893, p.2 col. 4, Onde está a felicidade?

Onde está a felicidade?

(Á Therezinha Braga)

Paulo ia numa correria douda pela praia de Botafogo, quando sentiu que alguem puchava-lhe pela aba do fraque. Voltou-se assustado, disposto a praguejar o autor da brincadeira, mas ficou perplexo ao reconhecer o Neves, o celeberrimo companheiro das pandegas da escola. Este, dando estridentes gargalhadas, inquiriulhe:

- Olá, meu caro, vaes tirar o pae da forca ou andas á procura de algum idéal? Sempre a mesma mania a atropellar-te o espirito!
 - Deixa-me, sinão perco-a de vista. E seria uma boa peça!
- Mas quem é esta *ella* que tanto te preoccupa? Como que estás delirando!?...
- Si o presentimento é delirio... Pois não sabes, homem, que desde longa data ando atraz da d. Felicidade?
- Olha, queres ouvir um conselho? Fica em casa a espera que ella te bate á porta a felicidade é a rainha dos acasos.
 - Mas o meu coração diz-me que a procure...
- Não ha duvida, está doudo o rapaz, e é pena porque possue talento de primeira agua. Porém depois que encasquetou-se-lhe a tal mania, ninguem póde comprehendel-o!...

Anda de Herodes para Pilatos sem encontrar a malfadada deusa; ha de ir até parar em algum hospicio!

E o Neves, depois de blasphemar contra Paulo, soltou-lhe o paletot, dizendo:

- Vae-te, vae-te d. Quichote sem ventura: quando estiveres cançado de luctar com a dama dos teus pensamentos, vem ao Globo beber a saúde da tua derrota.
- Qual derrota, qual nada! Dizem que d. Felicidade mora em casa do dr. Socego e vou visital-os.

O Neves, achando espirito na originalidade do amigo, riu-se a bom rir, e cantarolando a copla que ouvira na vespera, viu-o desapparecer na curva de uma rua.

O tempo, insuperavel tyranno, separou estes dois personagens; porém o acaso os reuniu e eil-os de novo entabolando conversa:

- Então, Paulo, como vaes de fortuna?
- Mal; muito mal! e tu?
- Eu? ora, eu ... estou de posse.
- De quem?
- Da felicidade.
- Serio?! Conta-me então como agarraste esta sombra fugitiva.
- Vae á minha casa e voltarás de lá sciente.
- És um felizardo! Casaste-te com a propria felicidade?
- Em pessoa.
- Mas como deu-se esse encontro.
- De uma maneira muito simples: Acastellava eu o futuro pela rua da visão e vae sinão quando... escorrego num pingo de cêra e avisto-a.
 - Num pingo de cêra!?
- Sim. A minha queda foi uma festa todos affluem ás janellas no meio da algazarra, ouço uma rizada crystalina; levanto a cabeça ainda tonto de susto e encontro um par de olhos de anjo. Comprehendi tudo vi, gostei, pedi e casei eis ahi a minha historia, que passou-se na rapidez de um relampago. Bem ves que a felicidade depende de bem pouca cousa e que sendo um decreto da Providencia, nem sempre quem a procura a alcança.

Elisa Lemos

A PATRIA MINEIRA, N.201, 11 de maio de 1893, p.2 col.2, Uma história verdadeira

(Á Alice Amaral)

Après avoir souffert, il faut souffrir encore.

Il faut aimer sans cesse, après avoirr aimé.

(Alfred Musset.)

- Ainda crês, Aurea, nas virtudes do primeiro amor?
- Como não?! Si ainda hoje sinto no peito a cicatriz da flamma que ardeu aos 15 annos!
- És uma sonhadora! As pessoas dotadas de imaginação como a tua, têm na alma um espelho onde retratam este cortejo de sombras, que chamamos o passado. Eis ahi como explico o teu mal.
- E tu, por ventura, terás coração? E's tão incredula! Os incredulos não sabem amar. O amor é a crença do coração e este não a póde alimentar sinão sob o influxo da alma. Vou contar-te uma historia que vem muito a proposito e cuja moralidade has de guardar para sempre.

Ouve:

"Yolanda tinha 15 annos, não era formosa, mas no seu semblante pairava um quer que fosse de anjo – um desses resplandores que syntethisam a encarnação do bello. Nunca vi creatura tão ingenua; brincava com bonecas como qualquer *baby* e era um gosto vel-a a discutir com aquellas *senhoras* inanimadas, sérias e mudas como todo o *biscuit*. Pelo lado intellectual, Yolanda era aproveitavel e as mrs. do collegio que ella frequentava no Cattete, não cessavam de repetir ao pae: - Sua filha é talentosa e si não fossem os malditos brinquedos, poderia occupar um dos primeiros logares nas aulas. Mas sempre é assim – quando há habilidade na pessoa, a vadiação associa-se a ella. Yolanda tinha unicamente duas amigas, para uma, porém, seja dito em honra da verdade, ella deixava pender a balança da

predilecção... Todos os dias ao voltar do collegio, a nossa amiguinha ia esquecer os yes na prosa alegre de Odette.

Em frente á casa desta, erguia-se, ostentando a chronica de casarão velho, um sobrado com jardim ao lado – morava ahi meia duzia de estudantes. Destacava-se nesta roda de *bons vivants*, um rapaz trigueiro, de oculos azues, esbelto e pensativo.

Quando falava ouvia-se mais a entonação harmoniosa de sua vos do que o sentido das suas palavras. Tinha alguma cousa de andaluz: desses cantos de sereia é que a mulher deve fugir.

Com certeza, pelo prologo já adivinhaste o desfecho; e para encurtar razões só te direi uma cousa: - Tudo contribuiu para que Alvaro(este era o nome do rapaz) conquistasse o coração virgem de Yolanda: amaram-se. Aproximava-se a época de Alvaro receber o gráo de doutor, e Yolanda, que tudo sacrifficára ao seu primeiro amor, aguardava com impaciência esse dia, pois, para dobrado prazer, seria tambem o de sua nupcias.

Soou, emfim, a honra em que Alvaro entrou no ról dos diplomados por Esculopio; mas, tambem não tardou o momento, que todos os homens têm na vida, de tornar-se passaro. Alvaro, não desmentindo o sexo, voou e cantando em outras plagas, casou-se com uma moça rica. Yolanda soube sentir a sua dor: chorou com a resignação e altivez dos fortes, lançando ao desprezo o homem que tanto amára.

Passaram-se 6 annos e Yolanda hoje é tão alegre como aos 15 annos; sómente quando alguem comette a indiscripção de tocar em Alvaro uma nuvem de tristeza obscurece-lhe o semblante.

Eis ahi a moralidade de minha historia: A mulher despreza o homem que lhe foi ingrato, mas nunca o esquece – segue a regra do mundo como uma lei natural. Concordas?

- Não; porque desprezar é esquecer e si a tua heroina desprezasse o teu malogrado amor, por força havia de esquecel-o.

É que na tua historia houve perdão e não desprezo.

Elisa Lemos

TEXTOS DE MARIA EMILIA PUBLICADOS N'A MENSAGEIRA

A MENSAGEIRA, ANNO I, N. 2, 30 de outubro 1897, p. 18.

Falso Encanto

Sempre que se fala em modificar a educação da mulher ou ampliar os seus meios de accção, apparece alguém que faça a apologia da mulher como rainha que deve ser... pela fraqueza! Que o encanto da mulher está justamente na sua ignorância, na sua timidez, na sua infantilidade!

Pensem assim ou não, entretanto, queiram ou não queiram, a mulher instruída, forte, capaz de velar á cabeceira de um filho enfermo, auxiliando as prescrutações da sciencia; ou repelir com energia as chalaças de qualquer imbecil, será a mulher do futuro, será a verdadeira companheira do homem, que sabe participar de todos seus pensamentos e ajudal-o em todas as resoluções difficeis.

A posição negligente de tutelada deixará de existir quando a mulher comprehender que sobre seus hombros pesam também as responsabilidades sociaes.

Esse falso encanto é o veneno corrosivo de muitas mulheres: não querendo deixar de ter attractivos e ouvindo os *pregoeiros da futilidade*, deixam-se levar, esterelisando sua intelligencia, sua força, sua energia e até, algumas vezes, seu caracter! Quantas senhoras, apezar de pensarem como nós, manifestam-se de modo contrario com o fim de serem bemquistas e passarem vida socegada!

São estas, a nosso ver, criminosas egoístas, que não cuidam nem do futuro de suas filhas nem da sorte das mulheres em geral. Estas fazem na sua esphera o papel cômodo de certos homens que não têm nunca uma opinião firme e decisiva, agitem-se embora no seu paiz as mais complicadas e importantes questões de interesse publico!

Felizmente, porem, é muito maior o numero das que sabem ppesar as suas responsabilidades e cumprir o seu dever a todo custo, apezar de não o parecer a quem não tenha o gênio bastante observador. Falamos ás nossas patrícias e devemos dizer a verdade tal qual é. Todas nós sabemos que nossas avós, por via de regra, pelo menos no interior do Brazil, não aprenderam a ler; nossas mães, mais felizes um pouco, aprenderam a soletrar e fazer muito mal as quatro operações; a actual geração váe obtendo emtanto alguma cultura intellectual, já váe adquirindo conhecimento de algumas línguas, sciencias, etc., etc. E tudo isso, a verdade seja dita sem rebuços, tudo isso a esforços, a sacrifícios ingentes das nossas mães devotadas. É a essas santas creaturas que devemos a pouca d e luz que se váe fazendo sobre o destino das brazileiras. Para isso, quanto soffreram e luctaram? Os paes, tndo grandes aspirações sobre seus filhos, não ambicionavam, salvo honrosas excepções, sinão que as filhas fossem honestas. Isto bastava! As mães, porém, por intuição e por uma altivez natural iam sempre que podiam ministrando ás suas filhas todos os meios de serem educadas e dignas, sugeitando-se para isto aos maiores dissabores e sacrifícios.

Abençoemos o nome de nossas mães e busquemos continuar a nossa obra, aclarando o porvir de nossas filhas.

A MENSAGEIRA, ANNO I, N. 3, 15 de novembro de 1897, p. 33.

Com ares de chronica

Minha poetisa.

Depois de haver enviado á Mensageira o meu artigo intitulado Falso encanto, foi que tive a satisfação de receber o primeiro numero da revista que se publica sob sua direcção e que tanto se preoccupa com o aperfeiçoamento moral da mulher. Faz bem! Já em 1869 o eminente exilado de Jersey, o immortal poeta e grande democrata, Victor Hugo emfim, erguia a sua voz no encerramento do congresso da paz em Lausana, e proclamava, entre delirantes applausos da multidão, o "direito da

mulher como igual ao do homem"; direito esse que temos deixado profligar e que, mesmo quando queremos defender, desvirtuamos algumas vezes pelo exaggero das theses. Nada, portanto, de exaltação.

Queremos a igualdade da mulher tal qual é dscrpta pelo imortal e bom Lagouvé, *igualdade na differença*, igualdade que póde existir sem prejuízo de nehuma das duas metades do gênero humano, igualdade que eleva a mulher e prova em favor do homem. Concorda? Então passemos adiante.

Entre as brazileiras mencionadas no seu artigo de apresentação teve a generosidade de collocar-me. Houv, porém, ligeiro engano quanto ao meu último nome, que raramente assigno e é Lemos.

Maria Emilia da Rocha é pseudonymo de um literato do Rio que há muito zomba dos leitores do Paiz andando *vestido de saias!* Por coicidencia adoptou os meus dois primeiros nomes e mais de uma vez tenho tido necessidade de regeitar os elogios feito aos sonetos attribuidos a mim, que, infelizmente só escrevo em prosa! Digo infelizmente porque a Poesia é depois da Musica a maior consoladora da frágil humanidade. O verdadeiro poeta encontra sempre echo em nossos corações! Sentimos as suas alegrias e choramos as suas amarguras! Ah! Ser poeta é ter a faculdade de gradar fallando unicamente no que nos interessa, no que nos vem do coração! Para o prosador o publico é mais exigente: quer sempre uma Idea que interesse, sinão a todos, pelo menos a grande numero de leitores.

Para terminar estas linhas devo dar-lh os mais festivos emboras pela iniciação de sua vida jornalística. *A Mensageira* aqui nestas regiões silenciosas e tristes do interior chega como a pomba d'aliança, trazendo ao nosso espírito sequioso do *novo* e do *bello* uma doce recreação qual a de podermos por instantes *ouvir* a prosa incomparável de Julia Lopes ou a conversação engraçada e alegre de Maria Clara. Nas poetisas não falo! A ellas já me referi quando falei dos poetas em geral!

Portanto, ponto.

Minas, Novembro 97.

A MENSAGEIRA, ANNO I, N. 7, 15 de janeiro 1898, p.97.

Com ares de chronica

Há uma campanha que as senhoras brazileiras devem emprehender: a lucta a favor da paz no mundo e a propaganda contra a idéia da guerra.

Xavier de Carvalho

Si Xavier de Carvalho não fora de há muito credor de nossa enthusiastica admiração pelas suas idéias generosas e nobres relativamente á mulher, conquistala-ia agora, manifestando-se assim tão contrario á guerra, essa herança estúpida que nos ficou dos tempos primitivos.

Mais de uma vez temos tido occasião de dizer que deixaremos nossos filhos seguirem toda e qualquer carreira para que tenham vocação, exceptuando-se unicamente a militar. Para essa, para a carreira das armas, elles só poderão se encaminhar contrariando fundamente a vontade materna. Cremos, entretanto, que isso não succederá, porque far-lhes-emos a nossa propaganda *em tempo*, nos áureos dias de sua infância tenra, em que, como flores radiantes e lindas, adornam e alegram os encantos de nossa casa! E cremos que é esse meio, sinão o único, pelo menos o mais poderoso, de conseguirmos a paz universal, para a qual têm trabalhado os mais eminentes vultos do século.

Nós, brazileiras, sabemos por experiência própria os dissabores da guerra e o estado a que Ella nos conduz. Que nação do mundo estará actualmente em condições mais desanimadoras do que a nossa?

Aqui, porém, a guerra peior é a que trabalha pela surdina.

E a nós, como filhas, esposas, mães e irmãs, compete fazer toda a sorte de sacrifícios, afim de conseguirmos cortar pela raiz um mal que váe querendo vingar no solo amado... Referimo-nos aos assassinatos políticos. Sim! É em nome da dignidade de nossos patrícios que devemos exhortal-os a abandobarem esse systema desprezível! Os mais desinteressados patriotas brazileiros, pertencentes a

qualquer dos partidos políticos do Brasil, são de todo contrários a esses *assaltos á vida humana.*

Depois, um partido que tem elementos para dominar, não precisa dessas armas mesquinhas. Um político que manda assassinar o adversário parece confessar publicamente que não se julga com capacidade de vencer.

E ahi fica o appello ás nossas compatriotas: faça cada qual tano quanto puder em beneficio da pátria.

Para arrematar minhas desalinhadas *chronicas*, encetarei de hoje em diante, (com permissão da directora da Mensageira), o systema de transcrever pequenos trabalhos literários no final de cada uma dellas. Amenisarei assim a secção confiada á minha penna arida. Confesso, porém que preferirei trasladar para aqui trabalhos de senhoras, e para principiar ahi váe essa poesia:

A Turca (Impressão dos Simples) De bahú ao hombros e filhinho ao lado Vem a turca pobre pela estrada afora... Certo não é leve, certoé bem pzado Esse fardo todo que Ella traz agora!

Si o pequeno chora, Ella sorrindo canta! Si o pequeno canta, Ella a sorrir se cala! Tem os olhos meigos como os de uma santa. É feliz si o filho ganha um pão de rala!

Muita vez encontra, pelo seu caminho, Gente galhofeira que lhe faz insulto, Fica então transida, pede a Deus baixinho, Que de todo crime lhe conceda indulto.

Em seguida pede, prolongando a reza, Que a criança frágil fique dura e forte, Que su' alma nova, de pecado illesa, Tenha Deus por guia e seja o bem seu norte.

E depois, á noite, quando a turca pobre Chega ao lar mesquinho, a tritar de frio, Com a própria veste o filho amado cobre, Dando beijos d'alma no seu corpo esquio!

Presciliana Duarte de Almeida

Tendo offerecido versos á leitora, não quero mais prosar e prefiro reler o meu *álbum de roceira*, de onde hão de sahir as poesias transcriptas nas futuras *chronicas* da Maria Emilia.

Minas, Janeiro 1898.

A MENSAGEIRA, ANNO I, N. 8, 30 de janeiro 1898, p.113.

Com ares de chronica

Parece impossível que em pleno século das luzes, quase á entrada do século vinte, ainda se vejam umas tantas phrases fúteis e balofas, cansadas de correr mundo, repetidas por homens que gosam dos foros de civilisados e intelligentes! Embora, leitora amiga, tu que lês os diários das grandes cidades, pasmas, como eu, certamente, diante de tanta improbidade e incoherencia.

Que a literata jamais será boa dona de casa, (precavenham-se as escriptoras solteiras contra essa guerra de certos jornalistas); que, a terem as mulheres profissionais liberaes, ficará o lar abandonado, perecerá a família, e cousas análogas...

Ora, a refutação dessa doutrina 'tão fácil qu até nos próprios domínios da vida do homem encontramos argumentos contra Ella. Porque poderá o homem ser literato sem abandonar seus deveres de empregado publico, como Macahado de Assis e Arthur Azevedo; sem esquecer os seus livros de jurisprudência, como Lucio Mendonça; sem deixar a sua cadeira de professor, como Silvio de Almeida, Arthur Lobo e Carlos Laet; sem faltar ao seu serviço no commmercio, como João Luso; e a mulher terá *forçosamente* de abandonar a casa porque nas horas que lhe ficam de seus lazeres escreve um soneto ou faz uma tira de prosa? É preciso muito capricho de imaginação para crer em tal.

Quanto ás profissões liberaes para a mulher, ainda é mais forte a guerra dos defensores do lar.

Todavia, é em nome do lar, é em nome da grandeza de amor, é em nome do altruísmo da mulher, que todo homem sensato deve premunir suas filhas com uma profissão que garanta sua subsistência independentemente do casamento. A mulher preparada assim para a vida, confiando em si mesma, só verá no casamento essa felicidade incomparável da família e do amor, só se casará por affeição, não terá de ceder diante das circunstancias, como no systema social até hoje estabelecido, emq eu a mulher, ame ou não ame, encontre ou não o seu ideal, tenha ou não o coração preso á margem de um noivo morto, há de, irremediavelmente, ou casar-se, violentando os seus mais santos sentimentos, ou então resignar-se á triste condição de viver de favores, dependendo do *canto alheio* e sobrecarregando os parentes.

Eduquemos nossas filhas com a sobranceria e coragem para viverem por si, sem nos esqucermos de que a mulher, como o homem também, só encontra maior somma de felicidade no aconchego do lar e da família,. Mas, não as condenemos a estabelecer esse lar sem a base fundamental do sentimento, nem a viver como parasita.

Demais, a mulher feliz, a mulher casada por amor, não está sujeita a enviuvar, a ter de sustentar com o seu trabalho os filhos extremecidos? Não está sujeita a ver o esposo impossibilitado de trabalhar em conseqüência de um incomodo qualquer? Em taes emergências a profissão da mulher não é a garantia do lar e do amor?

Não, os retrógrados preguem suas doutrinas estacionárias, mas, por Deus, não nos venham dizer que é em nome do amor e em defesa do lar!

E por hoje despeço-me da leitora, dando-lhe a ler essa bella poesia:

Estrella e flor

"Como te invejo, peregrina estrella, Pharol eterno de uma luz tão bella, Dissera a pobre flor, Eu vivo, mas minha'alma suspirosa Teme a morte, que é certa, e tu, radiosa, Não perdes o fulgor!"

Não me invejes, dissera á flor a estrella, A vida mais feliz é a mais singela Também a mais temida, Já me canço de ser eterna e creio Que quando a morte não nos traz receio Bem pouco vale a vida!

Eu, se morrer pudesse, bem quizera, Por mansoléo tria uma chimera, Por prece uma illusão. Como havia, meu Deus, de ser formosa A morte de uma estrella luminosa Perdendo o seu clarão!

Morreria, talvez, como a criança, Ou mesmo como morre uma esperança Cheia de vida e luz! E a noite suspirosa então viria Cantar a serenata da harmonia Que a noss'alma seduz!

Maria Clara da Cunha Santos

Que tal? Não é um bonito surto d imaginação poética?

A MENSAGEIRA, ANNO I, N. 11, 15 de março de 1898, p.161.

Com ares de chronica

Quarta-feira de cinzas...Sahi do Templo com o espírito annuviado e o coraçõa confrangido. O *momento homo quia pulris ES ET in pulverem reverteris* e a cinza que vi na testa das donzellas formosas e de creanças rosadas me trouxeram á mente uma revoada de pensamentos tristes! – A morte! O esquecimento!

A idéa do anniquilamento completo, - esse lampejo de esperança única para os apaixonados infelizes. – é o mais negro dos pensamentos para os que attingiram na terra a realização dos seus sonhos e dos seus anhelos! Pensar em emigrarmos para o paiz do desconhecido, deixando com vida e mocidade o ente que amamos e os filhos que extremecemos, é ter um dos maiores supplicos e soffrer uma das mais esmagadoras agonias!

Si nos vem ao pensamento o inverso da medalha, se nos lembramos que podemos ver amortalhado o anjo louro que papagueia e nos beija a todo instante ou o companheiro amigo que é o nosso apoio e a nossa confiança, então sentimos como que paralisado o coração no peito, tal é o horror que nos invade a alma!

Mas, a que propósito e com que direito venho communicar á leitora estes melancólicos pensares! Não sei por ventura de cor aquella phrase de Clotilde – é indigno dos grandes corações espalhar a perturbação que soffrem - ?

Falemos, portanto, minhas amigas, de cousas alegres e boas. Nesta terra, onde os jasmineiros perfumam as nossas janellas e onde se ouve a toda hora o canto de aves encantadoras, parece que temos a obrigação de ser joviaes e bem dispostas. Que fiquem os pezares para os habitantes de Londres, por exemplo, onde dizem que o céu é tão triste que nem parece céu...

Vejo, porém, que já não disponho de espaço para mudar de assumpto e vou por isso dar a poesia de costume. Para hoje são uns versos adoráveis na extensão da palavra: trata-se da bella poesia de Francisca Julia, intitulada *Inconsolaveis*. Todas as vezes que releio esses versos penso num livro que ainda há de vir e em que a talntosa poetisa, deixando falar sinceramente o coração, nos dará uma obra monumental, talhada, em versos tersos e divinos! Vejam as leitoras si estes versos são de uma impassível:

Inconsoláveis

Almas, porque choraes, si ninguém vos respondes? Almas, porque? Deixae as lagrimas! Em pós Do Ideal correi, correi a longes plagas, onde Não exista inguem que escarneça de vós.

Lançáe o vosso olhar a longiguas paragens, Bem distantes daqui, cheias de ideaes risonhos, Onde as aves do amor, sacudindo as plumagens, Passem cantando ao longe a musica dos sonhos...

A longes plagas onde estas misérias todas Não consigam deixar o mínimo signal; Paragens onde, em meio as delirantes bodas Dos sonhos e do amor, exulte e cante o Ideal...

Mas não, almas! Soltae a vossa queixa triste; Cantae ao mundo inteiro a vossa magua justa; Essa terra de Ideal, ó almas, não existe; Inventei-a sómente, e invental-a não custa.

Pobres almas, lançáe em torno a vossa vista:

Sempre haveis de encontrar essa miséria atroz. Almas, chorae, que embora esse paiz exista, Nelle há de haver alguém que escarneça de vós.

Francisca Julia da Silva

Aposto em como todas as leitoras desejam conhecer pessoalmente a auctora de tão lindos versos, e as que não puderem ter essa ventura, consolem-se commigo que também não posso, infelizmente, me approximar de nenhuma das nossas boas escriptoras, visto habitar num interior de Provincia. (Perdoem-me os republicanos, mas parece-me que esta palavra, de preferência a Estado, nos traz a idéa da paz e quietação dos lugares afastados dos grandes centros).

Minas, fevereiro de 1898.

A MENSAGEIRA, ANNO I, N. 15, 15 de maio de 1898, p.225.

Com ares de chronica

Completam-se hoje dez annos que a rósea luz de uma nova aurora se derramou sobre o solo abençoado da Patria! Foi a 13 de março de 1888 que se extinguiu no horizonte a ultima nuvem do depotismo – da deshumana escravidão! Dessa epocha para cá todas as mães brazileiras teem os mesmos direitos sobre seus filhos. Até então...

Mas, que eu digo? – ainda hoje quantas mulheres desventuradas procuram debalde seus filhos?

De muitas sabemos que fixaram pela ultima vez o olhar nos fructos de suas entranhas, ao vêl-os sahirem *vendidos* para longes terras! A nós, já se nos afigura ser mentira ssa triste realidade, que pesa como um castigo sobre o nosso passado!

Desde os mais tenros dias de minha infância, revoltei-me contra a escravidão dos negros e contra o captiveiro da mulher! Nunca pude reconhecer o privilegio do *branco* nem o privilégio do *homem!* Nós todos, que pensamos e sentimos, que soffremos e amamos, que trabalhamos e luctamos pelo desenvolvimento da

humanidade, cada qual á medida de suas forças, temos direito a essa divina graça – a liberdade! Ella é essencial a toda *alma*, como o ar a todo *ser*.

A victoria do abolicionismo, no Brazil, teve á sua frente o coração generoso, a grande magnanimidade de uma mulher — a Princeza Izabel. Só os espíritos pirrhonicos poderão neger-lhe a parte que lhe coube na campanha da regeneração social. A Ella coube assignar a lei de 28 de Setembro de 1871, que emancipava o berço dos captivos, a lla ainda coube a gloria de apressar e ultimar a grande reforma! Ouçamos a voz de Maria de Andrade, a notável professora brazileira, na sua *Hostoria ndo Brazil:* "o barão de Cotegipe não concordando com a regente sobre a emancipação immediata, pediu sua demissão e foi substituído pelo ministério João Alfredo (10 de Março de 1888), que se poz á frente dos abolicionistas e conseguiu que fosse realisada esta reforma, sendo a lei da liberdade dos escravos sanccionada a 13 de Maio, no meio das mais enthusiasticas demonstrações de jubilo de povo, que alcatifou de flores as ruas por onde tinha de passar o carro da piedosa princeza, a cujos esforços, não há negar, se deve aquelle grande acontecimento tão cedo e tão pacificamente alcançado."

Commemnorando a gloriosa data, voltamos o nosso pensamento aos grandes mortos que tomaram a dianteira na lucta pela liberdade dos captivos, e cobrimos d bençãos os nomes do Marquez de S. Vicente, do Visconde do Rio Branco, de Luiz Gama, de Joaquim Serra, de Luiza Regadas, do inolvidável Castro Alves e de Ferreira d Menezes!

E, como fecho a esta chronica, só nos ocorre o seguinte soneto, da lavra de um grande orador abolicionista:

A Liberdade!

És, ou não és, serás: morta sorriste; Vives no lábio ingrato que te nega; Presa – dás luz a humanidade cega; Solta – teu seio ás seduções resiste!

Nunca envelheces, moça – alegre ou triste; Teu hombro o globo colossal carrega; Teu sangue é chuva preciosa – rega O pó das gerações que nunca viste. Mudas de aspecto e forma! – se vencida, Faz-se derrota o symbolo da Victoria; De toda vida se compõe tua vida:

A Arte, a Sciencia, a Poesia, a Historia, São teu cortejo trimphal! Unidas Levas do horto a humanidade á Gloria!

Jose Bonifacio

Bendigo mais uma vez o dia 13 de Maio, desejando que todas as mães brazileiras saibam incutir em seus filhos o verdadeiro amor da liberdade e as nações sublimes de uma nobre fraternidade.

Maria Emilia.

13 de Maio de 1898

A MENSAGEIRA, ANNO I, N. 16, 30 de Maio de 1898, p.243.

Com ares de chronica

Quando na minha ultima chronica falava dos grandes homens que se dedicaram á remissão dos captivos, no Brazil, bem longe estava de suppôr que André Rebouças, o luctador audaz e destemido, que, levado pelos mais nobres dos corações, tanto trabalhou pela causa da raça africana, pertenceria dentro de poucos dias á confraria dos nossos mortos gloriosos. Foi em Funchal, na Madeira, que se finou o nosso eminente compatriota, engenheiro que tinha reputação universal e talento fulgurante, que abrilhantou a imprensa do Rio de Janeiro, no *Globo*, na *Gazeta da Tarde*, na *Cidade do Rio* e no *Paiz*.

"Andre Rebouças era a resignação servida pelo mais santo desprendimento; um anjo em peregrinação atravez da maldade humana para attenual-a, para aparar-lhe os golpes trahiçoeiros.

A sua vaidade era o bem alheio, o seu orgulho concorrer para a felicidade do seu próximo.

Na propaganda abolicionista, elle Ra o centro de que se irradiava o calor do apostolado sacrosanto."

Eis como se exprime a *Gazeta da Tarde* sobr o homem illustre que o Brazil vem a perder. Era umexilado voluntario que, após a revolução de 15 de Novembro, seguira

a família imperial, escravisado por sua gratidão illimitada á princeza, que concluura a obra da abolição, para a qual elle tanto concorreu.

Como verdadeiro espírito de eleição, proccupu-se também com o problema da educação feminina. São delle estas palavras de incitamento á elevação da mulher: "Educae, instrui e elevae a mulher! Formae Cornlias, mães de Gracchos; formae Beecher-Stowes, libertadora e mestra de seis milhões de africanos; e tereis assegurado o mais grandioso futuro á democracia brazileira. Oh! Sim, mil vezes sim! Eleváe a mulher!"

A nossa veneração e o nosso respeito á sua memória imperecivel.

Busquemos como chave de ouro a estas rudes linhas o bello soneto que se segue:

Visita á casa paterna "Como uma ave que volta ao ninho antigo, Depois de um longo e procelloso inverno, Eu quis também rever o lar paterno, O meu primeiro o virginal abrigo.

Entrei. Um gênio carinhoso e amigo, (O fantasma, talvez, do amor materno) Tomou-me as mãos, olhou-me grave e terno, E passo a passo caminhou commigo.

Era esta a sala...oh! se me lembro, e quanto!... Da lâmpada nocturna á claridade, Minhas irmans e minha mae... – O pranto

Jorrou-me em ondas...Resistir quem há-de?
- Uma illusão chorava em cada canto!
Gemia m cada canto uma saudade!"
Luiz Guimarães

O Grande poeta que firmou essa pagina admirável está também divisado pela morte! A mãe- pátria soluça agoniada...
Maria Emilia

A MENSAGEIRA, ANNO I, N. 20, 31 de Julho de 1898, p.305.

Com ares de chronica

Commemoramos a queda da Bastilha, a folhinha nos apresenta o 14 de Julho, a data inicial da liberdade dos povos.

Este dia que, com o correr dos anos, se tornou, por assim dizer, de festa universal, nos relembra que a Revolução Franceza, ao memso tempo que rasgava novos horizontes para o espírito do povo, fazia-o conhecer a força deste novo ente que constitúe a sua metade e que participa de todos os seus martyrios. Mme. Ronad, que no dizer de Lamartine foi a alma da Revolução, Mme. Roland não póde ser esqueida por mulher nenhuma neste dia de tamanha grandeza histórica! E o seu vulto aureolado nos apparece em mente, ora dirigindo ao altos planos dos mais eminentespersonagem da epocha, ora subindo ao cadafalso e deixando cahir dos lábios aquella phrase tão cheia de ironia e de verdade: "Liberdade! Liberdade! Quantos crimes em teu nome se commettem!"

Então levadas por um sentimento de enthusiasmo e de piedade, de pasmo e de veneração, buscamos as suas *memórias* e ficamos embaladas por aquella linguagem singella e grandiosa, vestindo pensamentos nobres e ternas recordações da infância! Mme. Ronald é um symbolo! Si nenhuma outra mulher eminente houvesse existido sobre a terra, esta só bastaria para syntetisar a profundeza e a força moral dos eu sexo! Mas, o memso cadafalso de onde rolou a sua cabeça gloriosa, nos recorda que aquelle grande movimento político da França tinha no seu seio convulsionado caracteres como o de Carlota Corday, além de mulheres de espírito tão elevado como Mme. Necker!

A revolução Franceza!...

Quem não terá chorado lendo as cartas da meiga Lucilla a Camillo Desmoulins? Quem não terá sentido extranha sensação de horror ao pensar na princeza de Lambelle, immolada ao altar da amisade incomparável que votava a Maria Antonieta?

Quem não extremecerá ao pensar que a cabeça da desvelada amiga, depois de decepada ainda foi afincada numa lança e conduzida á frente de Maria Antonieta para mais lhe espesinhar o coração já martyrisado com a retirada brutal do seu louro e tenro Delphim?

E pensar que essa enorme tragédia da revolucção Francesa não fez germinar no seio da humanidade todas as sementes do bem!

E pensar que ainda depois della há quem sustente com intransigência ferrenha a bastilha dos preconceitos; há quem interponha, entre a dignidade da mulher e as suas prerrogativas, barreiras crivadas de espinhos; há quem negue a seus semelhantes o direito da opinião e a opinião de direito!

Essas muralhas negras, porém não entibiam os defensores da Justiça, como a guilhotina não amendorntava os heróis da Gironda. Abençoado desprendimento dos que sabem sentir a força de uma convicção! Bemdita verdade, que não te deixas obumbrar pelos sophismas dos que te querem opprimir!

Os luctadores conctos têm no emtanto, compensação a tudo que soffrem; para que o seu coração irradie de jubilo e mais accentúe a sua fé, basta ás vezes uma única phrase de um homem superior, como aquella de André Rebouças, no seu livro *Orphelinato Gonlves de Araújo*, ao terminar a transcripção de um trecho de Sophie Raffalovich: "Todas essas reflexões levam a um problema novo para as raças neo-latinas: - *Abolição da escravidão da Mulher*."

Para pôr termo a esta chronica, queremos uns versos que nos lembre que é no regaço da mulher que se acalentam as cabeças imberbes dos homens do futuro. Seja uma poesia de Silvio de Almeida, que me veiu há tempos numa folha paulista e que fora classificada por Guiomar Torrezão, em chronica de Lisbôa, como "uma suave elegia, penetrada da incoercível sensibilidade tão pessoal e subjetiva como só a póde experimentar e reduzir á forma graphica o poeta, o eleito da inspiração, o verdadeiro artista namorado do ideal que o seduz."

Porque sou triste?
Porque sou triste, si alegrar me cabe
A minha Mae, já velha e alquebrantada,
Que tem vivido, como só Deus sabe,
De continua tristeza amargurada?

Não terá jus ao meu amor ardente Quem tendo sido, como foi, tão pobre, Me ensinou a presar unicamente O grande, o bello, o veraddeiro, o nobre?

E não merece as minhas poesias Quem me contava o nome das estrellas, Dizendo: "Silvio, vê as Tres Marias, E estas... e aquellas... Que bonito é vê-las!"

Pois minha mãe, que me trazia ao peito, E me embalçava,q uando mais menino, Não tem agora, por egual, direito De querer que eu lhe abrande o seu destino?

Tudo lhe devo, desde a luz da vida Até a mesma luz que me ame allumia, Pois, só por minha Mae querida, Não vejo a noite quando brilha o dia!

Porque sou triste, pois? Quem Ih consola A noite da velhice, que já desce? Quem me dera um sorriso por esmola, Com que sorrir á minha mãe podesse!

Silvio de Almeida.

Flores ao poeta e descanso ás leitoras.

A MENSAGEIRA, ANNO I, N. 24, 30 de setembro de 1898, p.369.

A Influência do lar

Na lucta pela vida, nesse attricto de difficuldades, de decepções e de tormentos, o lar domestico, o lar tranqüilo, o lar medianamente feliz é o Oasis onde o homem se abriga contra a indiferença, contra o vicio e contra o tédio. Comprehender a sua missão, respeitar o santuário da família, proteger a mulher e ao mesmo tempo fortifical-a, preparando-a para que seja capaz de se manter contra honra e dignidade caso se veja sósinha neste mundo, eis o dever de todo o homem que foi bafejado pelo sopro da civilização e que soube auferir o proveito das luctas em que se tem debatido a humanidade.

Para que, porém, o tecto que abriga uma família seja digno de ser considerado como o templo da paz e do amor, quanto esforço não é preciso da parte de cada um dos cônjuges! Muita gente diz: o marido faz a mulher, outros: a mulher faz o marido, e esquecem-se assim daquillo que se aprende num provérbio muito corriqueiro — "uma andorinha só não faz verão". O que é preciso é que haja bondade de parte a parte, benevolência de lado a lado, boa disposição de cada um para ver nos conselhos do outro o interesse do bem e do justo, o proverbio moral de ambos, e o que é ainda mais serio, a felicidade dos filhos.

É bem triste de ver a jactância com que certos homens se gabam de não consultar nunca suas mulheres acerca de seus negócios! É verdade que existem, infelizmente, mulheres que cuidando só de fitas e futilidades não têm senso commum para ajudar o marido a pensar, ou a discrição precisa para guardar um segredo. Mas, são execpções; e, si o marido estivesse bem compenetrado da ligação estreita que deve existir no casal, cabisbaixo deploraria a sua solidão moral em vez de se gabar e dar mau exemplo aos inexperientes. E vem bem ao caso transcrever aqui algumas linhas com que Jules Simon descreve um lar modelo, num artigo publicado recentemente sobre a Mulher de outr'ora:

"Uma vez casada, a mulher exercia autoridade absoluta em sua casa. O marido não fazia senão consultal-a. os filhos a consideravam como a lei vigente.

O lar domestico nãos e parecia, como hoje, a um hotel, onde pode entrar qualquer pessoa bem vestida e que tenha sido apresentada. Era uma espécie de sanctuario.

Além disso o interior duma casa não se assemelhava, como hoje, ao interior das outras casas. Existia originalidade. Uma mulher tinha o direito de dizer "minha sala". Ella a havia mobiliado segundo seu gosto e desejo.

As casas não eram tão grandes como agora; a criadagem menos numerosa; os gasto mais em relação com as entradas.

Uma obra d'arte trnsmitida pelo pae ao filho, era exposta na sala em vez de todos esses objectos tão caros como vulgares, que hoje se compram nas lojas e bazares.

A dona de casa sabia contar. Examinava todas as contas e sem se avara, economisava. Tinha creados antigos, os quaes tratava amistosamente porque via nelles outros tantos conselheiros respeitosos. Eram amigos da casa, amigos seguros do marido, da mulher, dos filhos.

Nessas casas convidava-se a jantar as relações, e a dona da casa sentia-se orgulhosa de poder dizer "fui eu quem fez este prato"; geralmente Ella servia a sopa. O esposo não desdenhava descer á adega para buscar certo vinho velho, de que contava a historia.

Como todos os convidados pertenciam ao mesmo mundo, a conversação era geral e interessante. Então, sabia-se conversar com sinceridade, franqueza "laissez aller", porem sempre com decência.

Depois do jantar, a conversação seguia. Ainda não havia o costume dos homens retirarem-se a outro quarto para fumar e as mulheres reunirem-se em pequenos grupos para falarem de modas e outros assumptos que as afastavam dos homens.

Todos reunidos conversavam sobre o ultimo livro ou quadro. Recitavam ou liam versos. Tambem cantavam, muitas vezes com acompanhamento de guitarra.

Assim acontecia quando eu era jovem.

Então, num salão todos eram sinceros, e todos sabiam divertir-se francamente."

Bello devia ter sido, na verdade, sse tempo de simplicidade e virtude. Que a mulher não seja, pois, essa lei vigente a que se refere Jules Simon, que não seja a providencia moral da moderna seita philosophica, mas que seja ao menos uma companheira a qual se prodigalise consideração,, respeito e fraternidade. A Oppressão produz a revolta, disse-o há muito eminente escriptora. Emtanto é bem certo que a mulher, pela sua infinita magnanimidade e grande força affectiva, memso quando se revolta pela razão, Conge-se, amolga-se e tudo perdoa, levada pelo sentimento.

A MENSAGEIRA, ANNO II, N. 28, 15 de Maio de 1899, ANNO II, p.70.

Com ares de chronica

Que enferrujada que estava a minha pobre penna de chronista! E para ahi continuaria certamente ociosa sinão se me deparasse, ao revolver papeis antigos, um soneto que desejo ver publicado na Mensageira, pois que além de bello e tocante, é da lavra de um poeta recentemente fallecido. Refiro-me a Figueiredo Coimbra, distincto homem de letras que a morte arrebatoua 23 de Março próximo passado, contando apenas 33 annos, a idade de Christo, a idade do seu sublime inspirador. Eil-o:

Redempção nova

Ao Dr. Antonio Bento

Christo piedoso! Que feroz suppicio Esse a que o collo humílimo vergaste! Foi inútil o enorme sacrifício! Christo, debalde te sacrificaste!

Em vão teu sangue no immortal flagicio Banhou a terra que tu fecundaste... P'ra nos livrar do horrendo precipício Não há sangue puríssimo que baste!

Lanças os olhos cheios de agonia Por toda parte e em toda a parte vês Triumphar a maldade e a hypocrisia!

Tu que na humana conversão não crês, Darás, quem sabe? Ao mundo novo um dia A redempção, pela segunda vez!

Figueiredo Coimbra

Depois da leitura de uns versos assim quem não terá gravado n'alma o nome de Figueiredo Coimbra? O maior monumento que se póde erigir a um poeta, é tornar tanto quanto possível conhecidos os fructos do seu ingenho, os arroubos de sua inspiração.

O soneto que se vem de ler é dedicado ao Dr. Antonio Bento, o abolicionista revolucionário, o grande apostolo da liberdade, fallecido há mezes, na capital de S. Paulo. E agora que se festeja o 11 aniversario da lei áurea, agora que o 13 de maio ahi está, com a sua alvorada risonhade data gloriosa, de dia de festa nacional, muitas creaturas de alma agradecida hão de ter a enfeitar-lhes as faces negras o brilho das lagrimas da saudade... É a primeira vez que os captivos de hontem acharão deserta a janella da casa do Dr. Antonio Bento nesse dia celebrado, a janella em frente a qual iam infallivelmente dançar o seu significado samba, revolueado e alegre, alegre e agradecido...

A MENSAGEIRA, ANNO II, N. 33, 15 de Outubro de 1899, p.169.

Com ares de chronica

Um grande acontecimento assignalou a vida das brazileiras no dia 1º do corrente: a Dra. Myrthes de Campos, afrontando a ira dos retardatários e galgando a barreira dos preconceitos, assomou á tribuna judiciária do Rio de Janeiro e fez a defeza de um réu! Esse facto deixará um marco milliario na vida da mulher indígena e constitúe um trophéu de gloria para o Dr. Viveiro de Castro, que deu a licção mais bem dada que se podia dar ao Instituto dos Advogados do Rio de Janeiro. Essa corporação discutia a admissão da mulher ao exercício da advocacia e poucos dias antes discorrera durante uma de suas sessões o Dr. Carvalho Mourão, que combateu fortemente o parecer sobre a admissão da mulhr como advogada, firmando-se em considerações tiradas do direito romano e do direito portuguez.

Quer nos parecer que andou mal avisado o douto advogado procurando basear-se no direito romano, estabelecido no tempo ainda que a mulher não tinha siquer nome próprio e era designada por numero como simples objecto! A sociedade evolúe e com Ella evolúe também o direito. Máu grado emtnto as locubraçoes do instituto dos Advogados, a noticia de que uma senhora ia ocupar tribuna do jury

corria de bocca em bocca. No dia determinado para a sessão do jury encheu-se o tribunal de assistentes, ntre os quases havia grande numero de senhoras. Esperava muita gente que o juiz não permitisse que a defesa foss feita por uma mulhr. O Dr. Viveiros de Castro, porém, com verdadeira isenção de animo, interpretando sabiamente o direito e a justiça e levado pela liberdade de conciencia, "esse poder invencível que desafia todas as tyrannias" na phrase eloqüente do Dr. Costa Machado, deu a palavra á Dra. Myrthes d Campos, que, ao subir á tribuna, foi recebida com prolongada salva de palmas.

A jovem advogada, commovidissima, fez o exórdio, tendo por thema o pale da mulher na sociedade; remontou á Grecia e aos tempos feudaese provou que a mulher, além do direito, hoje adquirido, de advogar, já foi juiz. Ao concluir a sua brilhante defeza, foi a Dra. Myrthes de Campos muito applaudida e cumprimentada pelo juiz e pelo promotor. O réu foi absorvido, por onze votos.

Que dirá a tudo isto o Instituto dos Advogados?

Quando há pouco em França a Camara dos Deputados approuvou por 319 votos contra 174 a proposta de lei permittindo ás senhoras o exercício da advocacia, os adversários da emancipação feminina atacarm vehementemente a resolução do parlamento, invocando o interesse, a dignidade e a unidade do lar domestico. A essas accusações respondeu o Temps no seguinte teor:

" Conceder ás mulheres a liberdade de ganhar honestamnete a sua vida, não é querer arrancal-as ao lar conjugal.

Essa liberdade visa, apenas, a disputal-a á miséria e alguma coisa peior ainda que a miséria. As mulheres que resolverem casar não serão obrigadas a advogar toda a vida. É uma questão que diz respeito a ellas e aos respectivos maridos.

Si forem mais precisas em casa que no palácio da justiça ser-lhe-á facillimo renunciar á sua profissão.

Mas, quem não reconhecerá a dignidade, a confiança em si, a garantia, a independência, que para elllas há de reprsentar, antes e depois do casamento, a certeza de que podem ganhar a sua vida sem auxilio de pessoa alguma? Quem não

reconhecerá que esta certeza é uma força moral poderosa, um ponto de apoio contra as tentações, as fraquezas e os desfallecimentos.

E o que há de extraordinária no facto de uma mulher ir advogar para o tribunal emquanto o marido está no seu escriptorio ou no seu estabelecimento? Não vão as mulheres do povo trabalhar para fora, dias e dias, emquanto os maridos estão nas officinas? Será por acaso mais immoral passar o dia no palácio de Justiça, na presença de toda a gente, que passal-o nos ateliers de modista, nos grandes armazéns de Paris... ou em outras partes? Não vemos em que a dignidade do lar possa ser mais prejudicada com a profissão de advogada que com a de costureira ou outra qualquer.

Além de que – repetimos – não se trata de obrigar as mulheres a exerceruma profissão.

Tracta-se de lhes permittir um emprego honesto, ond possam ganhar a sua vida. Impedindo-as de trilhar o caminho direito da existência, não fazemos mais do que abrir-lhes, de par em par, as portas dos outros. Collocamos as desgraçadas que não têm fortuna nem família na cruel alternativa de morrer de fome ou de se degradar. É preciso realmente que sejam ainda bem poderosos os prejuízos do sexo para que homens, sem duvida dotados de excellentes sentimentos, tenham luctado, tenazmente, como luctaram na sessão de hontem, contra a evidencia. Perderam a partida, felizmente, Consola-nos, porém, a esperança de que talvez, a sangue frio, pensando bem no caso, ficassem desolados, se a tivessem ganho."

Mais e bem mais eloqüente ainda do que a argumentação do Temps são as seguintes linhas de uma chronica do Paiz, linhas reçumadas de amarga ironia e verdade:

" O homem em geral exig da mulher pobre que seja honesta, fingindo, entretanto, que não a vê, quando está mal vestida ou demonstra necessidade estrema.

Creando para Ella este dever, o sexo forte entendeu que devia lhe trancar todos os meios de vida, a nãos er aquelles em que o dito sexo não se póde empregar, por não darem renda capaz de garantir o feijão, o cigarro, o calix de

qualquer coisa e o resto que a natureza reclama. Generoso, o sexo barbado disse a mulher que o seu papel era no lar, na educação dos filhos, nas caricias do esposo, no seu throno domestico da graça, longe do mundo, das suas contingências miseraveis, das suas abominações tremendas, a cujo contacto não há alma feminina que não empalideça e não se estiole.

De súbito, com a morte do marido, a mulher vê-se desamparada na existência, devendo velar pelas creaturinhas orphãs entregues á sua ignorância de todos e de tudo, tendo de garantir a esses doces seres o conforto, a placidez, a segurança de vida que o seu devastado coração sonhára para elles em horas de alegria suave. O que há de fazer ella, a rainha do lar, a creatura de graça, que desconhece o trabalho, a luta pelo pão, que não sabe onde procurar dinheiro, que se sente sem préstimo, a não ser o de povoar de encantos a sua casinha, ao lado de um homem querido, segundo as lições, os conselhos, as phrases de lisonja, executadas até o instante do infortúnio?

Nesse momento o sexo forte, que acclamou rainha, que a poetisou, que lhe expoz como inútil e ridículo o trabalho, que lhe falou na sua nobre missão de viver em casa, de só pensar nos filhos, de ser graciosa, recatada, estranha ao mundo, mostra-lhe severamente a necessidade de ser honesta – costurando ou procurando arranjar na sua roda de amigas – que a hão de escarnecer – algumas lições de Frances ou de piano. Se não obtiver costuras, mantenha-se honesta; senão grangear discípulas, conserve-se honesta ainda; se não tiver almoço para os filhos, seja honesta também; se não puder pagar a casa, affirme-se mais do que nunca honesta. Grande obsequio Ella prestará ao sexo forte se o não importunar com visitas, desde que tenha desgraças a descerver ou a toilette esteja desbotada – mas seja honesta, que é o seu dever.

Ai della, porém, se na previsão dos mãos dias, se preparar para disputar ao homem as profissões que foram ate agora o seu patrimônio precioso. Tratar um doente, já é ser pretenciosa, defender um réo é o cumulo do ridículo, trabalhar n'uma repartição 'desprestigiar o poder publico. A mulher deve ser digna, mas o seu domínio exclusivo é o tal lar, onde Ella occupa o tal throno – quer Ella tenha ou não

tenha lar, quer tenha ou não tenha throno. E por isso tanto advogado se sorriu com o factode D. Myrthes de Campos ter occupado a tribuna do Jury e pleiteado com talento a causa de um individuo qu se regalou com a absolvição.

Permitta Deus que este exemplo estimule outras moças a procurarem na vida pelo seu próprio esforço o logar que te hoje ferozmente lhes tem sido negado, pelo egoísmo do sexo forte. Isto não quer dizer que procurem a Faculdade Livre as que ainda não obtiveram matricula na Escola Normal. O que convém é que a mulher se habitue a confiar menos no amparo do hoem e a contar principalmente comsigo."

04 de Outubro de 99